UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
INSTITUTO DE HISTÓRIA (IH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL (PPGHIS)

ALAN DA SILVA ROCHA

Pelos olhos de Todos os Santos:

Uma reflexão sobre o subúrbio do Rio de Janeiro a partir de Lima Barreto e do jornal *Gazeta Suburbana* (1910-1920)

RIO DE JANEIRO
2022

ALAN DA SILVA ROCHA

Pelos olhos de Todos os Santos: Uma reflexão sobre o subúrbio do Rio de Janeiro a partir de Lima Barreto e do jornal *Gazeta Suburbana* (1910 - 1920)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) como requisito necessário para a obtenção do grau de Mestre em História Social.

Orientador:

Prof. Dr. Marcos Luiz Bretas da Fonseca.

RIO DE JANEIRO

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Rocha, Alan da Silva

R672o Pelos olhos de Todos os Santos: Uma reflexão sobre o subúrbio do Rio de Janeiro a partir de Lima Barreto e do jornal Gazeta Suburbana (1910-1920) / Alan da Silva Rocha. -- Rio de Janeiro, 2022.

167 f.

Orientador: Marcos Luiz Bretas da Fonseca. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal doRio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2022.

1. História Social. 2. História do Rio de Janeiro.

3. Subúrbio. 4. Lima Barreto. I. Fonseca, Marcos Luiz Bretas da, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL (PPGHIS)
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

Pelos olhos de Todos os Santos: Uma reflexão sobre o subúrbio do Rio de Janeiro a partir de Lima Barreto e do jornal Gazeta Suburbana (1910 - 1920)

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Marcos Luis Bretas da Fonseca (Orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____

Profa. Dra. Andrea Casa Nova Maia
Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____

Prof. Dr. Álvaro Pereira do Nascimento
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO
2022

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho é a materialização de um sonho não apenas meu, mas de algumas pessoas que são fundamentais a minha trajetória, não apenas acadêmica, mas também de vida. Foram muitos os desafios que enfrentei para que este processo tenha sido concluído. Reconheço que atravessei por dificuldades que impactaram significativamente a produção desta pesquisa. O trabalho foi concluído com alguns anos de atraso em virtude de questões particulares que em determinados momentos tive dificuldade de conciliar com as necessidades da minha pesquisa. Por isso, não posso deixar de destacar algumas pessoas e instituições fundamentais para a realização deste processo.

Agradeço, primeiramente, ao professor Marcos Bretas por todo o processo de orientação e aprendizagem proporcionados à mim nestes anos de pós-graduação. O professor Bretas foi mais que um orientador, mas um ser humano fora de série, paciente e compreensivo sobre todas as dificuldades e atravessamentos que tive durante a realização desta pesquisa. Sem seu acolhimento e conselhos jamais eu teria conseguido realizar este trabalho com tamanho êxito.

Agradeço também aos professores que compuseram a minha banca de qualificação e defesa, a professora Andrea Casanova Maia, que me acompanha desde os tempos de graduação e foi fundamental durante o processo de pesquisa, e o professor Álvaro Nascimento, que trouxe contribuições fundamentais sobre a minha pesquisa. As correções e ensinamentos me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo deste curso. Ambos me apresentaram questões e indicações bibliográficas que permitiram um salto qualitativo para a realização deste trabalho.

Também sou grato a todo o corpo docente e discente do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) pelos longos anos de acolhimento, aprendizagem e parcerias. Os professores com quem tive o prazer de aprender e interagir. Aos colegas pós-graduandos, mestrandos e doutorandos, que ao longo destes anos deram dicas, sugestões, críticas e todo um processo de troca que foi fundamental para que me tornasse um pesquisador melhor. Da mesma forma também gostaria de expor minha gratidão a todos os funcionários do PPGHIS pelos anos de dedicação para que o programa continue produzindo conhecimento científico e novos pesquisadores.

Agradeço a todos os meus amigos e aqueles que de alguma forma contribuíram, de alguma forma para a realização deste trabalho. Meus amigos próximos que ofereceram escuta

e incentivo ao longo de todos estes anos e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Por fim, quero agradecer a minha família por tudo o que me foi proporcionado ao longo da minha vida. O amor, dedicação e aprendizagem foram fundamentais para que eu possa ser a pessoa e o profissional que sou. Quero expor minha gratidão ao meu querido irmão Caio Vinicius, que além de ser meu melhor amigo, continua sendo o meu grande professor. E agradeço a minha mãe, Cristina, pelo cuidado, zelo e amor que sempre teve comigo e por ter sido a grande incentivadora da minha vida. A ela dedico este trabalho e meu eterno amor.

RESUMO

Esta pesquisa de mestrado tem como objetivo analisar e refletir sobre alguns elementos que compuseram a realidade dos bairros suburbanos do Rio de Janeiro e de sua população entre as décadas de 1910-1920. Para entender como se dava a multiplicidade de questões relativas ao dia a dia dos suburbanos neste período, foram propostas duas questões fundamentais sobre o tema. A primeira delas foi discutir os sentidos que a palavra subúrbio assumiu na cidade do Rio de Janeiro a partir do século XX e como isso se materializava na realidade cotidiana dos bairros considerados suburbanos. O segundo ponto de reflexão trabalhado foi evidenciar a relação conflituosa dos cariocas suburbanos com os agentes municipais e o poder público de uma forma em geral. O descaso da Prefeitura no que tange a obras de infraestrutura, transporte, pavimentação e manutenção de ruas, iluminação, segurança e saneamento básico são apenas alguns dos vários exemplos de queixas dos suburbanos em sua reinvidicação por melhores condições de vida na cidade.

Uma das diretrizes deste trabalho foi propor uma investigação com fontes previamente selecionadas que estão no campo letrado e que envolvia diretamente intelectuais e artistas. Ambos trouxeram reflexões que são fundamentais para entendermos como o subúrbio do Rio de Janeiro e seus moradores eram representados em um período de intensa transformação da cidade do Rio de Janeiro e de desenvolvimento dos bairros suburbanos. Para a realização desta pesquisa foram selecionados alguns textos da obra de Lima Barreto, como crônicas e romances que privilegiaram os bairros suburbanos e o cotidiano de seus moradores, e as edições do períodico *Gazeta Suburbana*, em especial aquelas que foram publicadas enquanto a sede desta folha se localizava em Todos os Santos. A proposta tem como metodologia responder os questionamentos propostos inicialmente em uma análise feita a partir de agentes históricos distintos, mas que compartilharam uma experiência comum que foi a de estarem localizados no bairro de Todos os Santos durante a década de 1910, já que tanto Lima Barreto quanto a sede e redação do periódico suburbano estiveram estabelecidos nos limites deste distrito.

Palavras-chave: subúrbios; Rio de Janeiro; Todos os Santos; Lima Barreto; cidade

ABSTRACT

This master's research aims to analyze and reflect on some elements that made up the reality of the suburban neighborhoods of Rio de Janeiro and its population between the decades of 1910-1920. In order to understand how the multiplicity of issues related to the daily lives of suburbanites occurred during this period, two fundamental questions on the subject were proposed. The first was to discuss the meanings that the word suburb assumed in the city of Rio de Janeiro from the 20th century onwards and how it was materialized in the daily reality of neighborhoods considered suburban. The second point of reflection worked was to highlight the conflicting relationship of suburban cariocas with municipal agents and public power in general. The City Hall's disregard for infrastructure works, transport, street paving and maintenance, lighting, security and basic sanitation are just some of the many examples of complaints from suburbanites in their claim for better living conditions in the city.

One of the guidelines of this work was to propose an investigation with previously selected sources that are in the literate field and that directly involved intellectuals and artists. Both brought reflections that are fundamental for us to understand how the suburbs of Rio de Janeiro and its residents were represented in a period of intense transformation of the city of Rio de Janeiro and the development of suburban neighborhoods. To carry out this research, some texts from the work of Lima Barreto were selected, such as chronicles and novels that focused on suburban neighborhoods and the daily lives of their residents, and editions of the periodical Gazeta Suburbana, in particular those that were published while the headquarters of this sheet was located in Todos os Santos. The proposal's methodology is to answer the questions initially proposed in an analysis made from different historical agents, but who shared a common experience which was to be located in the neighborhood of Todos os Santos during the 1910s, since both Lima Barreto as for the headquarters and editorial office of the suburban periodical, they were established within the limits of this district.

Keywords: suburbs; Rio de Janeiro; Todos os Santos; Lima Barreto; city

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....9

CAPÍTULO 1. A FORMAÇÃO E EXPANSÃO DOS SUBÚRBIOS NO RIO DE JANEIRO ENTRE FINAIS DO SÉC. XIX e INÍCIO DO SÉC. XX.....27

1.1 **O Rio de Janeiro e as contradições de uma cidade fadada ao progresso** 27

1.2 **A formação e expansão das zonas suburbanas da cidade na virada do século**.....48

1.3 **Todos os Santos: a formação de um pequeno bairro suburbano**..... 68

CAPÍTULO 2. O BAIRRO DE TODOS OS SANTOS E O SUBÚRBIO SOB O OLHAR DE LIMA BARRETO 78

2.1 **Lima Barreto e o movimento intelectual do Rio de Janeiro**.....78

2.2 **O subúrbio do Rio de Janeiro em Lima Barreto: análise de contos, crônicas e romances**..... 90

CAPÍTULO 3. O PERIÓDICO GAZETA SUBURBANA E AS VÁRIAS EXPRESSÕES DO COTIDIANO NO SUBÚRBIO.....116

3.1 **O lugar social da Gazeta Suburbana e o seu público alvo**.....116

3.2 **A Gazeta Suburbana na busca pelos melhoramentos do subúrbio**.....135

3.2.1 **A questão sanitária e imobiliária através da Gazeta Suburbana**.....140

3.2.2 **O transporte ferroviário e a população suburbana segundo a Gazeta Suburbana**.....149

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....156

FONTES.....161

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....163

INTRODUÇÃO

Refletir sobre o surgimento e expansão dos bairros suburbanos do Rio de Janeiro, retratando, ao mesmo tempo, elementos do cotidiano de seus habitantes não é uma tarefa simples e que converge sempre a um mesmo direcionamento. Isso porque falamos de espaços da cidade que por décadas sofreram (e continuam sofrendo) com um processo de estigmatização que acentuaram a percepção dos subúrbios do Rio de Janeiro como espaços territoriais subalternos, inapropriados, precarizados ou marginalizados. Essas representações constantemente negativas sobre os bairros que são considerados suburbanos foram sendo produzidas ao longo de décadas desde fins do século XIX e ao longo de todo o século XX, criando uma memória popular que se perpetua ainda nos dias de hoje. Os porquês de uma imagem difusa, contraditória, homogênea, porém predominantemente pejorativa sobre estes bairros e regiões da cidade podem ser identificados sob a ótica de diversos fatores. O descaso ou abandono pelo poder público, especialmente se pensarmos na atuação da prefeitura da cidade que historicamente privilegiou a região central e zona sul do Rio de Janeiro [1], ou mesmo pelo esforço de uma certa tradição intelectual e artística que buscou transmitir uma ideia de civilidade ao eixo centro-sul da cidade, são exemplos que elucidam um pouco desse fator.

Há de se considerar o fato de que estes pontos se cruzam com a própria realidade socioeconômica da população carioca que reside nestes bairros. Os subúrbios, que durante a segunda metade do século XIX eram espaço de moradia das classes mais abastadas e aristocráticas da cidade e se limitavam a regiões conhecidas como os antigos arrabaldes, passam, a partir da virada século, por um processo de deslocamento de sentido na medida em que a cidade se expande para as zonas norte e oeste e os novos bairros se tornam o local de moradia da classe trabalhadora.[2] Se antes eram considerados como áreas residenciais adequadas às demandas da antiga aristocracia carioca, políticos, comerciantes e empresários de grandes empresas, oferecendo um padrão de vida elevado e ao mesmo tempo distante das agitações do centro, a partir do século XX, o sentido de subúrbio no Rio de Janeiro passa a assumir o de um lugar distante, precarizado e de pessoas pobres.

Esse quadro apresentado contribui para uma certa dificuldade em encontrar um número significativo de fontes históricas que possam trazer vestígios claros sobre a realidade

---

[1] ABREU, Maurício de A.. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP – Instituto Pereira Passos, 4a ed., 2013.

[2] FERNANDES, Nelson da Nobrega. O conceito carioca de subúrbio: um rapto ideológico. In: **Revista da FAU UFRJ - Subúrbios Cariocas.** Rio de Janeiro: n. 2, p. 8-15, 2010.

cotidiana desses bairros e de seus moradores. Isso, claro, se formos comparar com o número de fontes e referências relacionadas a região central do Rio de Janeiro e da Zona Sul da cidade, o principal eixo de atuação do poder público e onde se concentrou um número significativo de produção intelectual e artística sobre a região retratada em romances, crônicas, periódicos, músicas, etc. Tomando a imprensa como exemplo, o número de jornais, revistas e periódicos que circulavam nessa parte da cidade era significativamente maior do que nos bairros suburbanos.[3]

Contudo, isso não significa dizer que não existam fontes históricas confiáveis sobre o subúrbio carioca. Pelo contrário, observa-se um movimento importante da historiografia da cidade que desenvolve estudos relevantes sobre a região e sua população. O que se percebe é que, para analisar a formação e o cotidiano desses bairros, os historiadores tiveram que mergulhar sobre novas referências e um perfil mais amplo e variado de fontes que permitissem estudos mais aprofundados sobre a região. Periódicos como jornais e revistas suburbanos se tornaram importantes instrumentos de investigação historiográfica acerca da zona suburbana a partir de fins do século XIX. Neste sentido, a análise de periódicos produzidos que caracterizam uma imprensa suburbana durante a Primeira República se tornaram objetos de análise fundamental para a compreender um pouco sobre estas localidades que ainda carecem de um número significativo de fontes. Diversos estudos sobre os subúrbios exploraram periódicos produzidos nestes bairros que, apesar de não terem a mesma estrutura e financiamento para a sua circulação e uma longevidade se compararmos com os grandes jornais da impressa carioca, trazem elementos importantes da vida dos suburbanos.

Poucos foram os trabalhos que se aprofundaram sobre este tema e exploraram a imprensa suburbana, mas vale destacar a pesquisa do historiador Leandro Climaco Mendonça intitulada *Nas Margens: Experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro (1880-1920)* [4], onde o autor analisa o surgimento e circulação de diversos periódicos nos bairros suburbanos que circularam a partir do último quartel do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Mendonça chama atenção ao fato de que na virada do século, foram criados em diversas partes das zonas suburbanas periódicos (jornais, revistas e panfletos) voltados para os leitores residentes nestes bairros. Jornais e revistas como *Gazeta Suburbana*,

---

[3] VELLOSO, Mônica Pimenta. **O Modernismo no Rio de Janeiro – Turunas e Quixotes**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

[4] MENDONÇA, Leandro Climaco. **Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920**. Dissertação (Mestrado em História Social) Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.

Echo Suburbano, *Revista Suburbana*, *Progresso Suburbano*, *O Subúrbio*, entre outros, foram importantes para entendermos como se dava a dinâmica de circulação da imprensa na região ao mesmo tempo em que nos trazem uma percepção mais ampla sobre a realidade destes bairros.

A análise de Mendonça nos permite pensar dois pontos fundamentais para o nosso entendimento sobre o subúrbio no início do século XX. O primeiro é o esforço dos suburbanos em criar seus próprios veículos de informação e que ao mesmo tempo dessem voz aos seus dilemas cotidianos. Nas páginas desses periódicos eram abordadas questões relativas ao transporte coletivo, os preços das passagens de trens, a atuação do poder público e um certo descaso em relação às questões de infraestrutura como pavimentação das ruas, formação de calçadas, saneamento básico e segurança. Os periódicos também traziam em suas páginas a divulgação de atividades voltadas ao lazer e a práticas culturais, especialmente com os anúncios de clubes recreativos, atividades ao ar livre em praças e ruas, festividades, além de divulgar trabalhos de intelectuais que existiam na região.

Em seu último capítulo, Mendonça nos traz o papel fundamental que estes periódicos exerciam no que toca às questões políticas e aos anseios dos suburbanos. Estas publicações dão luz a uma atuação do poder público, seja representado pelo governo federal, seja especialmente pela prefeitura do Rio de Janeiro, de grande descaso para com a região. Muitos destes periódicos se propuseram a denunciar os casos de omissão do papel do Estado para atender as necessidades da população suburbana mediante ao fato de que o poder público privilegiava a região do Centro e os bairros localizados na região sul da cidade como Ipanema, Copacabana, Leblon, Botafogo, Flamengo, Glória, Catete, etc. Neste sentido, Mendonça chama a atenção para uma relação estreita da imprensa suburbana com a localidade destes bairros considerados distantes e precarizados pelo descaso do poder público, expressando em suas folhas o desejo de transformação da região.[5]

Estes periódicos se colocavam ao público leitor como interlocutores dos interesses da população suburbana assumindo publicamente o compromisso de lutar em defesa dos direitos e interesses dos suburbanos. O autor destaca o papel de jornais como *O Suburbano*, *Echo Suburbano*, *Gazeta Suburbana*, entre outros, como os exemplos de periódicos que apresentavam publicamente esta proposta de publicação. Para Mendonça, os jornais suburbanos assumiam o compromisso de agirem mediadores dos interesses do povo

---

[5] *Ibidem*, p. 100.

suburbano para com o poder municipal, seja para denunciar a falta de recursos e atendimento do poder público para com a região, seja para dar voz as demandas dessa população. [6]

Sobre este aspecto, ainda, Mendonça busca demonstrar que as motivações e as formas como os jornais defendiam as questões suburbanas variam bastante, onde cada periódico mantinha uma relação com um perfil diferente no que toca o público alvo. Segundo o autor, os jornais durante seu período de circulação se alinhavam a diferentes grupos sociais, de acordo com interesses específicos, o que contribuiu para perfis de publicações distintas. Mendonça trabalha com o exemplo do jornal *Progresso Suburbano*, cuja redação se localizava no bairro de Piedade, Zona Norte do Rio de Janeiro, e que em suas páginas dialogava diretamente com os comerciantes suburbanos em busca de defender os interesses destes. Em seu editorial de apresentação no ano de 1902, o jornal declarava o seu propósito de trabalhar em favor da divulgação e em defesa do desenvolvimento dos comerciantes suburbanos para que possam ter o mesmo prestígio e reconhecimento daqueles localizados na região central da cidade[7]. Tomemos como exemplo o artigo publicado no jornal que também foi analisado por Mendonça.

O Progresso Suburbano

> É desnecessário descrever o nosso programma. O nosso titulo dispensa-nos deste trabalho, porque exprime de maneira cabal qual o compromisso e responsabilidade que assumimos. [...]
>
> O Progresso Suburbano vem pugnar pelos interesses da população dos subúrbios, dará grito de alarma todas as vezes que fôr necessário para despertar as nossas autoridades e pô-las alerta.
>
> Procuraremos por meio de publicações, tornar bem conhecido o nosso commercio suburbano, afim de lhe dar maior impulso e desenvolvimento para que possa nivelar-se do centro commercial.
>
> Eis o nosso programma. [...] [8]

O segundo ponto a destacar do trabalho de Mendonça é que sua análise nos permite superar a ideia do subúrbio como um lugar exclusivamente precarizado e homogêneo. Apesar dos bairros suburbanos serem predominante espaços de moradia da classe trabalhadora nas mais variadas ocupações e seguimentos, o autor chama atenção para existência de uma certa diversidade na composição social dos moradores destes bairros. Especialmente se pensarmos que estes periódicos nos indicam o quanto existe uma quantidade significativa de pessoas letradas que, apesar de não comporem a maioria da população suburbana, viviam na região e que eram o público leitor destas publicações. Além disso, a própria diversidade no que toca

---

[6] *Ibidem*, p. 102.
[7] *Ibidem*, p. 107.
[8] **Progresso Suburbano,** Piedade, edição de 2 de março de 1902, p. 1

aos perfis destes jornais e revistas suburbanos, nos esclarecem um pouco sobre a variedade de grupos sociais existentes nas zonas suburbanas já na primeira metade do século XX.

Saindo do campo de análise exclusiva de periódicos suburbanos e caminhando para outras fontes, o trabalho realizado por Alline Torres Dias da Cruz sobre o subúrbio do Rio de Janeiro intitulado *Suburbanização e racismo no Rio de Janeiro: uma leitura de Madureira e Dona Clara no contexto pós-emancipação (1901-1920)*[9] torna-se indispensável para uma reflexão acerca dos subúrbios. Tomando um outro caminho, a autora analisa como os processos de demarcação de espaços da cidade do Rio de Janeiro são atravessados por um intenso processo de racialização e hierarquização do espaço urbano, o que refletiu diretamente na distribuição e ocupação espacial da população negra na cidade. A partir dos estudos de caso de duas regiões específicas do subúrbio do Rio de Janeiro, o entorno das antigas estações de trem de Dona Clara e Madureira, Cruz nos mostra que o processo de urbanização da cidade, especialmente após a Abolição em maio de 1888 e com as reformas urbanas que seguiram no início do século, teve como uma de suas diretrizes uma demarcação espacial que seguiu a rigor critérios não apenas socioeconômicos, mas marcadamente raciais.

Os processos de modernização em que a cidade vivencia no início do século XX tiveram como um de seus objetivos lidar com a população negra recém-liberta e que desde o século anterior faziam parte da vida social e econômica do Rio de Janeiro.[10] A presença da população negra, ainda associada na memória da cidade ao estigma da escravidão, era indesejada aos olhos da elite econômica e política da cidade. Neste sentido, as transformações ocorridas no antigo Distrito Federal tinham como um de seus pontos mais evidentes a criação de políticas públicas, especialmente através de leis relacionadas ao uso do espaço urbano e dos projetos de higienização da cidade, para distanciar a população negra do antigo perímetro urbano do Rio, especialmente a região central e os bairros geograficamente localizados ao sul como Glória, Catete, Botafogo, Leblon e o Jardim Botânico.[11]

No que tange especificamente a zona suburbana do Rio de Janeiro, Cruz tem como argumento central de sua pesquisa a tese de que a formação dos subúrbios, ou o processo de suburbanização, está diretamente relacionado a um esforço dos novos agentes políticos, econômicos e sociais da cidade em expulsar do Centro e dos antigos perímetros urbanos a população negra, pobre e trabalhadora. Neste sentido, o subúrbio do Rio de Janeiro, na

---

[9] CRUZ, Alline Torres Dias da. **Suburbanização e racismo no Rio de Janeiro: uma leitura de Madureira e Dona Clara no contexto pós-emancipação (1901-1920).** Dissertação (mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

[10] *Ibidem,* pp. 19 - 21.

[11] *Ibidem*.

medida em que vai assumindo uma nova configuração com as reformas urbanas e com o crescimento demográfico da cidade, passa a ocupar espaços mais longínquos da antiga zona central e desempenhar um papel de residência da população negra.

A autora nos evidencia que o racismo como herança direta do histórico constituído em uma das cidades mais escravistas do Brasil e das Américas, foi determinante para a reconfiguração espacial que a cidade do Rio de Janeiro no período pós-abolição, especialmente no que toca a população negra. O processo de urbanização do Rio de Janeiro está diretamente ligado ao que se entende por racialização que estabelece relações de poder e hierarquias econômicas e sociais na dinâmica da cidade e se expressam na territorialização da cidade. O trecho a seguir expressa de forma definitiva a tese da autora.

> Ao aguçar o olhar para a desnaturalização das categorias raciais procurei, neste trabalho, apontar que através de noções ligadas à cor das pessoas é possível referir-se a relações de poder, hierarquias e condições sociais. Sugerir que estas práticas racializadas se materializam no espaço, em um processo que denota os sujeitos, mas também os territórios, foi uma das propostas deste texto. "Povoado selvagem da África", "quilombo" e "locanda", por exemplo, eram as expressões que no início do século XX explicitavam que uma cidade africana era pensada como antítese da modernidade e do progresso pautados pelas classes dominantes. Se o então Distrito Federal deveria romper com este "passado" para se tornar civilizado, urbanizá-lo não foi uma prática nem um processo neutro, tampouco uniforme à cidade.[12]

O que se percebe é que para a autora o processo de demarcação espacial e territorialidade da cidade do Rio de Janeiro não é exclusivamente de caráter socioeconômico, mas também determinado por elementos étnico-raciais. A população negra recém-liberta da cidade se torna uma questão problemática aos olhos das elites política e econômica da cidade, dos novos agentes sociais que surgem a partir da consolidação do regime republicano na virada do século XIX para o XX. Neste sentido, o que se percebe é que o Estado, através de projetos de leis e de políticas públicas, cria mecanismos de expulsão dos bairros centrais e do novo perímetro urbano que se constituía com a inclusão dos bairros da zona sul, da população pobre e negra. Esta população, que antes fazia parte da realidade social e cotidiana da cidade, passa a ser excluída do espaço urbano sob um novo ideário de civilidade que se constituía no Rio de Janeiro a partir da Reforma Pereira Passos. [13]

Para além da exclusão dessa população de determinados espaços da cidade, o que intensifica o processo de ocupação das zonas suburbanas que se formam seguindo os traçados das linhas ferroviárias que partiam da Central do Brasil e da Estação Leopoldina, a autora

---

[12] *Ibidem*, p. 147.
[13] *Ibidem.*

identifica um processo de marginalização e perseguição de costumes que eram associados à população negra e à herança africana na cidade. Cruz analisa processos criminais de indivíduos que foram enquadrados pela polícia do Rio de Janeiro e de outros agentes públicos sob a resolução do novo Código de Posturas de 1894 e o estabelecimento do crime de vadiagem.[14] O que se percebe, segundo Cruz, é que o aparato jurídico criado a partir da Primeira República se tornou uma ferramenta importante para o processo de criminalização de parte da população negra e de suas práticas que envolviam elementos relacionados ao lazer, religiosidade, sociabilidade e ao trabalho.[15] Práticas como o Candomblé, Omolocô, rodas de samba, Jongo, capoeira, entre outras manifestações, todas foram criminalizadas e perseguidas pelos agentes públicos.

Outro ponto do trabalho realizado por Cruz se dá pela análise que a autora realiza acerca dos conflitos étnicos existentes entre os próprios moradores de Madureira. A autora analisa, a partir de processos-crime e de notícias relatadas na imprensa local, inúmeros conflitos envolvendo imigrantes e brasileiros residentes na região, onde para além de tensões que remeteriam a nacionalidade dos envolvidos, o elemento racial novamente se faz presente. Esses conflitos se manifestavam no cotidiano desses indivíduos expondo disputas manifestadas nos locais de trabalho ou em espaços de lazer. Essas disputas se davam através de injúrias, desafetos que envolviam relações amorosas, e na maior parte dos casos resultavam em agressões físicas e até mesmo em situações de morte entre os envolvidos. [16] Sobre este aspecto, o que Cruz nos chama atenção se dá também pelo próprio processo de construção de uma nacionalidade brasileira que se revelaria bastante frágil no início do século XX. Na realidade cotidiana da cidade, tanto nas áreas centrais do Rio de Janeiro quanto posteriormente nos subúrbios, observa-se também os enfrentamentos que a população negra tinha ao ser incorporada nesse novo processo de construção nacional que se configura a partir da Primeira República.

Como mencionado anteriormente, os mecanismos jurídicos e ações providas pelo Estado brasileiro tornam-se elementos fundamentais para o aprofundamento das desigualdades sociais e raciais na cidade. Com as ações do poder estatal que influencia de forma determinante para os bairros suburbanos localizados nas zonas norte e oeste da cidade, além das áreas de encostas localizadas ao Centro, percebemos que a dinâmica das relações entre os suburbanos é permeada de conflitos e contradições que não se restringem ao campo

---

[14] **Código de posturas: Leis, Decretos, Editaes e Resoluções da Intendencia Municipal do Disctrito Federal**. Rio de Janeiro: Tipografia Mont'Alverne, 1894.
[15] *Ibidem*, pp. 81-82.
[16] *Ibidem*

apenas social, mas também racial. Essas tensões evidenciam a fragilidade do ideário de nacionalidade que se buscava construir a partir da implementação de um novo modelo de cidade, já que a dinâmica de vida das pessoas se mostra conflitante e sem necessariamente um mesmo laço de pertencimento entre imigrantes portugueses e espanhóis com brasileiros negros e mestiços. [17]

Do trabalho proporcionado por Cruz podemos observar que para o desenvolvimento de sua análise a autora utilizou uma variedade grande de fontes que passam por jornais e revistas publicados na cidade no início do século XX, os processos criminais de indivíduos envolvidos diretamente nos objetos de sua análise, combinados a uma análise detalhada dos recenseamentos dos anos de 1872, 1890, 1906 e 1920.

Outro trabalho significativo para refletirmos sobre os subúrbios do Rio de Janeiro foi a pesquisa realizada por Cristiane Regina Miyasaka intitulada *Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890-1910).*[18] Miyasaka nos proporciona uma discussão sobre as experiências vividas pelos moradores do bairro carioca de Inhaúma, atual zona norte da cidade, considerado um dos bairros de grande destaque da zona suburbana do Rio de Janeiro. Esse destaque cabe pela densidade demográfica no bairro que cresceu significativamente na virada do século XIX para o XX. Através de uma leitura minuciosa e comparativa dos recenseamentos da cidade do Rio de Janeiro realizados nos anos de 1890 e 1906, a autora nos mostra o considerável crescimento do bairro impulsionados pelas reformas ocorridas na região central da cidade e aumento do número de migrantes para a região.

Ao analisar os recenseamentos, Miyasaka evidencia um aumento populacional em Inhaúma de mais de 293% entre o período de 1890 e 1906 e consequentemente uma alteração do quadro social dos moradores do bairro.[19] Neste sentido, o trabalho realizado por Miyasaka converge com as pesquisas realizadas de por Cruz (2007) quando observa-se que este bairro suburbano é composto majoritariamente por trabalhadores de baixa renda, pobres, negros e imigrantes. A autora nos evidencia com seu trabalho que na primeira década do século XX Inhaúma tinha cerca de 81% de sua população economicamente ativa, o que nos mostra um perfil de bairro predominantemente habitado por trabalhadores.[20]

---

[17] *Ibidem*, p. 93.
[18] MIYASAKA, Cristiane Regina. **Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890-1910).** Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
[19] *Ibidem*, p. 52.
[20] *Ibidem*, p. 55.

A tese central da análise de Miyasaka é analisar questões cotidianas vivenciadas por estes trabalhadores residentes em Inhaúma. Sob esta perspectiva, a autora analisa os dilemas relativos à habitação e à busca por moradia, à precariedade de infraestrutura e serviços na região, à relação dos moradores do bairro com o poder público, e aos conflitos e disputas existentes. Os serviços prestados pelo Estado à população de Inhaúma referentes ao saneamento básico, encanamento e redes de esgotos, coleta de lixo, pavimentação das vias e construção de calçadas não seguiam com a mesma efetividade das regiões centrais da cidade. [21] Miyasaka nos mostra que os suburbanos conviveram constantemente com a precariedade de serviços e atendimento oferecido pela prefeitura, evidenciando um comportamento omisso do poder público. Dentro deste aspecto cabe destacar o problema relativo à questão imobiliária e de moradia vivenciado pelos habitantes de Inháuma. Miyasaka em seu segundo capítulo observa como a questão habitacional foi um problema grave enfrentado pelos moradores do bairro no início do século XX.

A partir da gestão do prefeito do Distrito Federal Pereira Passos (1902-1906), ocorre um processo de intensificação da regulamentação e fiscalização pelo poder público sobre os critérios utilizados para autorizar a construção de novas habitações, o que impactou diretamente a vida da população trabalhadora mais pobre da cidade. O número de autuações e multas aplicadas aos moradores de Inhaúma aumentou substancialmente sob a acusação de construírem habitações que não seguiam os critérios técnicos exigidos pela prefeitura para a construção.

As autuações promovidas por agentes públicos aos suburbanos por questões relacionadas às moradias, suas reformas e construções, aumenta de forma incisiva sobre determinados moradores do distrito. Apesar deste fator, Miyasaka destaca que esse não foi um processo que ocorreu de forma passiva pelo trabalhadores da região. Houve reclamações, protestos, recursos judiciais e acordos para que muitos daqueles que fossem considerados infratores conseguissem flexibilizar as autuações. Era comum os moradores que fossem multados recorrerem ao prefeito para tentar o perdão de suas multas e dívidas.[22] Nota-se que a questão habitacional comumente causava uma relação tensa e instável entre os moradores de Inhaúma com os agentes públicos representantes da prefeitura, na medida que intensifica o rigor de suas atuações.

Além da questão habitacional, a autora analisa a relação dos moradores de Inhaúma com os agentes da polícia. Miyasaka destaca que somente entre os anos de 1891 e 1912 foram

---

[21] *Ibidem*, p. 72.
[22] *Ibidem*, pp. 114-116.

pouco mais de 2500 processos criminais cujas ocorrências foram no bairro. Os crimes e contravenções são dos mais diversos tipos que vão desde homicídios, casos de defloramento, roubo, vadiagem, embriaguez, feitiçaria, entre outros. É de se notar que o número de processos aumenta significativamente a partir da primeira década do século XX, justamente no período das reformas urbanas em que a cidade passa. Com isto, a autora chama atenção ao fato de que o Estado estava atento e criava determinados mecanismos de controle sobre os comportamentos individuais da população carioca, especialmente a população pobre e trabalhadora, de forma que esta pudesse se enquadrar aos novo padrões e valores morais pretendidos na Primeira República. Da maneira semelhante ao que Cruz (2007) nos chama atenção, práticas e comportamentos da população carioca, especialmente a suburbana estava em constante processo de observação e repressão. Os processos analisados pela autora apontam para as disputas e conflitos cotidianos reproduzidos entre os moradores de Inhaúma. [23]

Diferentemente de Sidney Chalhoub [24] que analisa casos de conflitos que resultavam em crimes de homicídios ou em suas tentativas que não tiveram êxito entre pessoas da classe trabalhadora, Miyasaka procurou analisar os casos de conflito que resultavam em brigas e ferimentos leves a pelo menos uma das pessoas envolvidas. Normalmente, a parte ofendida, ou seja, a pessoa que sofreu algum tipo de lesão, fazia uma denúncia na polícia contra o seu agressor imediatamente após o conflito. A autora traz para nós um pouco desse cotidiano dos trabalhadores de Inhaúma que era marcado muitas vezes por tensões e disputas entre os próprios moradores da região. Muitas vezes essas brigas eram motivadas por rixas anteriores que acabavam sendo o ponto de partida para as agressões.[25]

Miyasaka chama atenção ao fato destes indivíduos recorrerem frequentemente a polícia para registrar a ocorrência. Segundo ela, isso evidencia o fato de que a polícia era um recurso utilizado pela população para resolver os seus conflitos quando esta não conseguia solucionar diretamente. A polícia era normalmente recorrida quando uma das partes se sentia em algum tipo desvantagem em relação ao seu desafeto.

A autora também busca traçar o perfil dos moradores que normalmente eram acusados de cometerem algum crime e que são alvo das forças policiais no bairro. Segundo ela, o perfil de acusados que respondiam aos processos criminais era majoritariamente composto por homens (70% dos indiciados), brasileiros (80%), jovens entre 21 e 30 anos, solteiros e com

---

[23] *Ibidem*, p. 127.
[24] CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. São Paulo: Editora Unicamp, 2001.
[25] *Ibidem*, p. 142.

baixíssimo grau de instrução (80% dos acusados eram analfabetos). Além desses dados, percebe-se também que as ocupações profissionais desses acusados é composta, em sua maioria, por trabalhos informais ou de baixa remuneração.[26]

Miyasaka tem como uma de suas conclusões que Inhaúma, e provavelmente outros bairros suburbanos, não se diferenciavam naquilo que se percebe da atuação da polícia sobre a população. A repressão policial incidia sobre pessoas desempregadas ou sem estabilidade ocupacional. A perseguição à vadiagem não se restringiu apenas a zona central da cidade, onde as reformas haviam sido mais intensas, mas se estendeu por todo o território do Distrito Federal, inclusive o subúrbio. Em uma das suas conclusões, a autora afirma que viver nos subúrbios era uma experiência diferente de quem morava na região central da cidade, o que pode parecer óbvio, mas destaca o fato de que próprios suburbanos tinham consciência dessa condição. Com isso, a autora demonstra que os suburbanos tinham conhecimento de seus direitos enquanto cidadãos e tinham conhecimento do tratamento diferente que os agentes do poder público lhes aplicava. Esse aspecto trouxe uma forma perspicaz e particular dos suburbanos aprenderem a lidar com o poder público.

A partir deste pequeno levantamento bibliográfico sobre a formação e cotidiano dos bairros suburbanos na virada do século XIX para o XX, percebemos que os elementos explorados sobre a região do Rio de Janeiro conhecida como subúrbio são amplos e nos permitem alguns pontos de reflexão. Percebe-se, primeiramente, que a composição dos subúrbios no Rio de Janeiro nas zonas norte e oeste da cidade está diretamente relacionada com o aumento demográfico da antiga capital, que se intensifica no último quartel do século XIX, e com as transformações urbanas ocorridas a partir da Primeira República. Os subúrbios do Rio se tornam, a partir das primeiras décadas do século XX, espaços de concentração populacional e onde ao longo das décadas veio a habitar o grosso da classe trabalhadora da cidade. Paralelamente a isto, a composição destes bairros é atravessada por um processo de exclusão e marginalização da população pobre e negra que, como observamos no trabalho de Cruz (2007), sofre diretamente com legislações e políticas públicas que, além de expulsá-la de determinados espaços da cidade, criminaliza seus saberes e práticas.

Neste sentido, o ideário de civilidade para a capital federal que buscava se modernizar tinha intrinsecamente a constituição de um racismo estruturante sobre a população negra e mestiça da cidade, através de políticas higienistas e eugenistas, o que contribuiu para a ocupação destas pessoas nas zonas suburbanas e periféricas durante a expansão do Rio de Janeiro. Cruz (2007) afirma que o processo de *suburbanização*, ou seja, a formação do que

[26] *Ibidem*, p. 152.

entendemos como subúrbio na cidade do Rio de Janeiro, tem como um de seus pilares aquilo que ela identifica como a racialização da reorganização espacial da cidade e de quem a ocupa. O resultado, segundo a autora, é o afastamento da população negra, pobre e trabalhadora dos bairros centrais da cidade e que estes espaços sejam de uso exclusivos dos novos agentes econômicos e sociais que ganhariam força na Primeira República.

Cabe destacar que o subúrbio, mesmo tendo em sua composição uma espécie de contraste com a região central do Rio de Janeiro e sendo um espaço predominante da classe trabalhadora da cidade, não era uma região completamente homogênea. Existiam nestes bairros marcadores importantes que diferenciavam os milhares de moradores suburbanos. Os bairros e seus habitantes possuíam diferenciações significativas que estavam relacionadas às variadas experiências sociais e urbanas da região. Este aspecto evidencia a fragilidade da memória popular (historicamente legitimada pelas ações do poder público e por diversas bibliografias sobre a cidade ao longo do século XX) de que os subúrbios são áreas altamente precarizadas, completamente desprovidas de ações do poder público que pudessem oferecer serviços e infraestrutura básica, composta por pessoas pobres e que as demandas de sua população eram as mesmas. Dada esta complexidade, a zona suburbana do Rio de Janeiro não se resume a esta imagem cristalizada.

Observamos pelo trabalho de Mendonça (2011) que as atividades ligadas ao campo da imprensa eram intensas, com uma variação grande no perfil dos periódicos existentes na época e que atendiam a públicos completamente distintos. Os periódicos analisados pelo autor expõem as contradições que faziam parte da realidade desses bairros, as classes sociais existentes e demandas de setores da população suburbana completamente distintas. Existia uma produção jornalística e intelectual considerável na região, apesar dos altos índices de analfabetismo e de pouca instrução predominante nestes bairros.

Com estes levantamentos conseguimos ter um panorama mais amplo sobre quais apontamentos os estudos sobre os subúrbios do Rio de Janeiro e de seus habitantes nos indicam. Os trabalhos analisados anteriormente estão inseridos em uma ampla e recente bibliografia contribui para novos direcionamentos sobre como pensar os subúrbios e como questionar as fontes que serão trabalhadas. Dentro deste quadro, o objetivo desta pesquisa busca aprofundar e ampliar a reflexão sobre a composição do que entendemos como subúrbio na cidade do Rio de janeiro, trazendo um pouco da dinâmica social, cultural e cotidiana de se viver nos bairros suburbanos no início do século XX.

Para a realização deste estudo, primeiramente é necessário que se tenha um recorte espacial e temporal a ser debruçado. No caso em específico deste trabalho foi escolhido o

bairro suburbano de Todos os Santos durante a década de 1910, momento posterior às intervenções urbanas realizadas pelos governos federal e municipal no Rio de Janeiro. A escolha da década de 1910 não foi um simples acaso. Foi neste período, posterior as reformas urbanas da cidade, que temos a continuidade da expansão dos bairros suburbanos nas zonas norte e oeste do Rio, trazendo para nós uma configuração geográfica semelhante ao quadro urbano/espacial dos dias atuais. Além disso, com o crescimento substancial que a cidade atravessa desde fins do século XIX e a partir das primeiras décadas do século XX, onde a população suburbana aumenta consideravelmente, observa-se o aumento expressivo de fontes escritas produzidas na região ou sobre ela.

Durante os anos iniciais do século, foram sendo publicados contos, crônicas, romances onde os bairros suburbanos são caracterizados e ambientados pelas personagens em diversas obras do campo literário. Há de se mencionar que nessa mesma época evidencia-se o crescimento expressivo do número de periódicos que circulam pela região, como foi apontado por Mendonça (2011). O aumento da produção literária que ilustra a ambientação dos subúrbios do Rio de Janeiro, assim como a expansão de uma imprensa suburbana, nos mostram sinais significativos do aumento considerável no número de habitantes letrados residentes nestes bairros. Mesmo que proporcionalmente a população alfabetizada possa ser menor do que os analfabetos[27], os subúrbios do Rio de Janeiro possuíam uma demanda evidente pelo consumo de jornais, revistas e textos literários. A década de 1910 foi um período em que observamos um aumento significativo do número de periódicos, jornais e revistas suburbanos que nos trazem à luz uma riqueza de detalhes sobre o dia a dia dos habitante da região.

A escolha de Todos os Santos para análise passa pelo fato de termos neste bairro alguns elementos importantes que cabem ser observados. Primeiramente, cabe dizer que o bairro escolhido foi posteriormente integrado ao bairro do Méier, e que este desde as primeiras décadas do século XX possuiu um papel de destaque na região suburbana pela concentração de atividades comerciais existentes em suas ruas e avenidas. O Méier assume um protagonismo econômico e político à medida que os bairros suburbanos vão aumentando sua população e se expandido para regiões mais afastadas da cidade.[28] O bairro é observado pelos suburbanos como uma espécie de centro comercial e de trabalho, além da oferta outros

---

[27] MIYASAKA, 2011, p. 152.

[28] Cabe destacar que parte considerável dos bairros suburbanos analisados integram as regiões categorizadas e reconhecidas como Zona Norte e Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Essas divisões regionais são critérios adotados em momentos posteriores ao desenvolvimento inicial dos bairros suburbanos.

serviços ligados ao lazer e entretenimento, especialmente para a população suburbana que residia distante do tradicional centro da cidade.

Em relação a Todos os Santos, o bairro se destaca por ter tido por anos em uma de suas ruas a sede e redação de um importante jornal suburbano que circulou aproximadamente por 10 anos na região intitulado *Gazeta Suburbana: semanário crítico, litterario, Noticioso, Dedicado aos interesses da zona suburbana.* Este periódico era propriedade de uma sociedade anônima, em sua maioria composta por jornalistas, comerciantes e alguns profissionais liberais que residiam em diversos bairros do subúrbio da cidade, e sua publicação se dava semanalmente aos domingos.[29] A folha tinha como um de seus princípios fundamentais trazer ao público uma espécie de representatividade dos interesses da população suburbana.

Em suas páginas, além de noticiar os fatos ocorridos pela zona suburbana, o jornal abria espaços em suas folhas para a divulgação de comércios e serviços existentes nos bairros da região, eventos, festividades, grêmios recreativos, entre outras atividades localizadas nos subúrbios. Outro ponto importante sobre este semanário é o espaço reservado em suas páginas para a publicação de cartas de leitores. Intitulado de "Queixas e reclamações", esta seção era destinada para que os leitores enviassem cartas a redação do jornal com o objetivo de denunciar o descaso e omissão do poder público, especialmente a prefeitura do antigo Distrito Federal, sobre questões relativas à infraestrutura desses bairros, segurança, falta de iluminação, problemas nas estações de trens, etc.

Além de ter sido o bairro que por anos localizou a sede do *Gazeta Sububana*, Todos os Santos também chama atenção por ter sido o lugar de moradia do emblemático escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), consagrado no campo literário apenas como Lima Barreto. O autor passa a residir no bairro ainda jovem quando consegue emprego público como amanuense na Secretaria de Guerra aos 22 anos de idade e ali viveu até os últimos dias de sua vida.[30] O que mais chama atenção no caso de Lima Barreto é que o autor tem a sua vivência enquanto suburbano marcada pela experiência que o escritor adquire como morador do bairro Todos os Santos e com as relações construídas a partir desse processo. Lima Barreto foi um dos raros escritores que retratou a realidade dos subúrbios e de seus moradores ao longo de sua obra, sendo este um de seus aspectos mais marcantes. Sua experiência enquanto suburbano não apenas se limitou ao bairro onde residiu, mas também por circular por outros bairros como o Méier, Inhaúma, Engenho Novo e Santa Cruz. Em vários de seus textos o autor busca trazer com um certo grau de preciosismo ao construir ou

---

[29] MENDONÇA, 2011, p. 69.
[30] BARBOSA, 2017, p. 129.

retratar personagens com perfis tipicamente suburbanos, além de nos trazer descrições detalhadas sobre os bairros, retratando suas paisagens, os bondes e estações de trens ou a falta de serviços públicos ofertados na região.

O motivo de Todos os Santos ter sido o bairro escolhido para análise desta pesquisa se deve ao fato de ter sido o expoente tanto de Lima Barreto, que publicou artigos, crônicas, revistas e romances pelos anos em que residiu na região, e do semanário *Gazeta Suburbana,* identificando que havia uma relativa produção intelectual e crítica em sua região. A redação deste periódico e o escritor, residiram ali por anos e concomitantemente durante a década de 1910. Neste sentido, iremos observar ao longo deste trabalho que o pequeno bairro de Todos os Santos foi o eixo que permitiu que determinados agentes históricos (Lima Barreto e os redatores da *Gazeta Suburbana*) propusessem um olhar diferenciado e reflexivo sobre os bairros suburbanos e seus moradores no início do século XX. Tem-se em Todos os Santos o ponto de partida para um pensar sobre a zona suburbana, onde são trazidos elementos fundamentais da região. Expostos estes fatos, este trabalho terá como objeto de análise uma reflexão sobre o subúrbio da cidade do Rio de Janeiro a partir duas perspectivas diferentes que se constituíram em Todos os Santos: algumas obras previamente selecionadas de Lima Barreto e algumas edições do jornal *Gazeta Suburbana* enquanto este ainda tinha sua redação localizada no bairro.

No primeiro capítulo será apresentado um debate em torno de que elementos constituem os aspectos urbanos, geográficos e socioeconômicos que permitem uma caracterização de uma região ou bairro enquanto suburbano. Neste sentido, será debatido quais os sentidos que assumem a composição do subúrbio numa cidade como Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XX. Para aprofundar esta discussão, o caso do bairro de Todos os Santos será fundamental para entendermos os limites, contradições e as consequências dessa concepção espacial e social que delimita o entendimento dos subúrbios cariocas.

No segundo capítulo mergulharemos em um dos objetos de análise que será o autor, escritor, jornalista e romancista negro Lima Barreto, que viveu no bairro de Todos os Santos durante a década de 1910, o mesmo período em que publicou muitos de seus textos. A experiência de morar por anos em Todos os Santos trouxe a Lima Barreto um olhar particular sobre a cidade do Rio de Janeiro trazendo à luz de sua escrita personagens da cidade que estavam de uma leitura ou narrativa convencional que se consolidava no período. Serão analisados alguns contos, crônicas e dois romances do escritor cujas personagens, as ambientações e as tramas são retratadas em diferentes áreas dos subúrbios da cidade.

O terceiro e último capítulo será destinado a uma ampla investigação das edições do periódico *Gazeta Suburbana* que já foi apresentado anteriormente. O objetivo ao investigar as folhas e as várias secções deste jornal é captar os elementos cotidianos da população suburbana, suas questões, queixas, condições de moradia e relações com o poder público que foram expressas nas páginas do jornal. Ao analisar este semanário em específico, conseguiremos ter uma outra abordagem que possivelmente será diferente daquela trabalhada por Lima Barreto, num momento em que ambos, escritor e a redação do jornal, residiam em Todos os Santos.

Espera-se que a população suburbana, as relações constituídas entre estes, e a sua relação com o poder público, poderão ser retratadas a partir de duas perspectivas distintas. Tentará ser retratado o subúrbio carioca sob a ótica de duas fontes históricas distintas, mas que em muitos sentidos podem convergir para um olhar mais preciso sobre uma região que tem sido objeto de estudo pela historiografia da cidade nas últimas décadas.

Sobre as fontes

Como mencionado na secção anterior, as fontes analisadas para o desenvolvimento deste trabalho serão produções do campo literário como crônicas. contos e romances, além de periódicos publicados durante a década de 1910. A escolha das fontes priorizará publicações feitas por suburbanos no período selecionado em um momento de franca expansão da zona suburbana do Rio de Janeiro, especialmente após as reformas urbanas ocorridas na gestão do prefeito Pereira Passos. Também será levado em consideração o fato de que as publicações analisadas enquanto fontes foram produzidas por suburbanos residentes concomitantemente no bairro de Todos os Santos. Ou seja, tanto os textos de caráter literário quanto os periódicos analisados, apesar das diferenças no que tange a escrita, proposta de texto e público-alvo, foram produzidos por pessoas que residiam e vivenciavam o bairro de Todos os Santos e as outras regiões do subúrbio do Rio de Janeiro. Nos dois casos serão priorizadas as publicações onde os autores buscassem reproduzir, a partir de suas perspectivas, o subúrbio carioca e suas relações cotidianas. Lima Barreto, enquanto jornalista, colunista e colaborador de jornais, assim como seus textos enquanto cronista e romancista nos apresenta uma extensa produção sobre o cotidiano das classes populares suburbanas nas suas vivências em locais de trabalho, seus hábitos, suas formas de lazer e sua relação com a cidade.

No segundo capítulo desta pesquisa, serão analisados especificamente alguns trabalhos deste escritor negro que viveu parte considerável de sua vida nos bairros da Ilha do

Governador e Todos os Santos. Como é de conhecimento público, Lima foi autor de um número considerável de contos, crônicas e romances publicados em sua vida que reproduziam o cotidiano da população do Rio de Janeiro. Para o desenvolvimento do trabalho serão selecionados alguns de seus contos e crônicas produzidos pelo autor que são ambientados nos bairros suburbanos.

O critério de escolha deste autor e de suas obras se deu pelo fato de Lima Barreto a partir de sua vivência nos bairros de Todos os Santos e da Ilha do Governador trazer uma abordagem em sua escrita que privilegia o subúrbio do Rio de Janeiro e o cotidiano das classes sociais que nele residiam. Neste sentido, busca-se realizar um trabalho de análise cuidadosa das crônicas e contos que foram republicados em compilações recentes por novas editoras, em especial a coletânea de textos do escritor organizada pela antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarcz intitulada *Contos Completos de Lima Barreto*[31], publicado pela editora Companhia das Letras. Além deste material, se dará um enfoque maior a dois de seus romances cuja ambientação e personagens privilegia o subúrbio como cenário do desenvolvimento das narrativas: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Clara dos Anjos*. Os dois textos foram republicados recentemente sob o selo da editora Penguin & Companhia das Letras, também sob a revisão de Schwarcz.

Estes dois textos de Lima Barreto são marcantes por nos trazer além das personagens suburbanas, ambientações bem características da percepção do autor sobre os bairros como Méier, Inhaúma, Engenho de Dentro, Engenho Novo, Ilha do Governador, Todos os Santos, Cidade Nova, Gamboa, entre outros. Observaremos cuidadosas descrições de personagens suburbanos, das residências e ruas características da região, todos sob um olhar crítico do autor que sempre buscava utilizar de sua ironia para denunciar o descaso do poder público em relação à região suburbana.

A partir da análise destas fontes, o objetivo do capítulo será trazer alguns elementos considerados pertinentes sobre o olhar que Lima Barreto nos proporciona em relação aos subúrbio. Durante a década de 1910, onde o autor esteve mais atuante tanto como colaborador de alguns veículos da imprensa carioca e também como um literato, Lima desenvolveu uma relação de maior proximidade com os bairros suburbanos ao se mudar para Todos os Santos. A partir disso, o que se percebe é que a vivência de Lima Barreto residindo neste bairro e com os demais bairros suburbanos permitiu que alguns de seus textos um olhar que prezava em sua escrita um tom tanto que realista sobre o viver nos subúrbios.

---

[31] SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Contos completos de Lima Barreto.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Há em Lima Barreto a preocupação em descrever a vida cotidiana da cidade, tendo um número considerável de histórias que nos apresentam com precisão alguns elementos da cultura popular carioca como a boemia, malandragem, a música, os botequins, cafés, as diversas religiosidades populares, as disputas estabelecidas entre os moradores locais. Todas essas são experiências que vão sendo trazidas pelo escritor que vai nos proporcionando uma certa dimensão da vida das classes populares no Rio de Janeiro.

Por fim, para além de analisar algumas textos de Lima Barreto, o terceiro capítulo buscará apresentar um outro olhar sobre os subúrbios cariocas ao analisar o já mencionado periódico *Gazeta Suburbana.* Importante destacar que este periódico era um semanário publicado sempre aos domingos e teve sua primeira publicação a partir de setembro de 1910. Como visto anteriormente, a redação desta folha se localizava no bairro de Todos os Santos. O jornal tinha como objetivo o anseio de representar os bairros suburbanos do Rio de Janeiro e de seus moradores. Já na capa de sua primeira edição o jornal evidencia o seu objetivo:

> A *Gazeta Suburbana* surge para trabalhar pelos subúrbios. Eis o nosso fim, conseguiremos para subúrbios os melhoramentos e reformas necessárias. [...]
> *Conscia* de que tudo empenhará para ser útil ao povo suburbano, a redação da *Gazeta* há de procurar convergir todas as energias, de que puder dispor, em proveito dos oprimidos.[32]

O *Gazeta Suburbana* trazia em suas edições os mais variados assuntos e reportagens. Denunciava o descaso das autoridades públicas para com a população suburbana, anunciava festividades, reportava casos de brigas, homicídios, greves, batidas policiais em locais considerados subversivos como rodas de samba e terreiros, além de publicar anúncios comerciais. Na leitura das páginas dos jornais podemos ter uma certa percepção sobre o dia a dia do suburbano enriquecendo ainda mais esse diferente olhar e vivência de uma cidade altamente contrastante e desigual.

Apesar de algumas destas publicações selecionadas possuírem tempo de produção e espaços muitas vezes distintos, buscarei neste trabalho dar ênfase as obras e periódicos cujo período de publicação tenham sido razoavelmente próximos. O intuito é dar coerência e sentido na análise destas fontes, cujo recorte temporal se dá nas décadas de 1910 e 1920, momento de franca expansão da cidade e dos subúrbios.

---

[32] **GAZETA SUBURBANA**. Todos os Santos, 1910 n. 1, p. 1.

CAPÍTULO 1

A FORMAÇÃO E A EXPANSÃO DOS SUBÚRBIOS NO RIO DE JANEIRO ENTRE FINAIS DO SÉC. XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX.

1.1 O Rio de Janeiro e as contradições de uma cidade fadada ao progresso.

Para analisar os subúrbios do Rio de Janeiro sob um ponto de vista histórico, especialmente no que toca a formação e expansão desta região importante e complexa da cidade, é fundamental compreendermos que estes espaços não estão desconectados de uma constituição urbana maior. Neste caso, entende-se que as zonas consideradas suburbanas do Rio de Janeiro, apesar de possuírem marcadores específicos que lhes distanciavam do modelo de urbanidade vigente na virada dos séculos XIX para o XX, eram constituídas por elementos específicos das intensas transformações ocorridas na antiga capital brasileira durante o período. Sendo assim, para compreendermos os subúrbios em toda a complexidade envolvida é necessário termos também um olhar mais amplo sobre a cidade do Rio de Janeiro, especialmente a partir de processos específicos ocorridos na virada do século.

Para falamos do Rio de Janeiro enquanto cidade, especialmente a partir do último quartel do século XIX, é necessário ter um aprofundamento das questões políticas, econômicas, sociais e raciais que marcaram a sua formação urbana e as relações constituídas pela sua população. Inicialmente, para começarmos essa discussão, se tem estabelecido o entendimento de que o Rio de Janeiro é uma cidade que possui em suas características urbanas e demográficas as marcas expressivas de desigualdades sociais historicamente constituídas. Neste caso, ao lançar um olhar sobre o Rio de Janeiro, retratamos o quadro de um espaço territorial amplo, difuso, complexo e permeado por contradições que refletiram na vida de sua população desde a sua fundação.

Com o levantamento historiográfico sobre os subúrbios feito na introdução deste trabalho, observamos que os processos históricos que marcaram a experiência urbana, política, econômica e social do Rio de Janeiro trouxeram ao longo dos séculos elementos que particularizam a cidade em vários sentidos. Um dos pontos fundamentais para entendermos o Rio de Janeiro é a compreensão de que estamos tratando de uma cidade que carrega em si os resquícios dos séculos de escravidão ocorridos na cidade e país. O regime escravocrata configurou de forma quase permanente seu quadro político, social e econômico. Neste sentido, estamos retratando de uma cidade que se caracterizou por ser escravista, tendo o trabalho escravo como mão de obra presente em diferentes camadas sociais da população

carioca e foi elemento constitutivo das principais atividades econômicas do Rio de Janeiro. Tradicionalmente, quando temos acesso aos livros didáticos de história sempre nos é trazido à tona referências sobre a escravidão de africanos e seus descendentes negros nas lavouras e latifúndios espalhados pelo território brasileiro ou na extração de metais preciosos como na região de Minas Gerais.

Contudo, ao observarmos o trabalho escravo na cidade do Rio de Janeiro, temos uma outra dimensão sobre o escravismo no Brasil. A experiência urbana do Rio de Janeiro, que desde meados do século XVIII foi transformada em capital da América Portuguesa e depois se torna a sede do Império Ultramarino Português com a vinda do então príncipe-regente D. João, perpassa por processos que singularizam a cidade, especialmente quando nos referimos à presença intensa da mão de obra escrava em sua vida econômica e social. No que se refere ao período da escravidão, cabe destacar que o Rio de Janeiro foi um dos principais portos de desembarque de africanos escravizados em todo continente americano. Segundo a documentação, foram desembarcados nos antigos cais da cidade mais de 2 milhões de africanos trazidos pelo tráfico transatlântico de escravos oriundos dos mais diversos pontos da extensa costa africana.

Este quadro nos evidencia que até o ano de 1850, quando foi aprovada a Lei Eusébio de Queirós que estabeleceu a proibição definitiva do tráfico transatlântico de escravos, a cidade do Rio de Janeiro foi fundamental para comércio de escravos, não só para suprir a demanda de mão de obra em atividades econômicas dentro de seu perímetro urbano e em seus arrabaldes, como também para todo o território nacional. Além do papel desempenhado no comércio de escravos, a própria vida econômica e social da cidade se ancorava sobre as marcas do escravismo.

No Rio de Janeiro, a mão de obra escrava era presente em quase todos os setores produtivos e de prestação de serviços estabelecidos na cidade executando tarefas como artesãos, feirantes, quitandeiras, ferreiros, estivadores, auxiliares e serventes na construção civil. Além dessas atividades, a mão de obra escrava também marcou presença nos serviços domésticos nas residências dos cariocas. O trabalho escravo foi predominante por quase todo o século XIX, especialmente a partir do ano de 1808. Com a vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro e os investimentos ocorridos na cidade, incluindo também um aumento populacional, houve uma intensificação da presença de senhores de escravos e aumento do número de cativos na cidade.

Em *A vida dos escravos no Rio de Janeiro*[33] Mary Karasch destaca a forte presença dos chamados escravos de ganho na cidade do Rio de Janeiro durante o século XIX. Estes escravos de ganho geralmente precisavam cumprir até o fim do dia uma meta de determinada quantia em dinheiro ou produtos para serem repassados aos seus senhores, geralmente arrecadados através dos serviços prestados pelos cativos. A documentação analisada por Karasch indica que as ruas do Rio de Janeiro eram marcadas pela presença destes escravos, impactando de forma significativa não apenas a vida econômica da cidade como também a sua vida social. Caso não cumprissem com o valor determinado ao retornar à residência de seus senhores, estes escravos estavam sujeitos a punições.[34] Segundo a autora, os cativos cariocas tinham o papel de executar todas as atividades manuais e servir como "bestas de carga da cidade". Todas as atividades braçais que existisse na realidade cotidiana da cidade eram entendidas como trabalhos voltados para os escravos. Em geral, os escravos no Rio de Janeiro eram forçados a trabalhar na agricultura e outras atividades de subsistência, manufatura, transporte, obras públicas, comércio, entre outros. Percebe-se que os serviços prestados por estes escravos variavam bastante em diversas funções e atividades pela cidade, fazendo parte da realidade diária da vida comercial e cultural do Rio de Janeiro. [35]

Nos setores de comércio e transporte estes escravos também marcavam presença. Os cativos de ganho normalmente executavam tarefas no porto da cidade como estivadores, no carregamento e descarregamento dos navios no porto, na Alfândega e nos trapiches da zona portuária do Rio de Janeiro. Outra atividade fundamental executada pelos escravos cariocas era o transporte de carga que acabava por atender a demanda de quase toda cidade, especialmente nos setores de construção civil, em obras públicas e particulares, além do setor naval.[36] Sobre as obras públicas, quase todas as tarefas braçais eram executadas por escravos contratados pelo poder público diretamente com os senhores dos cativos.

Ainda no que se refere as atividades comerciais, existia um número significativo de escravos que trabalhavam como vendedores ambulantes que circulavam pelas ruas da cidade ofertando frutas, legumes, leite, cestas, doces, animais, quinquilharias, e outros objetos de uso doméstico. A presença das quitandeiras e das lavadeiras, cujas funções eram majoritariamente executadas por mulheres escravas também foi de forte presença no Rio de Janeiro. As

---

[33] KARASCH, Mary. A vida dos escravos no Rio de Janeiro. 1808-1850. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
[34] *Ibidem*, p. 260.
[35] *Ibidem*, p. 259.
[36] SOARES, 2007, p. 129.

quitandeiras se instalavam por pontos específicos da cidade oferecendo geralmente alimentos como frutas, verduras ou não muito raro, doces, quitutes, bolos e pães. [37]

Cabe também destacar a forte presença de escravos nas crescentes atividades industriais que ganhavam força no Rio de Janeiro a partir de meados do século XIX. Neste período a maior parte das fábricas instaladas no Rio de Janeiro eram voltadas para a indústria naval e para a fabricação de produtos de primeira necessidade como roupas, sapatos, chapéus e tecidos de algodão. Além de uma indústria voltada para as vestimentas e adornos, haviam instaladas na cidade fábricas voltadas para bens de consumo não duráveis como o processamento de produtos alimentícios vide o café, açúcar, cachaça, farinha de mandioca e fibras vegetais. No caso das indústrias, apesar do número significativo de escravos que trabalhavam no setor pelo cidade, os cativos não eram a mão de obra predominante nas execuções das tarefas envolvidas nas fábricas. Karasch nos mostra que os escravos utilizados nas fábricas trabalhavam em conjunto com outros trabalhadores livres, sendo estes operários muitas vezes em um número maior. Apesar disso, a autora nos chama atenção para o fato dos cativos empregados nestas atividades fabris sofriam com uma das piores condições de trabalhos da cidade, não sendo incomum acidentes de trabalhos, maus-tratos e protestos por partes dos escravos fabris. [38]

Uma das funções mais degradantes que poderia ser colocado um escravizado era na coleta e despejo de dejetos e lixo no mar. Estes escravos eram apelidados popularmente como "tigres" pelo fato de carregarem barris com lixo e dejetos humanos sobre suas cabeças e que iam tendo seus corpos respingados a medida em que faziam o seu trajeto. [39]

A presença dos escravos urbanos é retratada nas pinturas de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), artista francês que residiu por anos no Rio de Janeiro e buscou representar em suas obras diferentes aspectos da realidade cotidiana da cidade. Nas pinturas de Debret fica evidente como a presença dos escravos urbanos era marcante na vida social e econômica da cidade, o que surpreendia qualquer estrangeiro que visitasse a antiga capital. Os cativos foram parte da realidade do Rio de Janeiro por quase todo o século XIX até a abolição de maio de 1888, com momentos de maior e menor incidência. Luiz Carlos Soares aponta que o fim do tráfico negreiro em 1850 instaura uma crise no sistema escravocrata brasileiro, especialmente pela queda considerável do número de escravos trazidos da África para o Brasil e consequentemente provoca um aumento substancial no preço dos cativos. A partir deste fato,

---

[37] KARASCH, 2000, pp. 285-286.
[38] *Ibidem*, p. 270.
[39] *Ibidem*, p. 266.

há um remanejamento da presença de escravos na cidade do Rio de Janeiro, já que muitos cativos cariocas são vendidos para a zona cafeeira do Vale do Paraíba e do norte fluminense para atender a demanda dos produtores de café, principal atividade econômica da Brasil na época. Soares aponta que a venda maciça dos escravos do Rio de Janeiro para as áreas cafeeiras veio a reduzir consideravelmente o número de escravos de ganhos presentes na cidade na última metade do século XIX. [40] Mesmo em número reduzido comparado ao período do tráfico negreiro, os escravos de ganho continuaram existindo até a abolição da escravatura em 1888, mas a documentação da época já aponta uma gradativa substituição da mão de obra escrava por trabalhadores livres e assalariados para a execução de determinadas tarefas que antes eram predominantemente realizadas por cativos.

O que se percebe a partir deste quadro esboçado é que o Rio de Janeiro tem por um longo período de sua história enquanto cidade e capital o fato de ter em seu espaço territorial um contingente significativo de escravos e que estes estavam presentes em quase todos as aspectos da vida social, econômica e política da cidade. Ao analisar a documentação, especialmente os registros e emissões pela Câmara Municipal para a autorização das atividades realizadas pelos escravos nas ruas e estabelecimentos do Rio de Janeiro podemos ter dados mais precisos sobre tais aspectos. Segundo a documentação, os senhores que desejassem obter o licenciamento para que seus escravos pudessem executar as suas atividades deveriam pagar o valor de 1$000 réis para cada cativo que desejasse por ao trabalho nas ruas da cidade. [41] Percebe-se, então, que além dos senhores e das atividades produtivas existentes na cidade, a escravidão urbana era uma fonte rentável para a prefeitura do Rio de Janeiro.

A escravidão urbana fez com que a antiga capital do império fosse sendo desenvolvida de uma forma extremamente desigual, já que uma parte considerável da população era escrava e vivia sob condições precárias de alimentação, saúde, higiene e trabalho. Segundo Karasch, os escravos eram a fonte de riqueza e capital de seus senhores. Sob o ponto de vista destes, os escravos proporcionavam benefícios como riqueza e bens materiais, segurança econômica, estabilidade e extensão familiar, além, claro, de prestígio social.

Toda a experiência de escravidão no Rio de Janeiro nos mostra um quadro profundo de desigualdades sociais, com concentração de riquezas pelas mãos dos senhores de escravos, além dos proprietários de atividades produtivas, na medida em que se perpetuava as condições desumanas e precárias de trabalho sobre uma extensa população residente na cidade. Além

---

[40] SOARES, 2007, p. 124.
[41] *Ibidem,*p. 125.

das questões econômicas, que tocavam aspectos como moradia, alimentação, higiene, condições de trabalho, a escravidão no Rio de Janeiro foi elemento chave para o acirramento dos marcadores raciais e da constituição do racismo presente na sociedade carioca e que é perpetuado até os dias de hoje. Do ponto de vista social e cultural, os corpos de homens e mulheres pretos eram constantemente associados ao flagelo da escravidão. Mesmo aqueles que nasceram livres ou os que foram libertos não estavam isentos do preconceito e discriminação, o que gerava dificuldades para que pudessem ter acesso a emprego e uma vida mais estável.

Com a crise do regime escravista no Brasil, que culminou com a abolição em maio de 1888, e a instabilidade política que atravessava o regime monárquico, em novembro de 1889 ocorre o golpe republicano e temos um novo marco na história não só do país, mas especialmente da cidade do Rio de Janeiro. Desde o último quartel do século XIX, a cidade é o centro de intensas discussões e eventos decisivos que mudariam os rumos do Brasil e de sua capital. O novo regime republicano buscou consolidar uma tentativa de modernização do país, buscando atrair novos investimentos estrangeiros para a sua capital e o desenvolvimento de outras atividades produtivas.

Mesmo com a instauração da República, e já passados alguns anos da abolição da escravidão no Brasil, o que a documentação e a historiografia nos aponta é que o quadro social da cidade do Rio de Janeiro não havia sido radicalmente alterado. Ao contrário do que se poderia imaginar, a capital continuou sendo um lugar de profunda desigualdades sociais, concentração de renda e com as atividades produtivas nas mãos de grupos sociais específicos da cidade. O abismo social existente na cidade se configurava na medida em que a grande maioria da população carioca era desprovida de serviços e direitos que pudessem lhes proporcionar condições mínimas de sobrevivência. Assim que fora constituído em fins do séc. XIX, o regime republicano acabou por reforçar mais ainda as desigualdades sociais já existentes. A documentação do período nos aponta que esse processo de aprofundamento das desigualdades na cidade teve atuação ativa do Estado e do poder público. O papel do governo federal e da prefeitura foram decisivos para discutir um novo projeto de cidade que teve como efeito a criação de novos espaços de segregação e exclusão da população mais pobre e trabalhadora.[42]

A maior expressão de todo esse processo se configura nas reformas urbanas que já vinham ocorrendo desde a segunda metade do século XIX e que se intensificam no início do

---

[42] SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão- Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1983, p. 43.

século XX, onde o Rio de Janeiro, enquanto Distrito Federal, passa por uma série de transformações que alteraram radicalmente sua geografia urbana, provocando assim um forte processo de reorganização social e espacial. Como efeito dessas reformas, o espaço urbano da cidade foi expandindo significativamente, fazendo com que suas fronteiras aumentassem consideravelmente para regiões pouco habitadas pelos cariocas. Neste sentido, as transformações e intervenções que vinham redefinindo a antiga urbe carioca acaba por excluir desta as populações mais pobres, provocando um forte fluxo migratório para regiões mais afastadas conhecidas desde aquela época como os subúrbios da cidade.

Não se pode desconsiderar que um dos fatores decisivos para que o Rio de Janeiro passasse por todas as transformações foi o constante e expressivo aumento de sua população. Segundo os recenseamentos realizados entre 1872 e 1906, a cidade teve um crescimento populacional de mais de 152% de sua população. Em 1906, a população da cidade era de 811.443 habitantes. No recenseamento realizado anteriormente em 1890, os dados apontam que a cidade tinha 522. 651 habitantes, o que nos mostra que entre os dois censos realizados houve um aumento de 288.792 pessoas residindo na cidade, 55,26% de crescimento populacional. 18 anos antes, em 1872, o censo deste ano apontava uma população de 266.831 habitantes na cidade.[43] No século XX, o recenseamento realizado em setembro de 1920 aponta a continuidade do crescimento demográfico da cidade, atingindo a marca de 1.157.873 habitantes residindo no distrito federal.

O expressivo aumento demográfico do Rio de Janeiro traduz que a cidade já não era mais a mesma desde a última metade do século XIX. A crise do regime escravocrata brasileiro, o aumento da produção de manufaturas e do setor industrial são fatores que nos ajudam a entender o porquê deste amplo crescimento populacional. As últimas décadas do século XIX, que perpassaram pela crise do Império, a abolição da escravidão e o início da república brasileira em 1889, coincidem com o momento em que o Rio de Janeiro torna a receber um número cada vez maior de migrantes vindos de diferentes regiões e estados brasileiros na busca de melhores oportunidades de trabalho e de condições de vida.

Existe um extenso debate na historiografia sobre as origens dos migrantes que a cidade passa a receber desde o último quartel do século XIX. Por décadas o crescimento populacional do Rio de Janeiro fora associado diretamente à crise do regime escravista e que a partir da abolição o seu panorama demográfico havia sido alterado. Nesta perspectiva alguns trabalhos clássicos da sociologia e historigrafia associavam diretamente o crescimento da

---

[43] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907, p. 22.

cidade a um intenso fluxo migratório dos escravos do Vale do Paraíba e de outras zonas produtoras do interior que se dirigiram para a antiga capital em busca de melhores condições de trabalho e moradia. Cabe destacar o trabalho de Florestan Fernandes, *A integração do negro na sociedade de Classes*, onde o autor destaca que após a abolição de 1888 ocorre no Brasil um fenômeno de intensas migrações de famílias de ex-escravos para cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Santos. [44] Segundo Fernandes, famílias inteiras de ex-escravos vieram para os grandes centros urbanos buscando encontrar nestas cidades novas oportunidades de trabalho e estabilidade financeira, além do acesso à moradia. No caso de cidades como Rio de Janeiro e Santos, eram lugares que tinham um atrativo econômico por conta das atividades ligadas aos portos e que graças as vendas de café haviam adquirido um desenvolvimento urbano e econômico importante. O autor destaca que estes migrante deixaram as antigas zonas cafeeiras do Vale do Paraíba e outras propriedades em busca de maior estabilidade nestes centros urbanos. [45]

Outro autor importante que seguiu uma linha de análise semelhante foi José Murilo de Carvalho. Em *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi* Carvalho aponta que o período que sucedeu a abolição transformou radicalmente a estrutura do Rio de Janeiro. Segundo o autor, após o ano de 1888 a cidade foi o principal centro de absorção de mão de ociosa, especialmente no que tange os ex-escravos e seus descendentes. [46] O intenso fluxo migratório dos libertos oriundos das regiões produtivas do interior proporcionou um aumento significativo da população da cidade, que por sua vez não conseguiu ter estrutura para absorver esse contigente de pessoas. Os migrantes negros do campo encontraram um cenário totalmente adverso. Deparavam-se com uma realidade que os marginalizava e que não cedia espaços para a sua integração social com os outros segmentos da sociedade carioca. O crescimento demográfico na cidade, reflexo dessa forte onda migratória, resultou num excedente de mão de obra que com a chegada dos imigrantes portugueses a partir do final do século XIX tendeu a acirrar ainda mais as disputas num frágil e crescente mercado de trabalho. [47]

Como podemos observar, os trabalhos de Fernandes (1964) e Carvalho (1989) convergem para o mesmo direcionamento no se refere ao crescimento populacional do Rio de Janeiro e a possível relação com a abolição de 1888. Os dois autores compartilham da tese de que a migração no período pós-abolição havia sido o fator principal responsável pelo

---

[44] FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo S.A., 1964.
[45] *Ibidem*, p. 93.
[46] CARVALHO, José Murilo de Carvalho. **Os Bestializados**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.
[47] *Ibidem*, p. 16.

desenvolvimentos das mazelas sociais e raciais da cidade. Há outros trabalhos importantes que foram relevantes e que corroboraram com essa tese. Entretanto, em anos recentes a historiografia tem trazido novos apontamentos sobre essa questão e problematizado os aspectos defendidos por autores como Fernandes e Carvalho. As novas abordagens historiográficas tem se aprofundado nos estudos sobre a população negra no período que sucedeu a abolição e observado um movimento contrário ao apontado pela historiografia clássica.

Os estudos recentes evidenciam que não ocorreu no imediato pós-abolição um êxodo em massa dos trabalhadores libertos para o Rio de Janeiro. Dentro desta abordagem o trabalho de Carlos Eduardo Coutinho da Costa traz uma análise fundamental sobre a questão. Em *Faltam braços nos campos e sobram pernas na cidade* (2020) o autor demonstra que desde os últimos anos do escravismo no Brasil ocorre um processo gradativo de substituição das formas de organização do trabalho no campo, mais especificamente nas zonas produtoras de café. [48] Na segunda metade do século XIX as fugas e conflitos protagonizados por escravos em resistência ao cativeiro se acirraram de forma contínua. O movimento abolicionista ganha força em vários seguimentos da sociedade e a causa se torna tema de constante debate nas assembléias legislativas pelo país.[49] Costa (2020) destaca que a pressão pelo fim da escravidão no Brasil impulsiona um processo de alforria de escravos por parte de muitos proprietários. A alforria era sucedida por novos acordos e promessas estabelecidos entre os proprietários de terra e os ex-cativos com o objetivo de que estes continuassem a trabalhar nas terras de seus antigos senhores. Evidentemente, a pretensão dos produtores de café e outros senhores de escravos era evitar que ocorresse uma evasão de mão de obra dos libertos para outras regiões, especialmente os centros urbanos, e manter o fluxo de produção de café e outros produtos.

Neste sentido, Costa aponta que não ocorreu uma crise produtiva no Vale do Paraíba ou em outras áreas produtoras de café, evidenciando também que o temor das elites produtoras de esvaziamento de mão de obra não se concretizou. Ao contrário, os acordos e novas relações de trabalho entre senhores e os libertos negros continuam no imediato Pós-Abolição. Costa indica que foram desenvolvidos vários mecanismos para que as famílias de ex-escravos permanecessem nas regiões onde trabalhavam nos tempos de cativeiro. A necessidade de manter o fluxo de produção cafeeira e o temor de perda de mão-de-obra fez

---

[48] COSTA, Carlos Eduardo Coutinho. **Faltam braços nos campos e sobram pernas na cidade - Famílias, Migrações e Sociabilidades Negras no Pós-Abolição do Rio de Janeiro (1888-1940)**. Curitiba: Appris, 2020, p. 138.
[49] *Ibidem*, p. 149.

com que os anos imediatos da Abolição fossem marcados por uma lógica de renegociação e a construção de uma nova lógica de contratos e acordos entre proprietários e os trabalhadores rurais. [50]

Neste período são encontrados nas fazendas do Vale do Paraíba, e de outras regiões do estado como o Norte Fluminense, novas configurações de trabalho que predominaram por décadas. Cabe destacar que o trabalho assalariado não configurou a relação padrão observada nestas regiões entre fins do século XIX e início do XX. Os acordos estabelecidos firmavam parcerias, arrendamentos, trabalhos de turmas, entre outras formas de organização e remuneração. Dentro dessa lógica, os acordos estabelecidos entre os proprietários e os trabalhadores ruais, libertos e seus descendentes, eram muitas vezes firmados sob uma lógica de gratidão dos ex-escravos para com seus antigos senhores em virtude das alforrias. Portanto, o vínculo de gratidão exploraria um sentimento com o claro intuito de estabelecer novos vínculos de trabalho dos proprietários com os trabalhadores do campo. [51]

Um desses mecanismos de ressignificação das condições de trabalho foi a prática de senhores e proprietários concederem pequenas propriedades e acesso à terra para as famílias de ex-escravizados.[52] Além do acesso à terra, novas condições e promessas sobre remuneração marcaram as novas relações de trabalho que se estabeleciam. Essas estratégias foram fundamentais para a manutenção da produção agrícola nestas regiões, mas também proporcionaram aos ex-cativos novas possibilidades de negociação e estabilidade mesmo com variadas limitações. Carlos E. Coutinho da Costa (2020) destaca que os libertos não foram agentes passivos desse processo, como muitas vezes a historiografia tradicional atribuiu a população negra no período Pós-Abolição. Ao contrário, desde o aprofundamento do regime escravocrata ao longo da segunda metade do século XIX observa-se o aumento do número de fugas e rebeliões de escravos que resultavam em instrumentos de negociação e melhores condições de trabalho caso a liberdade (ou alforria) não fosse alcançada. Nos anos seguintes a Abolição os libertos tiveram agência sobre diversos aspectos sobre suas vidas e novas possibilidades de trabalho. Costa (2020) afirma que a escolha de continuar trabalhando nas fazendas ou migrar para outra região pelas famílias de ex-escravos e seus descendentes estaria dentro de um leque de possibilidades que envolveria uma agência e decisão direta destas pessoas. [53]

---

[50] *Ibidem*, p. 153.
[51] *Ibidem*.
[52] *Ibidem*, p. 125.
[53] *Ibidem*, pp. 149-151.

É importante ressaltar que a tese defendida por Costa não afirma que não ocorreram migrações de negros libertos do campo para centros urbanos em fins do século XIX e início do XX. O que o autor busca demonstrar é que o temor das elites brasileiras na virada do século que seria uma migração em massa dos ex-escravos para as cidades não aconteceu. Segundo Costa, a vinda de migrantes oriundos do Vale do Paraíba e de outras regiões rurais do interior fluminense para o Rio de Janeiro só viria a acontecer de forma intensa a partir da década de 1920 com a queda das exportações de café e a crise do sistema cafeeiro. Ou seja, não foi a geração de libertos nos anos que sucederam a Abolição que migraram em massa para o Rio de Janeiro, mas sim os seus descendentes décadas depois.[54]

Se o aumento expressivo da população carioca não pode ser explicado como resultado da vinda imediata e acentuada de trabalhadores rurais negros do Vale do Paraíba, pode-se identificar outros fatores importantes que contribuíram para o crescimento demográfico da antiga capital. Ainda existem muitas lacunas na historiografia sobre as várias origens dos migrantes que vieram para o Rio de Janeiro desde o último quartel do século XIX. Há uma carência de fontes que poderiam trazer maior precisão sobre estes dados. Carlos Eduardo Coutinho da Costa ao analisar diferentes trabalhos e fontes destaca o papel da constante migração de nordestinos ao longo do século XIX para diferentes regiões do país, em especial para a cidade do Rio de Janeiro. Com o fim do tráfico internacional de escravos em 1850, muitos proprietários de terras incentivaram a compra de escravizados oriundos das províncias do Nordeste.[55]

As províncias do Sudeste se tornaram o principal ponto de recepção destes escravizados em virtude da demanda por mão de obra na zona cafeeira e de outras atividades importantes na região voltada para subsistência e infraestrutura. Costa aponta que entre os anos compreendidos de 1890 e 1900 estados como Bahia, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte se tornaram aqueles que mais sofreram com o processo de emigração de sua população. Parte significativa destes migrantes, que não se reduziam apenas aos escravos e seus descendentes, se dirigiram para a capital e cidades como São Paulo e Santos. O Rio de Janeiro se torna neste período o lugar que mais veio a receber migrantes por conta da produção cafeeira e de outras atividades importantes que estavam em desenvolvimento. O autor destaca que os movimentos migratórios de camponeses e outros trabalhadores ruais são uma constante na história do país e em contextos específicos este processo tende a se acentuar.[56]

---

[54] *Ibidem*, pp. 164-166.
[55] *Ibidem*, p. 141.
[56] *Ibidem*, p. 143.

Além dos migrantes oriundos de diferentes regiões do país, a capital recebeu um número impressionante de estrangeiros durante a virada do século, o que veio a contribuir de forma considerável para sua expansão demográfica, proporcionando novas dinâmicas de organização social, principalmente no campo do trabalho. Os recenseamentos realizados nos anos de 1890 e 1906 nos evidenciam a presença significativa de estrangeiros. Em 1890 dos 522.651 habitantes da cidade no ano, 124.352 eram imigrantes, representando 24% da população. No ano de 1906, o censo realizado registra o número de 210.515 estrangeiros do total de 811.443 habitantes contabilizados residindo na cidade, o equivalente a 26% da população fluminense.[57] Em 1920, os dados censitários apontam que dos 1.157.873 residindo na capital, 239.129 eram estrangeiros, sendo equivalente 20,8% da população total. [58]

O censo de 1920 também nos aponta para uma variedade grande de nacionalidades dos imigrantes que se estabeleceram no Rio de Janeiro. Os estrangeiros iam desde imigrantes europeus como portugueses, espanhóis, italianos e alemães, entre outras nacionalidades. Os imigrantes portugueses configuram a nacionalidade de maior número de estrangeiros residindo no Rio de Janeiro entre os anos de 1906 e 1920. Em 1906 os dados censitários registraram 133.393 portugueses residindo na capital. No censo de 1920 o número desses imigrantes atingiu a marca 172.338 dos estrangeiros da cidade. [59]

Nos primeiros anos do século passado o regime republicano teve como uma de suas principais agendas acelerar o desenvolvimento urbano e econômico do Rio de Janeiro. Um dos projetos que são trazidos com o novo regime era a transformação da capital federal de forma que esta pudesse ser a representação positiva e máxima de um novo quadro político que busca ainda por se consolidar. O Rio de Janeiro, além de ter tido um aumento populacional considerável, era uma cidade que passava por graves problemas de infraestrutura dentro de seus perímetros urbanos. Não havia até a virada do século um sistema amplo de redes de esgoto e um projeto consistente de saneamento básico que atendesse toda a população carioca. Os problemas de higienização se agravam com a intensa circulação de animais que transitavam pela cidade como o uso força animal para tração de transporte de cargas ou de

---

[57] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907, p. 115

[58] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Brazil**. Realizado em 1 de setembro de 1920. Estatística predial e domiciliária da cidade do Rio de Janeiro (DF). v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1925, p. 50.

[59] *Ibidem*, p.83.

mercadorias. Era comum algumas residências terem criadouros de animais como porcos, galinhas e cavalos, variando o tipo de animal de acordo com as necessidades da família. [60]

Durante a virada do século XIX para o XX a questão sanitária se torna uma problema grave e sensível para a cidade. O Rio de Janeiro era uma cidade que conviveu ao longo de sua história com sucessivas epidemias de doenças como varíola, febre amarela, peste bubônica, tuberculose e malária, além também de doenças venéreas. Essas moléstias por décadas afligiam cotidianamente a população carioca, especialmente a mais pobre, onde as condições de higiene e salubridade eram precárias. Sylvia Damásio ao analisar os dados trazidos pela documentação acerca das questões sanitárias e a transmissão de doenças na cidade nos mostra que entre os anos de 1886 e 1890 aproximadamente metade das mortes ocorridas nesse período foram causadas por doenças transmissíveis.[61] Esta situação tende a ter uma leve queda nas duas décadas seguintes, porém o quadro de insalubridade e de transmissão de doenças continuavam com percentuais altos. A questão só terá um quadro de redução considerável a partir da implementação de uma nova política sanitária adotada no ano de 1902 no início da gestão do prefeito Pereira Passos.

Além da falta de saneamento e políticas públicas para a higienização da cidade, outro grave problema que o Rio de Janeiro enfrentava até o início do século foi a questão habitacional. O intenso fluxo migratório que a capital perpassa ao longo do século XIX com a vinda de estrangeiros, pretos libertos e de migrantes nacionais para a cidade proporciona um crescimento populacional que causa um impacto significativo nos espaços para habitação que pudessem comportar tamanha demanda. Esse processo intensifica o aumento da desigualdade social na cidade com um número cada vez maior de pessoas pobres buscando por melhores condições de vida. Segundo Maurício de Abreu, o crescimento populacional intensificado pelas migrações ao final do século provocou o adensamento ainda maior dos cortiços, casas de pensão, estalagens e moradias nas encostas da cidade. Essas habitações populares foram focos de constantes epidemias de febre amarela e varíola, além de outras doenças, já que as condições de moradia e higiene eram bastante precárias.[62]

Por fim, não se pode desconsiderar o fator comercial e produtivo que também são peças fundamentais para se discutir um novo projeto da cidade. Desde o século XIX, com o desenvolvimento da produção cafeeira, o Rio de Janeiro se consolida como o maior e principal centro comercial e financeiro do país. O porto da antiga capital foi durante quase

---

[60] DAMAZIO, Sylvia F. **Retrato Social do Rio de Janeiro na Virada do Século.** Rio de Janeiro: EdUerj, 1996, p. 71.
[61] *Ibidem*, p. 76.
[62] ABREU, 1987, p. 57.

todo o século a principal via de exportação do café produzido no Brasil, rivalizando apenas com o porto de Santos. Além das exportações de sacas de café, o porto da cidade era uma das principais entradas de produtos importados para o consumo interno, não apenas do Rio, mas como todo o Brasil. Com as atividades cafeeiras estabelecidas nas províncias do Rio de Janeiro e o papel fundamental do porto, a cidade detinha um número considerável de investimentos no que toca infraestrutura e o transportes, como os trens.

Diante deste papel central que a capital desempenhava na economia do país, a antiga infraestrutura urbana do século XIX - que ainda possuía resquícios de uma cidade marcada por aspectos que remetiam ao regime monárquico e pela presença do trabalho escravo, além de ter explicitamente os contrastes de uma cidade extremamente desigual - não condiziam com o ideário de progresso e civilidade que o regime republicano buscava implementar. As ruas da cidade eram estreitas e pouco iluminadas, dificultando a circulação de transportes, especialmente aqueles que transportavam as mercadorias que saíam do porto e se direcionavam aos estabelecimentos comerciais.

O objetivo do novo projeto de cidade para o Rio de Janeiro era modernizar a capital de forma que esta pudesse solucionar os seus antigos e graves problemas urbanos e que infligiam sobre a população carioca, como mencionado anteriormente. Paralelamente a isso, as reformas que seguiram traziam consigo uma nova concepção de cidade de forma que o Rio se transformasse em símbolo de civilidade e modernização, buscando se tornar equiparável ao quadro urbano de outras grandes capitais do mundo.

No início do século XX o Rio de Janeiro teve seu panorama urbano e social redefinidos. Há no espectro ideológico das elites dominantes do regime, principalmente aquelas localizadas no Rio de Janeiro, uma necessidade emergente de transformar a cidade de forma a introduzir em sua urbe os valores e a dinâmica de uma nova mentalidade burguesa ainda por se consolidar. Com a ascensão da República, há uma notável substituição das elites que circulavam e residiam na cidade, trazendo novos agentes no cenário político e econômico, que evidentemente desejavam que a capital federal se reestruturasse com objetivo de atender seus anseios. A mentalidade trazida por estas novas figuras não se resumiam estritamente a aspectos de ordem econômica, mas traziam consigo novos valores sociais que viriam ser implementados na capital. Torna-se claro que o Rio de Janeiro passa a ser o palco de disputa de diferentes projetos e modelos de cidade que acabam tendo reflexos nos mais diferentes

grupos e classes sociais da época. Uma das principais preocupações era apagar da memória da cidade todo o resquício do passado colonial e escravista ainda existentes no Rio de Janeiro. [63]

Para ampliar nossa reflexão sobre este tema melhor, cabe trazer alguns pontos discutidos por David Harvey. Em *Cidades Rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana*[64], ao analisar os processos de urbanização em diferentes experiências históricas e geográficas, o autor afirma uma ligação íntima entre o desenvolvimento do capitalismo e o processo de urbanização. Cidades como São Paulo, Santos e Rio de Janeiro são exemplos claros desta estreita relação. O processo de modernização do Rio fora também um processo de o inserir na economia capitalista mundial e uma tentativa de que a cidade entrasse em novos mercados. Este quadro fica evidente com o protagonismo que a capital assume desde o século XIX como centro das atividades comerciais e de investimentos do país. Por ter localização geograficamente favorável, o porto do Rio de Janeiro se tornou a principal porta de entrada de produtos importados para o consumo no mercado interno brasileiro, assim como foi um dos maiores pontos de exportação do café.

Foi com o propósito de realizar as grandes transformações necessárias ao Rio de Janeiro que o recém-eleito presidente Rodrigues Alves (1902-1906) indicou ao cargo de prefeito Pereira Passos com o intuito de dar início às obras. Passos fora um renomado engenheiro civil formado pela antiga Escola Militar de Engenharia - posteriormente se tornaria a Escola Nacional de Politécnica - e também presidente do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro. Após ter se formado engenheiro, Passos passou 4 anos em Paris acompanhando e estudando toda as reformas realizadas na capital francesa empreitada pelo prefeito francês Georges - Eugène Haussman, o que influenciou decisivamente na formação de Passos no que toca questões de urbanismo e transporte.[65]

A escolha de Pereira Passos como aquele que pudesse encabeçar as reformas urbanas no Rio de Janeiro deve ser analisada com mais cuidado. A indicação do prefeito está diretamente alinhada com a nova ordem política que buscava se consolidar. Como dito anteriormente, novos agentes econômicos entram em cena, especialmente aqueles ligados ao setor industrial e de prestação de serviços. Com o fim da escravidão, o novo regime de trabalho buscava se consolidar de forma que se enquadrasse na nova ordem vigente, mais alinhada com as cidades estrangeiras economicamente desenvolvidas como Nova Iorque,

---

[63] SEVCENKO, 1987, p. 40.

[64] HARVEY, David. **O Direito à cidade**. In: Cidades Rebeldes: Do Direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

[65] AZEVEDO, André Nunes. **A Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso**. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, 2017, p.169.

Chicago, Londres e Paris. Percebe-se que existem diferentes elementos que estão relacionados e que convergem sobre o parâmetro de civilidade e modernização: a necessidade de ampliar o porto, alinhar o Brasil e o Rio de Janeiro com os novos mercados internacionais, atrair novos investimentos estrangeiros, ampliar e facilitar o transporte, combater a insalubridade e as epidemias. Todas essas são questões buscaram ser solucionadas sob um ideário de civilização aos moldes europeus.

O trabalho realizado por André Nunes Azevedo nos é elucidativo sobre o tema. Segundo Azevedo, a grande reforma urbana efetuada no início do séc. XX pela gestão Pereira Passos e o governo do presidente Rodrigues Alves reconfigurou o Rio de Janeiro buscando atender a uma série de motivações. A primeira delas era a questão do saneamento da cidade, que buscava resolver uma demanda por salubridade urbana, implantação de redes de esgotos e combates às epidemias que assolavam a população carioca. Outra motivação para a reforma que o autor destaca é a necessidade de legitimação do regime republicano diante do conjunto da população brasileira, num momento de instabilidade política.

A terceira razão para as obras seria inserir o país, a partir de sua capital, a uma economia alinhada ao mercado internacional, principalmente através de trocas comerciais com os EUA e a Europa. Neste sentido, a reforma em uma escala empreitada pelo governo federal foi responsável por reformar e ampliar a extensão do porto da cidade, e criar 4 grandes vias de automóveis que pudessem ligar a zona portuária com a região central. O intuito, neste sentido, era integrar e facilitar a circulação dos produtos estrangeiros importados para o consumo interno. Um outro eixo que ficou evidente com as intervenções foi a tentativa de transformar a cidade sob a égide de civilização e progresso, o que justifica o grande investimento em instituições de caráter cultural como construção de teatros, biblioteca e praças públicas.[66]

Em questão de poucos anos a população carioca passou a conviver com significativas transformações da cidade, reflexo direto de uma rápida e forçada ascensão à modernidade. Os rápidos avanços tecnológicos que já vinham desde finais do século XIX, e agora intensificados com as reformas, causavam grande impacto na população. Os cariocas em um curto espaço de tempo foram mudando a sua percepção sobre a cidade. A expansão das redes dos bondes e linhas férreas de trens que ligavam todas as estações até à Central do Brasil começam a integrar toda a cidade com regiões mais distantes e pouco habitadas.[67] Sem contar

---

[66] *Ibidem*, p. 144.
[67] VELLOSO, Monica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**. Rio de janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

o aumento do número de automóveis nas ruas, um impulso de industrialização na cidade, e posteriormente, com as reformas, a substituição da energia à gás pela eletricidade foram inovações que traziam um novo olhar sobre o Rio e o espaço urbano.

Segundo Azevedo (2017), as reformas urbanas do Rio de Janeiro foram divididas por duas intervenções urbanísticas distintas, mas que se complementavam. Um conjunto de obras ficaram sob a responsabilidade do Governo Federal, especialmente aquelas relativas a infraestrutura do porto. Este passou por um processo de ampliação e modernização em paralelo com a abertura de três avenidas. A primeira dessas avenidas veio a ocupar toda a extensão do cais do porto, a atual Avenida Rodrigues Alves. Além dessa, foram criadas as atuais Avenida Francisco Bicalho, que se direcionava ao norte, ladeando o canal do Mangue, e na direção ao sul, a Avenida Central, atual avenida Rio Branco. O projeto encabeçado pelo presidente Rodrigues Alves tinha na ampliação do porto e na construção das avenidas a implementação de um sistema de integração da cidade e contribuir para o desenvolvimento do comércio com circulação de mercadorias. [68]

As intervenções e obras encabeçadas pela Prefeitura do Rio de Janeiro orientaram-se não apenas por uma perspectiva de progresso material, mas também por uma noção de progresso nos campos culturais e da ética urbana. As reformas empreendidas por Pereira Passos foram responsáveis pelo alargamento de diversas ruas e avenidas da antiga região central da cidade, além da ampliação do sistema viário de forma que pudesse integrar melhor o Centro com a zona sul. Dentro desta finalidade foi construída a Avenida Beira-Mar que ligaria o princípio da Rua Chile até o fim da praia de Botafogo, percorrendo por toda a extensão do litoral mais ao centro-sul da cidade.

Em quase todos antigos distritos da cidade ocorreram obras de alargamento das ruas, aumentando as vias e toda a sua extensão. Também datam deste período as aberturas das avenidas Mem de Sá, Salvador de Sá, Gomes Freire, Passos e Atlântica.[69] O objetivo era proporcionar uma integração entre as diferentes zonas da cidade, de forma que pudessem acompanhar a expansão territorial e o aumento populacional. Além disso, Pereira Passos também projetava flexibilizar o adensamento populacional que se intensificava desde o século XIX. [70]

Também estavam inseridos nas ações da prefeitura obras de embelezamento e criação de novos circuitos culturais para a cidade. Pereira Passos foi responsável pela ampliação e

---

[68] AZEVEDO, 2017, p. 145.
[69] DAMAZIO, 1996, p. 25.
[70] AZEVEDO, 2017, pp. 172-173.

embelezamento de praças como o Largo do Machado, a Praça São Salvador, Praça Onze de Junho, Praça XV, Praça Tiradentes, o Largo da Glória e o Passeio Público. Em todas foram implementadas estátuas imponentes, novos assentos, arborização e melhoramentos em seus jardins.[71] Além das ampliações e embelezamento das praças e de avenidas, Pereira Passos foi responsável por iniciar as obras de prédios públicos importantes voltados para as artes e a cultura como a Escola Nacional de Belas Artes, a Biblioteca Nacional e o Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Talvez a mais marcante realização dos empreendimentos urbanos realizados pelo poder público foi a abertura da já mencionada avenida Central, que a partir de 1912 viria ser renomeada para Avenida Rio Branco. Apesar das obras da avenida terem sido de responsabilidade do Governo Federal, a prefeitura foi atuante no embelezamento e na configuração que iria assumir. A Avenida Central se tornou na representação máxima de toda a modernidade em que o Rio de Janeiro mergulhara. Configurou em símbolo de poder político, econômico e cultural da cidade, já que anos depois de sua inauguração concentrou as grandes casas comerciais, sedes dos jornais mais importantes, hotéis de luxo, lojas de grife, clubes e prédios públicos monumentais, como os mencionados anteriormente.[72]

A gestão de Pereira Passos também ficou responsável por cuidar das questões sanitárias da cidade. A prefeitura se responsabilizou por implementar redes de esgotos na cidade, além de realizar uma série de intervenções sanitárias com o objetivo de higienizar o espaço urbano e erradicar constantes epidemias de doenças que viviam assolando a urbe carioca. Para a implementação deste projeto, Pereira Passos convida o médico e sanitarista Oswaldo Cruz para encabeçar os projetos de higienização e de combate aos principais focos de epidemia da cidade.

As reformas urbanas que foram realizadas no Rio de Janeiro no início do século XX foram responsáveis por gradativamente alterarem a imagem da cidade e do país ao mundo. Percebe-se que a modernização da cidade tem no papel do Estado um dos pilares de todo esse processo, com atuação decisiva para o direcionamento das novas diretrizes que a cidade vinha tomando. O poder público torna-se um dos grandes motores e responsáveis destas transformações, pois o Estado passa a atender os interesses e dinâmica de novos agentes econômicos e de uma nova classe política que buscava se consolidar ao poder.[73] Novos atores

---

[71] ABREU, 1987, p. 61.
[72] DAMAZIO, 1996, p. 26.
[73] Abreu começa o seu trabalho evidenciando como o Estado foi fundamental para as principais diretrizes de transformação da urbe. Conf. ABREU, 1987, p. 16.

sociais passam a compor o quadro de uma nova elite carioca que se distinguia daquela atuante no Império.

É importante destacar sobre o Rio de Janeiro que as reformas urbanas encabeçadas por Pereira Passos e Rodrigues Alves tem incluso em seu ideário de progresso a adesão da cidade a um projeto pautado numa dinâmica burguesa e que novos setores econômicos buscavam se consolidar. Este processo também é marcado pelo alinhamento do Brasil aos mercados internacionais para importação e exportação de produtos, atração de novos investimentos e de novos imigrantes para que pudessem trabalhar nas zonas cafeeiras. Os impactos de suas novas propostas afetam radicalmente sua geografia urbana e a dinâmica dos diferentes agentes sociais que viviam nela.

As transformações ocorridas no Rio de Janeiro juntas a uma tentativa de inserção da capital a uma rápida transição para a modernidade não podem ser resumidas às inovações que foram analisadas anteriormente. Como efeito das intervenções ocorridas na cidade, as reformas realizadas pelo poder público tiveram consequências graves para vários setores da população carioca. A remodelação da cidade alterou radicalmente a geografia urbana e as formas de organização socioeconômicas que existiam até então, tendo uma incidência maior sobre a população carioca mais pobre. As obras de extensão das vias e avenidas, assim como alargamentos das ruas e calçadas foram responsáveis por contribuir com as remoções de diversas habitações e edifícios antigos que existiam na região central. Somente para a construção da Avenida Central, que posteriormente se tornaria uma das principais avenidas da cidade, foram removidos mais de 600 edifícios para a realização das obras.[74]

Muitos prédios antigos haviam sido condenados por não terem condições adequadas de sustentação pela precariedade de suas estruturas. Outros edifícios haviam sido removidos para a construção de novas ruas e avenidas, como mencionado anteriormente. Muitos comerciantes ficaram insatisfeitos por terem sido obrigados a saírem de seus pontos comerciais e terem que se deslocar para outras regiões. Além de comerciantes e de outros profissionais que tiveram suas atividades impactadas, a vida da população carioca mais pobre foi severamente atingida. Além das questões estritamente urbanas, as novas políticas de saneamento e combate à insalubridade também tiveram seus impactos.

As políticas públicas de saneamento coordenadas pelo dr. Oswaldo Cruz foram responsáveis por assumirem práticas que foram consideradas invasivas pela população carioca. Os agentes de saúde e combate a epidemias invadiam moradias de pessoas mais humildes para aplicarem a higienização dessas habitações populares. Como efeito da política

[74] DAMAZIO, 1996, p. 24.

sanitária, novas posturas e ações higienistas foram implementadas. Durante esse processo, os cortiços foram condenados como espaços de insalubridade e transmissão de doenças. Os cortiços eram habitações populares onde residia parte significativa da população mais pobre do Rio de Janeiro. Em suas instalações costumavam morar famílias inteiras em pequenos quartos que eram alugados. Era comum nestas habitações populares não haver banheiros e outras áreas destinadas à higiene para todos os moradores, logo, o uso compartilhado destes espaços pelas famílias era uma realidade cotidiana destas pessoas. Por conta da precariedade e insalubridade destas habitações, os cortiços eram focos de transmissão de doenças como varíola, febre amarela, peste bubônica, além de doenças venéreas.

Percebe-se que sob o ideário de progresso, modernidade e civilidade, os efeitos das reformas empreendidas por Pereira Passos não propunha uma concepção de cidade que incluísse as demandas das classes populares da cidade. Ao contrário, a população pobre do Rio de Janeiro se tornou uma questão a ter de ser lidada, especialmente por se concentrar nas zonas centrais da capital. O meio de vida destas pessoas, altamente precarizado em quase todos os aspectos, ou seja, sem acesso à moradia, à higiene, à alimentação ou ao trabalho formal, não se enquadrava aos novos padrões de vida almejados. Não obstante, a ação da prefeitura foi incisiva em criminalizar ou perseguir práticas da cultura popular da cidade, especialmente aquelas que eram associadas aos negros e seu passado africano.[75]

Sob este fator, as ações da prefeitura foram responsáveis por uma reorganização e distribuição espacial da população da cidade. Neste processo a população pobre e trabalhadora foi gradativamente expulsa das antigas freguesias centrais, antes lugares de alta concentração populacional. O recenseamento de 1906 já evidencia uma redução considerável de habitantes em freguesias como Candelária e Sacramento, configurando percentuais de sua redução em 54,09% e 19,73% respectivamente.[76]A remoção dos cortiços foi um forte fator de deslocamento da população mais pobre para outras regiões da cidade, mas não foi o único.

Um dos efeitos das reformas implementadas pelo poder público foi o aumento substancial da especulação imobiliária nas freguesias centrais da cidade. Cabe mencionar que as transformações urbanas atraíram fortes investimentos no setor de construção civil e urbanismo, especialmente para as construções de novos edifícios construídos pelas ruas e avenidas da cidade. Foram estas novas edificações que sediaram comércios, redações de jornais, hotéis, lojas de luxo e serviços de administração pública. O impacto do investimento

---

[75] CRUZ, 2007, p. 49.

[76] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907, p. 23.

imobiliário ocasionou o aumento do preço dos aluguéis de imóveis que serviam de moradia para diversos seguimentos da população carioca. Com o aumento dos preços nos aluguéis, dificultando o acesso à moradia por parte da população, especialmente a mais pobre, o custo de vida na região central do Rio de Janeiro aumentou consideravelmente. Este quadro se tornou mais um dos fatores que inviabilizaram a ocupação das habitações pelas camadas populares na recém modernizada capital, obrigando as famílias mais pobres a residirem em áreas mais distantes da cidade.[77]

Os processos destacados até aqui evidenciam de forma explícita que esse novo projeto de cidade foi responsável por perpetuar e intensificar as desigualdades sociais existentes no Rio de Janeiro. Sidney Chalhoub em *Trabalho, lar e botequim*[78] afirma que os membros da classe trabalhadora mais pobres sofreram como um todo os resultados da transição para uma nova ordem vigente, pautada na concepção do capitalismo do início do século XX e na ideologia de progresso que o acompanhava. As reformas urbanas e as novas políticas de uso da cidade alteraram radicalmente a fisionomia e a ocupação da urbe pelos fluminenses. O autor segue uma perspectiva de análise que aponta como as reformas ocorridas no Rio de Janeiro acirram os conflitos de classes, já que o espaço urbano é um ambiente de disputa por aqueles que o vivenciam. A grande reforma estabeleceu novas formas de relação e interação entre as classes dominantes e as classes populares residentes no Rio.[79]

Com as grandes intervenções desempenhadas pelo poder público e imposição de uma nova ordem social imposta a capital federal, onde se privilegiou os interesses de determinados agentes econômicos e de uma classe política republicana, as classes populares começam a ter um processo de deslocamento ao longo dos anos a se afastarem de forma contínua das antigas freguesias centrais. Esta ocupação de novas áreas da cidade em busca de novas condições de moradia e estabilidade financeira pela população mais pobre é uma situação que já se observa desde as últimas décadas do século XIX. Com os eventos ocorridos no Rio de Janeiro que vão ocasionando na virada do século a sua transformação enquanto cidade e capital, o processo de ocupação de novas áreas pouco habitadas se intensifica. É nesta conjuntura que as zonas suburbanas da cidade começam a ter um crescimento substancial. Contudo, veremos adiante que este não será o único fato que para a expansão dos subúrbios na virada do século

---

[77] ABREU, 1987, p. 61.
[78] CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. São Paulo: Editora Unicamp, 2001.
[79] *Ibidem*, p. 112.

1.2 A formação e expansão das zonas suburbanas da cidade na virada do século.

A formação da zona suburbana do Rio de Janeiro está diretamente relacionada ao crescimento populacional e às transformações econômicas da cidade a partir de meados do século XIX. Muitos foram os fatores que contribuíram para o aumento demográfico da antiga capital que ocasionou o crescimento de suas fronteiras enquanto cidade e do seu perímetro urbano.

Como vimos na seção anterior, a zona central da cidade tinha como aspecto marcante um forte adensamento populacional que foi sendo intensificado ao longo da última metade do século XIX. Se observamos os números trazidos pelos recenseamentos realizados ao longo deste período, teremos mais clareza sobre este processo. Em 1849, alguns anos após o início do segundo reinado e às vésperas do fim do tráfico negreiro, a população carioca era de 266.466 habitantes. Poucos anos mais tarde, em 1856, os censos apontam uma redução populacional para 151.776 pessoas residindo na Corte. [80] Essa diminuição do número de habitantes pode ser explicada pela reorganização da dinâmica do comércio de escravos na cidade e o redirecionamento de muitos cativos ao Vale do Paraíba e norte fluminense para suprir a demanda por mão de obra escrava nas zonas cafeeiras e outras atividades produtivas.[81]

A partir do ano de 1870 começamos a ver o crescimento demográfico contínuo do Rio de Janeiro em proporções cada vez maiores e intensificando a concentração de habitantes no perímetro urbano da cidade. No recenseamento de 1870 a população carioca era de 235.381 habitantes e dois anos mais tarde chegaria ao quadro de 266.831 pessoas. No ano de 1890, o recenseamento nos aponta um crescimento substancial da população do Rio ao atingir a marca de 522. 651 habitantes, um aumento de 96% da população fluminense. Ou seja, em apenas 18 anos o número de habitantes da cidade praticamente dobrou. O recenseamento de 1906, durante o período em que ocorriam as reformas na capital federal, nos mostra que a população carioca bateu a marca de 811. 443 habitantes. [82]

Dos 811. 443 cariocas, os dados apontam que 621.933 pessoas residiam na zona urbana da cidade, composta na época por 58.638 domicílios em seu perímetro, e 183.402 habitantes na zona suburbana. Os subúrbios registravam 25.048 domicílios em toda a sua

---

[80] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907, p. 21.
[81] SOARES, 2007, p. 124.
[82] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907, p. 16.

extensão. No censo realizado em 1920, o distrito federal apresentou um aumento populacional alcançando a marca de 1.157.873 habitantes, tendo 790.823 residentes nos distritos urbanos da cidade e 356.776 habitando os subúrbios. Os dados censitários também apontam o crescimento no número de domicílios da cidade. Eram 81.312 habitações na zona urbana da cidade contra 48.487 existentes na zona suburbana. [83]

O que se percebe é que a cidade do Rio de Janeiro teve, a partir das últimas décadas do séc. XIX, um crescimento populacional excepcional durante um curto espaço de tempo. Em poucos anos a realidade da cidade e dos cariocas se modicava radicalmente. O aumento populacional significaria o acirramento de disputas por moradia, trabalho e serviços que possivelmente a cidade não tinha condições de atender tamanha demanda, mesmo sendo a Corte durante o Império e posteriormente o Distrito Federal. Alinhado a estes elementos, foi analisado anteriormente como o regime da escravidão configurou a realidade política, econômica, social e cultural da cidade, sendo parte constitutiva da realidade urbana do Rio. Mesmo com a redução do número de cativos após o ano de 1850, com a proibição do tráfico de escravos e o número cada vez mais reduzido de escravos nas vésperas da abolição, corpos pretos acorrentados ainda eram a realidade da cidade.

O aumento populacional pode ser explicado também pelos efeitos das migrações que a cidade foi recebendo desde o último quartel do século XIX. Como foi detalhado anteriormente, foi intenso o fluxo migratório vindos de diferentes regiões do Brasil para o Distrito Federal proporcionou um salto demográfico importante. A reorganização do tráfico interprovicial de escravos para a região fluminense, os migrantes nordestinos e os estrangeiros. Estes compuseram um quadro importante deste processo. Em 1870 o número de estrangeiros residindo no Rio de Janeiro era o de 78.676 em um total 235.381 habitantes da cidade. Em 1890 esse número aumenta para 124.352 dos 522.651 habitantes daquele ano. Já em 1906, o recenseamento nos mostra que dos 811.443 habitantes, 210.515 eram estrangeiros, compondo cerca de 26% da população. [84] 14 anos depois, os dados censitários apontam 239.129 imigrantes residindo na capital, o equivalente a 20% da população. [85]

Se analisarmos de forma mais detalhada percebemos que o número de estrangeiros aumentou em termos quantitativos ao longo das últimas décadas do século XIX, mas diminui em termos proporcionais se compararmos a quantidade de imigrantes em relação aos

---

[83] _____. **Recenseamento do Brazil**. Realizado em 1 de setembro de 1920. Estatística predial e domiciliária da cidade do Rio de Janeiro (DF). v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1925, p. 19.

[84] _____. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907, p. 119.

[85] _____. **Recenseamento do Brazil**. Realizado em 1 de setembro de 1920. Estatística predial e domiciliária da cidade do Rio de Janeiro (DF). v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1925, p. 52.

habitantes de origem brasileira. Isso nos permite concluir que, de fato, além de aumento natural da população carioca através de matrimônios e a constituição de novas famílias, o número de migrantes oriundos de outras regiões do Rio e do Brasil teve um peso significativo para o aumento demográfico da cidade. Porém, cabe ressaltar que isto não desconsidera a relevância da população imigrante na cidade e que continuará crescente ao longo da primeira república.

O expressivo crescimento demográfico irá refletir na organização urbana carioca. Já desde meados do século XIX observa-se a expansão das fronteiras da cidade para outras regiões localizadas ao sul e ao norte da cidade. A população carioca começa a ocupar áreas pouco exploradas dos arrabaldes do perímetro urbano do Rio de Janeiro. Os cariocas aos poucos começaram a se fixar em áreas antes ruralizadas ou pouco exploradas a partir do contato com os habitantes da cidade, onde a vegetação era mais densa por conta da pouca intervenção humana.

Desde o século XVI, a cidade do Rio de Janeiro teve como elemento singular de sua ocupação e desenvolvimento urbano ter sido assentada entre quatro morros que distinguiram geograficamente a sua fundação. Os morros do Castelo, Conceição, Santo Antônio e São Bento compuseram o quadrilátero por onde foi sendo desenvolvido por mais de três séculos o perímetro de ocupação e urbanização da cidade. É entre a localização destes morros que temos o surgimento das freguesias mais antigas da cidade como a Sé, Candelária, São José, Santa Rita e o Sacramento. As freguesias eram as divisões administrativas que vigoraram no Rio de Janeiro desde a sua fundação até a Primeira República. Nas proximidades do morro da Conceição temos a região portuária da cidade que daria origem a outras duas freguesias importantes, a Saúde e a Gamboa. Por séculos estas freguesias representaram quase que a totalidade e os limites da zona urbana da cidade, onde se concentravam as principais atividades comerciais, de prestação de serviços, prédios públicos, comércio de escravos, além de local de moradia dos cariocas.[86] No século XIX, após a independência do Brasil, a Candelária era o centro da cidade do Rio de Janeiro, que era neste período a Corte. Era nesta freguesia que se localizavam o Paço Imperial, as repartições públicas e as residências das elites dirigentes e dos principais comerciantes da cidade.[87]

Mesmo em localização estratégica entre os morros que marcam a fundação da cidade e a proximidade vantajosa com o mar da Baía de Guanabara, os arredores da cidade não apresentavam condições geológicas que pudessem proporcionar uma ocupação extensiva de

---

[86] DAMAZIO, 1996, pp. 18 -19.
[87] *Ibidem.*

imediato. Cabe destacar a forte presença de manguezais no entorno da localização da cidade, especialmente nas proximidades ao norte e ao sul, o que dificultou por anos a expansão para tais localidades. Já desde o século XIX o processo de urbanização da cidade é marcado por aterramentos dos mangues localizados nas proximidades da zona urbana do Rio de Janeiro para que pudesse ser efetuada a extensão da urbe.

O crescimento da cidade para além de suas fronteiras iniciais já é evidenciado a partir do século XVII com o surgimento de freguesias rurais localizadas ao norte e ao sul do perímetro urbano. Estas freguesias eram compostas por fazendas, sítios e chácaras, e, basicamente, exerciam atividades agrícolas e pecuárias voltadas ao mercado interno, servindo de abastecimento à população da cidade. Os recenseamentos antigos da cidade nos trazem os dados de criação de algumas dessas freguesias. Já em 1644 temos ao norte da cidade a criação da freguesia de Irajá e em março de 1661 tem-se a criação da freguesia de Jacarepaguá. Da junção de localidades das freguesias de Irajá e Jacarepaguá cria-se, localizada na região mais a oeste e distante da cidade, a freguesia de Campo Grande no ano de 1673. No século XVIII vê-se a criação das freguesias de Inhaúma, no ano de 1743, de Guaratiba, em 1755, de Paquetá, no ano de 1769, e a do Engenho Velho, em 1795. [88]

Todas estas freguesias faziam parte de áreas predominantemente rurais e eram marcadas por produzirem gêneros alimentícios como milho, feijão, mandioca, batata, arroz, abóbora e além da produção de cachaça. Algumas destas freguesias foram marcadas pela produção de cana-de-açúcar no século XVI e XVII como foi o caso de Engenho Velho. Se olharmos os dados trazidos pelos recenseamentos antigos, constatamos que quase todas estas freguesias tinham um número populacional reduzido se comparado com as localidades urbanas da cidade.

No século XIX observa-se um aumento do número de freguesias na cidade, evidenciando também a expansão desta para outras regiões pouco exploradas. É durante este século que começamos a ter uma ocupação da região que futuramente daria origem aos bairros da atual zona sul. Em maio de 1809 é criada a freguesia da Lagoa, a partir de um desmembramento da freguesia de Santa Rita. Alguns anos mais tarde, no ano de 1834 é criada a freguesia da Gloria, separando-se da freguesia de São José. Caminhando para o último quartel do século, da separação territorial com a Lagoa, se cria a freguesia da Gávea, no ano de 1873. Todas estas freguesias localizadas ao sul irão se desmembrar em novas freguesias no

---

[88] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907, p. 19.

início do século XX dando origem a bairros como Botafogo, Flamengo, Copacabana, Jardim Botânico e Ipanema.

Além das ocupações ao sul da cidade, foram surgindo ao longo do mesmo período novas freguesias que mais tarde iriam compor a futura zona suburbana da cidade tal qual conhecemos. É o caso de São Cristóvão, criada a partir da freguesia do Engenho Velho no ano de 1856, e de Engenho Novo, no ano de 1873. Esta em específico surge a partir da demarcação de terrenos que foram desmembrados de São Cristóvão, Engenho Velho e Inhaúma. No mesmo ano também se tem a criação da freguesia do Andaraí. [89] No século XX outras freguesias irão sendo criadas pela prefeitura como Tijuca, Vila Isabel, Santa Teresa, Méier, Madureira, Oswaldo Cruz, entre outras.

Observando o surgimento destas freguesias em vários pontos da cidade, percebe-se um processo de ocupação populacional que ao longo de dois séculos se expande gradativamente para além da antiga zona urbana do Rio de Janeiro. As criações dessas freguesias evidenciam o crescimento demográfico de áreas ruralizadas proporcionado pelos próprios cariocas e o aumento populacional da cidade como um todo. A importância das freguesias rurais para o abastecimento de alimentos e produtos para a cidade estabelece vínculo forte da zona urbana para com estas regiões mais afastadas.

A transformação destas áreas mais afastadas da cidade em freguesias possui relação com o crescimento da cidade como um todo. Assim como o surgimento de novas zonas ruralizadas que evidenciam um aumento populacional, em paralelo se observa ao longo do século XIX a expansão do perímetro urbano da cidade com a criação de novas freguesias. São os casos das freguesias de Santo Antonio, Sacramento e de Santana. Esta última talvez possua o caso mais emblemático para a nossa análise. Criada logo no início do século XIX, em dezembro de 1814, a freguesia de Santana tem marcada em sua formação a necessidade de expandir as fronteiras urbanas da cidade em direção aos manguezais localizados ao norte da cidade.

Ao analisar o processo de criação da região da cidade conhecida como Cidade Nova, Bruno Carvalho nos mostra como a criação da freguesia de Santana marcou um esforço do governo regente em expandir as fronteiras da cidade em direção ao palácio da Quinta da Boa Vista, no atual bairro de São Cristóvão. A região originalmente era composta por manguezais e tinha um trajeto que dificultava o deslocamento da família real para a cidade. Além da precariedade no caminho, a estrada era vulnerável a qualquer tipo de ação que colocasse em risco a vida das pessoas que transitassem. Para a ocupação da região, ocorreu já na primeira

[89] *Ibidem.*

metade do século o processo de drenagem das águas e aterramentos dos mangues existentes na região. A construção desta freguesia irá marcar uma tentativa de expansão do perímetro urbano do Rio de Janeiro e de um novo modelo de cidade, o que justifica o nome de Cidade Nova. [90]

Observa-se que desde o século XVIII ocorreu um processo de crescimento substancial da cidade, especialmente no que toca a ocupação de novas regiões com a criação das freguesias que vimos anteriormente. É importante entendermos que as divisões territoriais do Rio de Janeiro seguiam a lógica das divisões paroquiais estabelecidas como critério desde a fundação da cidade. Até a proclamação da República no Brasil, eram as divisões em paróquias que estabeleciam os critérios para os serviços da polícia e da municipalidade.[91] Ou seja, foi a partir das divisões paroquiais que surgiram os critérios para o estabelecimento das divisas administrativas do Rio de Janeiro.

Com o aumento expressivo da população ao longo do século XIX, a organização espacial da cidade ficou dividida de forma mais ampla em duas zonas: as freguesias urbanas e as freguesias suburbanas. O recenseamento de 1890 é o primeiro a trabalhar com a divisão paroquial que incluísse as delimitações das áreas urbanas das suburbanas. O perímetro urbano era composto por 12 freguesias, sendo administrativamente dividida em 3 zonas menores: Cidade Velha - composta por Candelária, São José, Santa Rita, Sacramento e Glória - , Cidade Nova - composta por pelas freguesias de Santana e Santo Antônio - e os Arrabaldes. Estes eram compostos pelas freguesias do Engenho Velho, Lagoa, São Cristóvão, Gávea, Engenho Novo.[92] As freguesias suburbanas seguiam duas subdivisões paroquiais entre aquelas consideradas rurais - Irajá, Jacarepaguá, Inhaúma, Guaratiba, Campo Grande e Santa Cruz - e as ilhas - Governador e Paquetá.

Nota-se que a concepção sobre o que são os subúrbios estabelecida ao longo do século XIX se diferencia daquela que posteriormente vigorará a partir do século XX. Para entendermos melhor a formação dos subúrbios é importante fazermos uma distinção e esclarecimento do que representa o termo subúrbio para a cidade do Rio de Janeiro. No trabalho realizado por Nelson da Nobrega Fernandes, *O "Rapto ideológico" da categoria subúrbio: Rio de Janeiro (1858 - 1945)*[93], o autor afirma que os cariocas inventaram e reproduziram um jeito muito particular do significado de subúrbio. Segundo o autor, a

---

[90] CARVALHO, Bruno. **Cidade Porosa - Dois séculos de história cultural do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2019, pp. 49-51.
[91] DAMAZIO, 1996, p. 18-19.
[92] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento de 1890**. Rio de Janeiro, Of. da Estatística, 1901.
[93] FERNANDES, Nelson Nobrega. **O "Rapto Ideológico" da categoria subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)** Rio de Janeiro, UFRJ - Dissertação de Mestrado, PPGG, 1995.

concepção desenvolvida sobre subúrbio no Rio de Janeiro foi passando por transformações que refletem diretamente as mudanças históricas ocorridas na cidade do ponto de vista econômico, social e geográfico. Em trabalhos mais recentes, Fernandes afirma que o sentido atribuído a palavra subúrbio pelos cariocas até o século XIX designava diretamente as localidades mais próximas da antiga região central, que à época eram conhecidas como arrabaldes.

Fernandes afirma que o termo era uma designação atribuída as freguesias localizadas na zona sul da cidade como Botafogo, Flamengo, Lagoa, Gávea e Copacabana, e algumas ao norte como Engenho Novo, Irajá e Inhaúma, que até meados do século XIX todas estas eram regiões predominantemente rurais. Nas últimas décadas do século XIX, nas freguesias da zona sul ocorreu o processo de loteamento dos antigos terrenos, que eram majoritariamente compostos por sítios, fazendas e chácaras, para aos poucos se tornarem o local de residência da aristocracia carioca. O que se percebe, é que até o século XIX, segundo o autor, as regiões da cidade que eram conhecidas como subúrbios apresentavam elementos mais próximos do uso tradicional do termo que trazia um significado de descontinuidade das ocupações urbanas, de povoamento menor e mais espaçado, ou onde não há a mesma dinâmica econômica e social da cidade. [94]

A partir da segunda metade século XIX, ocorre um processo de deslocamento das famílias aristocráticas cariocas e das elites econômicas da cidade que deixam de residir nas antigas freguesias centrais do Rio de Janeiro e passam a se estabelecer em novas áreas da cidade. Estes grupos que compunham a elite política e econômica da cidade buscaram se fixar nos antigos arrabaldes da cidade, áreas predominantemente rurais e pouco habitadas pelos cariocas. Leonardo Soares dos Santos (2011) afirma que é neste período que começam a divisão e loteamento de fazendas e sítios dessas regiões para a construção de chácaras e casarões das áreas ao sul da cidade, transformando em áreas de uso exclusivo do desfrute das elites. [95] Algumas freguesias mais ao norte e próximas do antigo centro também passaram por processo semelhante como a Tijuca, São Cristóvão, Vila Isabel e Piedade, porém sem a mesma conexão com os setores aristocráticos da população carioca que viria caracterizar a zona sul. Nestas localidades observamos a presença de servidores públicos, operários e de outros trabalhadores.

---

[94] **_____. O conceito carioca de subúrbio.** In: Revista da FAU - UFRJ - Subúrbios Cariocas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 2, 2009.

[95] SANTOS, Leonardo Soares dos. Os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX. Mneme (Caicó. Online) , v. 12, p. 257-280, 2011, p. 259.

O trabalho de Santos (2011) converge com o de Fernandes (1995) na medida em que ambos nos mostram que até finais do século XIX, ainda no começo da república, os subúrbios representavam regiões específicas da cidade, especialmente as freguesias localizadas ao sul e ao norte da cidade. Neste período o sentido de subúrbio não assumia uma conotação negativa, diferentemente do que se verá décadas depois. Ao contrário do que podemos imaginar, os subúrbios por um determinado momento em finais do XIX eram entendidos como áreas residenciais das elites carioca e de seu desfrute. Segundo Santos, os subúrbios eram percebidos pelos cariocas como bairros aristocráticos por conta das chácaras e casas edificadas na região, além, claro, também do perfil de moradores que passaram a residir nesses antigos arrabaldes. [96]

Alinhado a este processo de ocupação das freguesias localizadas ao sul, Abreu (1987) analisa como as antigas redes de bondes tiveram papel fundamental para o desenvolvimento e integração destas freguesias com o centro da cidade. Em 1859 é instalada uma das primeiras linhas de bonde da cidade ligando o Largo de São Francisco, no Centro, até a Tijuca. A partir de 1868 tem-se a concessão da primeira empresa responsável por realizar este tipo de transporte, a Concessão Jardim Botânico. Tal ano também marcou a inauguração da linha de bonde que ligava a rua Gonçalves Dias, também localizada no centro da cidade, até o Largo do Machado, localizado na zona sul. Dentro deste trajeto era contemplada a freguesia da Gloria, já consolidada enquanto bairro aristocrático. Três anos depois, em 1871 foram instaladas linhas de bondes que ligavam o centro da cidade com o Jardim Botânico, perpassando pelo bairro de Botafogo. [97]

Com o passar dos anos, novas concessões foram sendo cedidas para outras empresas para prestação de serviços dos bondes, o que proporcionou a criação de mais linhas que atendiam outras partes da cidade. Em 1870 é inaugurado o serviço da Rio de Janeiro Street Railway Company (que futuramente terá o seu nome alterado para Companhia São Cristóvão) que atendeu as freguesias de São Cristóvão, Andaraí, Tijuca, Saúde, Santo Cristo, Caju, Gamboa, Catumbi, Rio Comprido. Segundo Abreu, a medida em que novas áreas vão sendo loteadas e transformadas em áreas residenciais, novas linhas de bondes vão sendo estabelecidas para oferecer o serviço de transporte à população local.[98]

O autor também nos mostra como a implementação do transporte de bondes foi fundamental para proporcionar a integração das freguesias localizadas nestes antigos

---

[96] *Ibidem*, p. 260.
[97] ABREU, 1987, p. 44.
[98] *Ibidem*, p. 45.

arrabaldes com o centro da cidade. Percebe-se que o estabelecimento das linhas de bonde, que ao longo do século XIX começam a cruzar a cidade, segue inicialmente o objetivo claro de ligar os bairros aristocráticos, local de moradia das classes mais abastadas da população carioca, com o tradicional centro, onde se concentravam as principais atividades econômicas, postos de trabalho e prédios públicos da capital. Neste sentido, os bondes, enquanto transporte público, executaram o papel de integrar os antigos subúrbios da cidade com as freguesias centrais. No último quartel do século XIX, os bondes foram por um determinado período o principal meio de transporte dos cariocas, sendo superado pouco tempo depois pelos trens à medida que a cidade se expande para outras localidades.

Os serviços de transporte implementados na última metade do século XIX evidenciam para nós o quanto o sentido de subúrbio no Rio de Janeiro era estritamente ligado aos locais de moradia das classes mais abastadas da antiga capital. Segundo Santos (2011), a percepção sobre os subúrbios e a concepção assumida pelos cariocas começa a ser alterada a partir do século XX, especialmente com as reformas urbanas empreendidas pelo prefeito Pereira Passos e o presidente Rodrigues Alves. Como retratado na seção anterior, as intervenções ocorridas na capital alteraram radicalmente as formas de organização espacial e a dinâmica de ocupação do perímetro urbano da cidade pela população carioca. As obras ocorridas vieram acompanhadas da implementação de novas regulamentações para o uso do espaço público pelos cariocas. Além de reformas estruturais que pudessem atender as demandas econômicas e sanitárias da capital, são concretizados projetos de embelezamento de ruas, praças e avenidas, além da construção de novos edifícios que atendiam as expectativas de determinados grupos sociais da cidade. Todo este processo havia sido fundamentado no esforço de trazer ao Rio de Janeiro um modelo de concepção de cidade sob as marcas do progresso e da civilização ocidental.

As reformas urbanas empreendidas no começo do século XX apontam para outra questão fundamental a esta discussão que é o expressivo aumento populacional que o Rio de Janeiro atravessa a partir da segunda metade do século anterior. A abolição do trabalho escravo e as migrações de brasileiros e estrangeiros para a cidade, ambos ocorridos a partir do final do século XIX, proporcionaram um aumento de mais de 152% da população carioca apenas no período entre 1870 e 1906. [99] As ações do poder público durante as intervenções destacadas anteriormente foram responsáveis por reorganizar o adensamento populacional do Rio de Janeiro, forçando o esvaziamento das freguesias centrais pelas classes populares que

---

[99] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907, p. 21

ali residiam. O papel do Estado, através da prefeitura do Rio de Janeiro, foi decisivo para que novas áreas da cidade fossem povoadas pelos cariocas, especialmente a população pobre, negra e trabalhadora.

As medidas adotadas pelo poder público trouxeram consequências irreversíveis para uma cidade marcada pelas desigualdades raciais e sociais. Este quadro contribuiu para a evasão das famílias mais pobres que habitavam as antigas freguesias centrais do Rio de Janeiro, especialmente os habitantes dos cortiços e das encostas localizados nas proximidades das freguesias centrais. Estas habitações de uso predominante das classes mais pobres foram consideradas insalubres e foram duramente combatidas pelas políticas sanitárias adotadas pela prefeitura. A questão habitacional também foi agravada na medida em que habitações populares são consideradas inadequadas para o novo modelo de cidade que se impunha. Aumenta-se, assim, o preço de compra e venda de imóveis, encarecendo também o preço dos aluguéis, inviabilizando pessoas mais pobres de continuarem residindo pelo Centro e próximo de seus locais de trabalho.

Os dados trazidos pelo recenseamento realizado em 1906 são elucidativos sobre esta questão. Quando comparados com os dados dos recenseamentos anteriores, os números indicam um crescimento reduzido da população nas antigas freguesias centrais, como o caso de São José, Santa Rita e Santana, e da elevação das taxas populacionais daquelas formadas em localidades mais distantes da cidade. Há casos de um decréscimo populacional em algumas localidades centrais, a exemplo das freguesias da Candelária e do Sacramento. [100] No recenseamento seguinte realizado em 1920, os dados apontam para a continuidade do aumento populacional da zona suburbana, embora esta componha 30% da população total da cidade. [101]

Todo este quadro concretizado durante os anos iniciais do século passado proporciona uma conjuntura onde a população pobre, negra e trabalhadora é forçada a se mudar para áreas mais afastadas da cidade que pudessem oferecer um custo de vida mais baixo.[102] O mesmo processo de loteamento de terrenos que observamos ter ocorrido nas freguesias da zona sul também foi se estabelecendo nas regiões mais ao norte e oeste da cidade. As transformações ocorridas no Rio de Janeiro intensificaram o povoamento de áreas mais afastadas, mas que pudessem de alguma forma trazer a possibilidade de ligação e transporte com o centro. Ao

---

[100] *Ibidem*, p. 23.

[101] _____.**Recenseamento do Brazil**. Realizado em 1 de setembro de 1920. Estatística predial e domiciliária da cidade do Rio de Janeiro (DF). v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1925, p. 22.

[102] ABREU, 1987, p. 61.

longo dos anos, observa-se a formação de novas freguesias na capital, reflexo do intenso deslocamento da população carioca para as zonas norte e oeste da cidade.

A partir das intervenções realizadas na cidade, em 1903 a prefeitura do Distrito Federal adota uma nova divisão territorial da capital transformando as antigas freguesias em distritos. O censo demográfico de 1906 já evidencia um salto nas altas taxas de crescimento das antigas freguesias suburbanas, assim como o surgimento de novos distritos territoriais do Rio de Janeiro. Entre 1890 e 1906 algumas freguesias fora do eixo central da cidade tiveram crescimento expressivo, como é o caso da freguesia do Engenho Velho, que durante este período teve um aumento populacional de mais de 54 mil habitantes, o que em termos percentuais configurava o crescimento de 147,36% de sua população. [103] Em 1920, os dados censitários apontam para a continuidade do crescimento do distrito. O censo daquele ano registrou um salto de 91.494 moradores no distrito para 140.930 pessoas, configurando um aumento de 54,3% da população. [104]

Outros distritos também tiveram um crescimento desproporcional durante a virada do século XIX para o XX. A população de Inhaúma passou de 17.448 pessoas residindo na freguesia no ano de 1890 para os incríveis 68.557 habitantes em 1906. Este aumento demográfico configura um salto de 292,92% de sua população, segundo o recenseamento de setembro de 1906. No ano de 1920, o censo demográfico registra o aumento populacional de 94,31%, atingindo a marca dos 133.213 habitantes. O distrito do Engenho Novo também foi outro que atravessou um povoamento considerável. Os dados apontam para um crescimento populacional que bateu a marca dos 125,66%. Durante o mesmo período analisado, paralelamente aos bairros mencionados anteriormente, foram mais de 35 mil novos habitantes no Engenho Novo, saltando dos 27.873 habitantes em 1890 para 62.899 em 1906. No recenseamento seguinte, os números apresentaram 98.979, um aumento de 57,36% da população. Outras freguesias também apresentaram crescimento demográfico significativo como os casos de São Cristóvão, Espírito Santo, Irajá e Campo Grande. [105] É importante dizer que geograficamente todos estes distritos identificados até agora ficam localizados nas zonas norte e oeste do Rio de Janeiro.

O que os dados demográficos do Rio de Janeiro apontam é um processo de descentralização populacional da cidade, que a partir da virada do século apresenta

---

[103] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907, p. 23.

[104] _____.**Recenseamento do Brazil**. Realizado em 1 de setembro de 1920. Estatística predial e domiciliária da cidade do Rio de Janeiro (DF). v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1925, p. 26.

[105] *Ibidem.*

reconfiguração territorial a partir do deslocamento e povoamento urbano para outras localidades. O intenso aumento demográfico da cidade no período analisado alinhado com o novo modelo urbano que se impusera sobre a capital foram fatores decisivos para que os cariocas buscassem novos locais de moraria, mais acessíveis e baratos à população. Novas áreas residenciais foram sendo formadas em localidades pouco populosas. Muitos dos bairros que foram compondo o que futuramente iria se transformar nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro tal como os conhecemos tem em sua origem serem áreas que recebiam e acolhiam os setores mais pobres, não apenas da população carioca, mas também pessoas de outras localidades do Brasil.

O processo de expansão territorial da cidade e do seu perímetro urbano, especialmente para as localidades mais distantes ao norte, seguiram, à rigor, critérios bem específicos, principalmente para atender as necessidades das classes trabalhadoras. A população pobre e trabalhadora buscava se estabelecer em áreas que tivessem uma certa proximidade com o já elitizado e reconfigurado centro, mas que ao mesmo não tivessem o alto custo de vida dos distritos centrais. Cabe mencionar que mesmo com todas as transformações ocorridas durante as reformas urbanas, a zona central do Rio de Janeiro ainda era o grande centro comercial e o local onde se concentravam os principais postos de trabalho da maioria da população carioca na época.

Este aspecto foi justificativa para que muitos optassem por residir nas proximidades das antigas estações dos trens cujas linhas férreas se dirigiam à Central do Brasil, pois era uma forma de conciliar o acesso de moradia em localidades mais distantes e baratas com um meio de transporte que lhes proporcionasse o deslocamento aos seus respectivos trabalhos.[106] O centro do Rio de Janeiro, mesmo com todas as transformações da capital, continuou sendo a principal região de oportunidades de trabalho no comércio, varejo e na prestação de serviços, além das atividades portuárias que haviam se expandido consideravelmente a partir do séc. XX depois das reformas do porto.

A expansão territorial da cidade e o deslocamento populacional para as zonas mais afastadas possuem estreita relação com o desenvolvimento do transporte ferroviário na cidade. A instalação das linhas de trem na segunda metade do século XIX proporciona ao Rio de Janeiro uma nova forma de integração e deslocamento da capital para com outras regiões mais afastadas. Para Abreu (1987), os trens foram responsáveis pela rápida transformação das freguesias predominantemente rurais em novas áreas urbanas da cidade. A instalação das

---

[106] VELLOSO, 1996, pp. 26 - 31.

linhas de trem e a criação das estações contribuíram para acelerar a divisão e o loteamento dos terrenos localizadas nestas regiões ruralizadas ao norte e oeste da capital. [107]

Em 1858 é inaugurada a primeira linha ferroviária do Rio de Janeiro, a Estrada de Ferro Dom Pedro II, que ligava a antiga freguesia de Santana até a estação de Queimados, na baixada fluminense. A estação Dom Pedro II mais tarde iria ser renomeada para a estação Central do Brasil. Contempladas por esta linha férrea, foram inauguradas as estações de Cascadura e Engenho Novo, na jurisdição do Distrito Federal, e de Maxambomba, localizada em Nova Iguaçu. Neste período, Cascadura e Engenho Novo já apresentavam em suas localidades um processo gradativo de aumento populacional, além de já estabelecerem vínculos comerciais e de trabalho de seus moradores com as freguesias centrais.

A criação das estações de Cascadura e Engenho Novo também proporcionaram um incentivo maior à ocupação de pessoas em localidades próximas. Ao longo das últimas décadas do século XIX, há um aceleramento na ocupação populacional dos espaços intermediários entre as estações e o centro, já que estas regiões atendiam a demanda de quem buscava por uma moradia mais barata, além de um custo de vida menor. Abreu (1987) aponta que o crescimento populacional nestes espaços proporcionou a criação de novas estações de trem como Riachuelo e Todos os Santos, na década de 1860. A faixa suburbana em torno de Cascadura apresentou um crescimento demográfico tão significativo que resultou na criação de novas estações na década seguinte como a de Engenho de Dentro, Piedade, Rocha, Quintino, Méier, Mangueira, Encantado, Derby Club e Sampaio. Em 1890 é criada a estação da Mangueira. [108]

Na década de 1880 foram inauguradas duas novas ferrovias que se tornaram fundamentais para o transporte da população residente nestas localidades, além do transporte de mercadorias. Em 1883 foi criada a Estrada de Ferro Rio D'Ouro, que ligava o Caju até à represa do Rio D'Ouro, localizada na Baixada Fluminense. Esta linha contemplava as freguesias de São Cristóvão, Engenho Novo, Inhaúma e Irajá. A presença desta linha ferroviária incentivou a formação de pequenos núcleos populacionais que foram se desenvolvendo ao longo de sua extensão. Entre estes núcleos se destacam as futuras freguesias de Inhaúma, Vicente de Carvalho, Irajá, Colégio e Coelho Neto. Através de baldeações com as linhas dos trens da estação Dom Pedro II, o acesso ao centro tornou-se viável para quem residisse nestas localidades.

---

[107] ABREU, 1987, p. 50.
[108] *Ibidem*, pp. 50-51.

No ano de 1886 é inaugurada a ferrovia a Rio de Janeiro Northern Railway Company, que futuramente terá o seu nome alterado para Leopoldina Railway, que contemplava a antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Seu trajeto fixou-se entre a São Francisco Xavier e o município de Duque de Caxias. Esta linha foi responsável por impulsionar a urbanização de uma série de pequenos núcleos populacionais que posteriormente se configurariam em bairros suburbanos como Bonsucesso, Ramos, Olaria, Penha, Brás de Pina, Cordovil, Parada de Lucas e Vigário Geral. A ferrovia permitiu a estas regiões, até então predominantemente rurais, grande acessibilidade as freguesias centrais.

Ao longo dos anos, outras linhas foram sendo criadas que integravam antigas ferrovias da cidade, dando origem a mais estações. É o caso da Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil, que em 1903 será incorporada a Central do Brasil com o nome de linha auxiliar. Um detalhe fundamental para entender a composição da cidade, que vai sendo estabelecida a partir da ampliação das redes ferroviárias, se dá pelo fato de as localidades onde são instaladas as estações de trens, em sua maioria, se tornarão novos núcleos urbanos ao longo do século XX. Neste período, o que observamos é o surgimento de novos distritos da cidade do Rio de Janeiro que possuem vínculo direto com o transporte ferroviário. O adensamento populacional das regiões norte e oeste da capital segue o sentido das linhas de trens instaladas a partir da segunda metade do século XIX, e tem sua ampliação no século seguinte. [109]

O crescimento destas novas zonas suburbanas direcionadas ao norte da cidade é perceptível quando analisamos o número de passageiros que se movimentaram nas estações da Central do Brasil. Segundo Noronha Santos, no decênio de 1886-1896 foram mais de 30 milhões de passageiros transportados pelos trens que ligavam à Central do Brasil. [110] Estes dados apresentam dois aspectos importantes. O primeiro é o crescimento evidente da população suburbana que, como vimos, os dados trazidos pelo recenseamento de 1906 indicam. O segundo aspecto se configura no fato de estes novos distritos serem ocupados predominantemente por trabalhadores, especialmente por aqueles que possuem vínculos de trabalho com as zonas centrais.

Os aspectos abordados até aqui nos expõem com maior precisão como o sentido de subúrbio para a cidade do Rio de Janeiro vai sendo substituído a partir das transformações ocorridas durante a virada do século. A partir das reformas urbanas ocorridas nas zonas centrais do Distrito Federal, além da expansão das linhas férreas para outras regiões, ocorre

---

[109] *Ibidem*, p. 53.

[110] NORANHA SANTOS, Francisco Agenor. **Meios de Transporte no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1934, v 1, p. 493.

um deslocamento do significado e representação do que são subúrbios para os distritos localizados nas zonas norte e oeste da cidade. Se antes, durante o último quartel do século XIX, o uso da palavra subúrbio era de designação para as freguesias aristocráticas, local de residência e lazer das classes mais abastadas da capital, a partir do século XX, subúrbio possui atribuição aos bairros predominantemente ocupados pelas classes trabalhadoras da cidade. A medida em que os distritos da zona norte têm um salto populacional e passam a ser os locais de moradia dos trabalhadores e da população de menor poder aquisitivo, o entendimento sobre o subúrbio assume uma outra conotação, muito particular do Rio de Janeiro.

Na antiga capital, subúrbios se tornaram a designação das áreas distantes e de habitação dos trabalhadores da cidade, especialmente os mais pobres. Para entendermos melhor essa ressignificação cabe o uso da tese central do trabalho de Fernandes (1995). O autor aponta que o Rio de Janeiro originou um conceito próprio de subúrbio e que a significação deste ao longo do tempo perpassa por um processo de "Rapto Ideológico". Esta expressão, originalmente trazida pelo sociólogo francês Henri Lefebvre, que significa mudanças bruscas e drásticas do significado de determinadas categorias. Segundo Lefebvre, tais mudanças ocorrem por necessidades políticas e ideológicas em momentos de ruptura histórica.[111] No caso do Rio de Janeiro, esta ruptura pode ser identificada a partir dos processos como a abolição do regime escravista, criação e expansão das linhas de trens, proclamação da república e a reforma Pereira Passos. Para Abreu, até as transformações realizadas pelo prefeito Passos no início do século, o subúrbio não era considerado alternativa de moradia das classes populares. Até então o debate sobre as habitações populares giravam em torno das antigas habitações e vilas operárias, e não necessariamente um lugar, bairro ou região. [112]

Em concordância com Abreu, Fernandes afirma

> Após a Revolta da Vacina (1904), difundiu-se a ideia política e ideológica de promover o subúrbio enquanto lugar do proletariado da cidade moderna. Foi para atender a essa necessidade política e ideológica que foi produzido o conceito carioca de subúrbio, operado por um "rapto ideológico". [113]

Para Fernandes, a palavra subúrbio assume um sentido estritamente carioca, pois expressa uma caracterização direta com as condições da cidade. O uso aristocrático do

---

[111] LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2011, p.22.
[112] ABREU, 1987, 46.
[113] FERNANDES, 2009, p. 12.

conceito é substituído por uma outra caracterização que é definida por alguns aspectos bem específicos: o trem como principal meio de transporte dos suburbanos; predomínio das classes trabalhadoras e de uma população menos favorecida; e as relações íntimas e frequentes com o centro da cidade, onde se localizava se concentrava a maior parte dos postos de trabalhos dos suburbanos. [114]

O subúrbio carioca, diferentemente de experiências de outras metrópoles espalhadas pelo mundo, era o lugar das classes médias e, principalmente, pobres do Rio de Janeiro. Seus bairros eram majoritariamente compostos por trabalhadores que atuavam nos mais variados setores: tinham operários nas indústrias têxtil e de bens de consumo não duráveis, prestadores de serviços, pequenos e médios comerciantes, estivadores do porto, funcionários públicos, secretários, profissionais liberais, domésticas, passadeiras, feirantes, além de várias outras atividades.

A historiografia tradicional nos mostra que os subúrbios, diferentemente das regiões central e sul da cidade, não tiveram uma forte ação participativa do Estado em sua formação e desenvolvimento urbano. Segundo Abreu, nos distritos que compõem a zona sul da cidade como Lagoa, Glória, Catete, Botafogo, Copacabana, Ipanema, Leblon, o poder público atuou de forma decisiva na composição e infraestrutura destes bairros como locais de habitação propícios para as elites residentes na cidade. Além da implementação dos serviços de bondes, como foi retratado anteriormente, a prefeitura do Distrito Federal foi responsável por incidir na região uma gama de serviços básicos como saneamento básico, com coleta de lixo e instalação de redes de esgoto, iluminação, transporte e pavimentação de ruas. [115]

No que se refere a formação dos bairros suburbanos, o desenvolvimento dos distritos localizados mais distantes do centro se deu de forma alheia a interferência do poder público, seja na questão de planejamento urbano dos bairros, seja na oferta de uma infraestrutura e serviços dignos aos seus moradores. Segundo Abreu, as principais diretrizes do Estado em prover o desenvolvimento e uma reestruturação da antiga região central da cidade e da crescente zona sul contribuíram para a construção de realidades completamente distintas e contrastantes na capital. Há um evidente planejamento para a reconfiguração do centro e das freguesias ao sul como áreas de desfrute exclusivo das elites, seja para moradia e lazer, seja na questão comercial e econômica. O subúrbio do Rio de Janeiro, assim como as cidades da Baixada Fluminense, cresceram de forma "desordenada", sem uma atuação clara do poder

---

[114] *Ibidem*, p. 14.
[115] MIYASAKA, 2011, p. 118.

público, tendo como principal referência para o seu desenvolvimento as estações e linhas de trens que levassem as pessoas à cidade. [116]

A pouca participação do poder público em localidades predominantemente ocupadas por trabalhadores e pelos desassistidos proporcionou aos bairros suburbanos graves problemas de infraestrutura urbana que por décadas assolavam seus moradores. Como observado por Mendonça (2011), eram frequentes as queixas dos suburbanos nas colunas de reclamações dos jornais sobre problemas relativos à falta de assistência ou serviços oferecidos pela Prefeitura. As reclamações em tom de denúncia traziam relatos sobre os problemas nos serviços de trem, alagamentos, falta de iluminação, insalubridade, entre outras questões. Os diversos periódicos da época indicam que os suburbanos conviviam com a constante precariedade das condições de vida, lazer, sociabilidade e trabalho instauradas a partir do descaso das autoridades públicas. [117]

Por muito tempo, observou-se uma tentativa de criar uma imagem homogeneizada da cidade, coesa, moderna, de amplo desenvolvimento cultural e social, cujo esforço advinha do próprio poder republicano e das novas elites que emergiram. Essa memória de uma cidade civilizada e europeizada, atrativa à turistas e aos grandes investidores econômicos, foi fortemente defendida e divulgada pela produção intelectual e artística da época. Esse esforço de produzir uma memória e narrativa específicos sobre o Rio de Janeiro durante a Primeira República, também era evidente em diferentes jornais e revistas que circulavam pela cidade, cujo corpo editorial se alinhavam à nova mentalidade difundida na república.[118]

Este Rio de Janeiro idealizado, planejado, imponente, e ao mesmo tempo opressor, se contrastava com as gravíssimas consequências de todo processo político e social que as intervenções urbanas causaram às populações pobres. Evidentemente, na medida em que se buscava tentar erradicar o passado colonial e escravista do Rio, mais se agravavam as desigualdades sociais entre aqueles que residiam na cidade, mostrando um acirrado conflito. Essas contradições e conflitos também demonstram um certo reflexo das tensões raciais nos anos seguintes à abolição com as quais o Brasil, e em especial o Rio de Janeiro, não lidaram de forma integrada e eficaz para a população negra e mestiça.

Segundo os dados apontados pelo trabalho de Alline Torres Dias da Cruz (2007), a reorganização dos espaços urbanos do Rio de Janeiro a partir das obras empreendidas na primeira república foi também influenciada pelo dilema da racialidade da população carioca

---

[116] ABREU, 1987, pp. 72-73.
[117] MENDONÇA, 2011, p. 102.
[118] SEVCENKO, 1983, pp. 103-105.

no período. Cruz afirma que os projetos de modernização da cidade que datam desde a segunda metade do século XIX apresentam a presença da população negra como uma preocupação a ser debatida. A presença de negros e mestiços na antiga corte era diretamente associada ao trabalho escravo e as manifestações culturais de matriz africana. As práticas cotidianas dos negros no espaço urbano do Rio de Janeiro eram entendidas como manifestações de barbárie, incivilidade e vadiagem.

Como vimos anteriormente, após o fim do trabalho escravo no Brasil, a presença da população negra e mestiça na área urbana da cidade se tornam um problema social a ser enfrentado pelo Estado brasileiro. Com o advento da república no Brasil, há o esforço de discutir as novas formas de uso do espaço público pelos cariocas e de coibir a manifestação de determinados hábitos nas ruas do Rio de Janeiro. O Novo Código de Posturas de 1894 se torna um marco para estabelecer os novos critérios de comportamentos considerados adequados a capital. Com a sistematização de decretos e leis municipais a partir do Código de 1894, há a consolidação do processo de exclusão da população negra das zonas centrais da cidade e da criminalização de determinadas práticas. [119]

As fontes analisadas por Cruz afirmam que desde o século XIX foi sendo construído um imaginário que permeava entre as elites e autoridades cariocas de que a presença negra nas áreas urbanas era entendida como sinônimo de atraso, incivilidade, vadiagem, criminalidade e insalubridade. Sob este aspecto, as reformas urbanas empreendidas na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX foram marcadas por um forte elemento de racialização que demarca os espaços da cidade e suas formas de uso para a populações brancas e negras. [120] Para a autora, o processo de formação do subúrbio carioca é atravessado pelas tensões e desigualdades raciais que foram intensificadas pelo projeto de cidade que buscava se impor ao Rio de Janeiro e as ações direta das autoridades públicas na reorganização espacial do perímetro urbano da capital. Neste sentido, o sentido de modernidade e progresso que se instaurava no Distrito Federal era fundamentado na exclusão, marginalização e criminalização da população negra do Rio de Janeiro.

Sobre a distribuição racial da cidade, os dados oficiais não são precisos. Os recenseamentos de 1906 e 1920 não incluem o item raça em seus respectivos dados. Somente os censos anteriores, os de 1872 e 1890, apresentam dados referentes a cor dos habitantes do Rio de Janeiro. Em termos percentuais, os dados censitários de 1872 apontam que na corte 55,2 % de sua população era branca, 20,7% eram de mestiços e 24,1% eram de pessoas

---

[119] CRUZ, 2007, pp. 55-59.
[120] *Ibidem*, p. 53.

negras. [121] Os dados de 1890 apresentam uma diferenciação em relação ao recenseamento anterior. Neste ano 62,7% da população carioca era composta por pessoas brancas, 25% de mestiços e 12,3% eram de pessoas negras. [122]

Ao comparar os dados censitários dos respectivos anos, observamos que a população branca teve aumento significativo em relação as populações pretas e mestiças. Segundo Damazio (1995), este processo é explicado pelas imigrações que ocorreram na cidade, em sua maioria por europeus. A diminuição da população negra na cidade pode se contrastar com o receio que as elites cariocas tinham sobre uma possível migração em massa dos recém-libertos do campo para a cidade. Como vimos a partir de Carlos E. Coutinho da Costa (2020) esta possibilidade que receava os jornais e políticos da Capital não se efetivou. Ao contrário, a documentação e outros dados analisados pelo autor apontam para uma reorganização das relações de trabalho nas zonas caffeiras do Vale do Paraíba e de outras áreas produtivas que garantiu a permanência dos libertos nas antigas propriedades. Novos negociações, garantias e laços foram estabelecidos entre os senhores e proprietários com os antigos escravos de forma a garantir a permanência destes nas fazendas e evitar uma crise produtiva.[123]

Sobre os dados de 1872, Damazio afirma que estes podem ser explicados pelo fato de que nos anos anteriores a abolição o número de cativos e libertos era reduzido na cidade do Rio de Janeiro, especialmente pelo deslocamento da mão de obra escrava para suprir a demanda da produção cafeeira. Além disso, a percepção da população carioca sobre os mestiços variam de acordo com os grupos sociais e a sua relação com a cidade. [124] Dependendo da ocupação e local de moradia, a interpretação racial sobre um indivíduo mestiço pode variar, podendo estar mais próximo de ser entendido socialmente como uma pessoa branca. [125]

Para entendermos melhor alguns questionamentos que estes dados podem nos trazer, cabe discutir sobre a distribuição espacial da população carioca nas diferentes zonas da cidade. Os dados do recenseamento de 1890 analisados por Cruz (2007) mostram que as freguesias localizadas ao centro e na zona sul da cidade configuraram ao longo dos anos um processo de embranquecimento de sua população. Se retornamos as questões discutidas anteriormente sobre os efeitos das reformas urbanas sobre a população carioca, observamos o

---

[121] BRASIL. **Recenseamento do Império do Brasil..., 1 de agosto de 1872.** Rio de Janeiro, Of. da Estatística, vol. XXI, p. 31.
[122] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento de 1890**. Rio de Janeiro, Of. da Estatística, 1901. p. 16.
[123] COSTA, 2020, p.
[124] DAMAZIO, 1995, p. 35.
[125] CRUZ, 2007, p. 62.

processo de retirada da população pobre das áreas centrais e a composição da zona sul como espaço de moradia das elites da antiga capital federal. Cruz nos aponta que nos distritos suburbanos tendiam a ter uma composição racial mais equilibrada de sua população. No caso do bairro de Madureira, que no século XIX era uma região pertencente a freguesia de Irajá, predominou as atividades agrícolas, seguindo a tendência das outras freguesias suburbanas. Esse ambiente essencialmente rural da freguesia de Irajá foi marcado pela presença do trabalho escravo, cujos vestígios permaneceram no Pós-Abolição.

Neste sentido, a zona suburbana do Rio de Janeiro pode ser entendida como um ponto fora da curva para as autoridades políticas e das elites econômicas do antigo Distrito Federal se pensarmos no tipo de cidade que se buscava desenhar a partir do século XX. Se Abreu (1987) e Fernandes (1995) nos evidenciam elementos específicos para a composição do subúrbio carioca como a predominância da classe trabalhadora, a forte relação com sistema ferroviário e a relação de dependência com os distritos centrais, Cruz (2007) nos traz um outro fator fundamental para entendermos melhor o sentido carioca de subúrbio que é a demarcação racial. Os distritos suburbanos foram os espaços de acolhimento das populações pobres, migrantes e negras que haviam sido negligenciadas pela ação do Estado na primeira república em muito de aumento significativo da população carioca. Logo, os subúrbios, para além de serem majoritariamente compostos por trabalhadores, são os espaços onde incide a maior composição de equilíbrio racial da cidade, especialmente pela população mestiça e negra. Os dados do recenseamento de 1950 apontam que a partir da metade do século XX a população mestiça e negra compõe a maioria da população suburbana.

A forte presença de negros e mestiços nos distritos suburbanos é mais um fator que contribui para a construção de um sentido negativo de como setores da população carioca entendem o subúrbio. As demarcações racializadas trazidas por Cruz são um importante elemento que contribuem para o "rapto ideológico" do significado de subúrbio trazido por Fernandes e a particularidade da realidade carioca para o uso da palavra. Segundo Santos (2012)

> Muito daquilo que é visto como estranho à cidade, é no final das contas, visto como próprio, compatível e mesmo característico dos subúrbios. É curioso perceber como o processo de deslocamento de segmentos das camadas populares para o subúrbio parece sancionar um discurso que o torna como uma espécie de área

> que tivesse como principal função receber e abrigar tudo aquilo que era visto como negativo e impróprio de se estabelecer no centro da cidade. [126]

Os bairros suburbanos passam a não compor uma memória afetiva de parte considerável das elites cariocas e principalmente de intelectuais que compartilhavam sua visão de cidade e mundo. Evidentemente, os padrões culturais nos subúrbios cariocas possuem singularidades bem específicas, criando assim um modo de vivenciar a cidade completamente distinto daqueles padrões estabelecidos pelas elites republicanas. Os subúrbios do Rio de Janeiro passam a compor o lugar de acolhimento daquele que foi rejeitado e expulso pelas transformações empreendidas pelo poder público durante as reformas e intervenções, e que passa a ser seu novo local de moradia e vivência. Além disso, a zona suburbana também se torna uma área recpetora de migrantes vindos de diferentes regiões do Brasil. Observando a questão por este ponto, os subúrbios representam também o lugar da ressignificação do modo de viver do carioca subalternizado.

1.3 Todos os Santos: a formação de um pequeno bairro suburbano.

O processo de análise histórica de Todos os Santos, enquanto bairro suburbano, requer procedimentos de investigação minuciosos dada a sua composição social e urbana. O desafio de compreender os fatores que marcaram a composição social do bairro, as atividades econômicas empreendidas e o desenvolvimento de seu perímetro urbano é atravessado, primeiramente, pela carência de fontes. Este aspecto é explicado pelo fato de que por décadas Todos os Santos não ter sido reconhecido pela Prefeitura enquanto um distrito autônomo com jurisdição própria. As divisões administrativas da municipalidade estabeleciam a região de Todos os Santos como pertencente ao distrito do Méier até o ano de 1983, compondo uma das várias subdivisões territoriais que este distrito tinha.

Este dado não pode ser desconsiderado na tentativa de uma observação aprofundada sobre Todos os Santos. Por não ter uma divisão administrativa própria, todas as questões referentes a construção e manutenção das vias, iluminação, saneamento, serviços da polícia e ações no que tocam ao poder municipal sobre a localidade ficavam sob responsabilidade da municipalidade do distrito do Méier. Como efeito deste fato, Todos os Santos não possui dados próprios apresentados nos recenseamentos realizados no Rio de Janeiro durante a Primeira República. Nem mesmo os anuários realizados na capital trazem informações sobre

---

[126] SOARES, 2012, p. 266.

o bairro. Portanto, para que se possa entender a formação de Todos os Santos, desde o momento de sua origem até o recorte temporal estabelecido para esta pesquisa, será preciso levar em consideração alguns fatores históricos e econômicos específicos que levaram a formação e desenvolvimento do Méier.

O distrito do Méier foi criado administrativamente pelo município do Rio de Janeiro no ano de 1903. A criação do distrito está relacionada à nova divisão administrativa realizada pela prefeitura que a partir do início do século XX assume novos critérios de sua municipalidade. Em 1903, com o decreto de nº 434, de 1º de junho, o poder municipal adota uma nova divisão territorial do Rio de Janeiro. Primeiramente, a organização administrativa do município deixa de seguir as divisões paroquiais que demarcaram por séculos as freguesias da cidade para estabelecer critérios relativos aos serviços policiais e de atendimento do poder público. Em seguida, estabelece a divisão do território em duas zonas: urbana, com 18 distritos, e a suburbana, com 7.[127]

Até o estabelecimento dessa reorganização territorial da cidade em 1903, a região do Méier pertenceu à freguesia do Engenho Novo, área ainda ruralizada que vivia em franco processo de crescimento populacional. Por sua vez, a criação da freguesia do Engenho Novo é datada do ano de 1873 com a demarcação de um território que reuniu terrenos desmembrados das freguesias do Engenho Velho, de São Cristóvão e de Inhaúma. Alguns anos antes da criação da freguesia, a região que configura este território já apresentava um certo adensamento populacional a partir da criação da estação de trem de mesmo nome no ano de 1858, pertencente a Estrada de Ferro Dom Pedro II. Até o recenseamento de 1890 a freguesia de Engenho Novo não apresenta dados demográficos devido ao fato de sua criação ter sido justamente no ano posterior a realização do censo anterior, datado do ano de 1872. Sobre os dados registrados em 1890, o censo demográfico aponta uma população de 27.873 habitantes residindo na freguesia.[128]

Até a virada do século, o Engenho Novo não possuía uma configuração diferente das outras freguesias suburbanas do período, sendo uma região predominantemente rural que estava em franco processo de crescimento populacional. A partir de fatores específicos que influenciam o aumento populacional dos subúrbios da cidade - como a instalação das linhas férreas dos trens, juntamente com a criação das estações, assim como o deslocamento populacional para a região por pessoas que buscavam um lugar de moradia mais acessível - os

---

[127] DAMAZIO, 1995, p. 20.

[128] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907, p. 20.

territórios que dariam origem aos bairros suburbanos estavam sendo ocupados. Freguesias como Engenho Novo passam a receber um número significativo de moradores fazendo com que as antigas propriedades rurais sejam loteadas em áreas residenciais dos trabalhadores da cidade.

O processo de urbanização da região de Engenho Novo, que posteriormente resultará na criação do Méier, está relacionado diretamente ao transporte ferroviário do Rio de Janeiro. Como retratado por Abreu (1987), as linhas férreas dos trens da Estrada de Ferro Dom Pedro II, que ligavam a freguesia de Santana até a região de Queimados, foram responsáveis pela rápida transformação das freguesias suburbanas. Como visto anteriormente, a composição do subúrbio pelos cariocas possui vínculo com os trens que ligavam as freguesias centrais até as regiões mais distantes. Para Abreu, as linhas dos trens da cidade foram um dos pilares para a expansão e formação da região metropolitana do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Na primeira metade deste século, a atuação do Estado foi fundamental para criar novas estações em regiões que fazem parte da atual Baixada Fluminense como Nilópolis, São João de Meriti, Queimados, Duque de Caxias e Nova Iguaçu. [129]

Como discutido na seção anterior deste capítulo, ao longo da segunda metade do século XIX foram sendo criadas novas estações para atender as linhas dos trens que partiam dos trechos centrais do Distrito Federal. A expansão do serviço ferroviário na zona suburbana permitiu o povoamento de áreas ruralizadas por um contingente de trabalhadores e migrantes que buscavam novas oportunidades de moradia. Este processo caracterizou um aceleramento da urbanização de áreas pouco exploradas pelos cariocas e que permitiu com que as fronteiras da cidade aumentassem consideravelmente. Se analisarmos os dados trazidos por Noronha Santos, entre os anos de 1858, data de inauguração da primeira ferrovia do Rio de Janeiro, e o ano de 1886, foram criadas mais de 20 estações de trens que contemplavam as regiões norte e oeste da cidade, além dos municípios vizinhos.

A fixação inicial de muitas freguesias suburbanas se deu justamente no em torno das estações de trens, já que, como vimos anteriormente, setores expressivos dos seus habitantes exerciam seus trabalhos no centro da cidade. Como vimos em Fernandes (2009), o subúrbio do Rio de Janeiro tem como parte constitutiva de seu sentido a estreita relação de seus moradores com o centro, já que eram nas freguesias centrais que se concentravam o grande centro econômico e de prestação de serviços da cidade, tendo a maior gama de postos de trabalho da capital. Muitos dos moradores dos subúrbios exerciam profissões de média e baixa qualificação, tendo no serviço ferroviário o principal e único meio de transporte para

[129] ABREU, 1987, p. 81.

acessarem os seus postos de trabalho. Havia desde funcionários públicos, passando por militares (geralmente praças ou oficiais de baixa patente), estivadores, comerciantes, operários, profissionais liberais, além daqueles que não tinham emprego fixo. [130]

Dentro deste contexto de formação do subúrbio podemos ter indícios sobre o desenvolvimento da freguesia do Engenho Novo, que implicará na formação de Todos os Santos futuramente. O primeiro aspecto que podemos identificar é a criação da estação de trem de Todos os Santos no ano 1868. Esta estação pertencia a linha férrea da Estrada de Ferro Dom Pedro II cujos trens partiam diretamente da zona central do Rio de Janeiro. Como vimos anteriormente, as criações das estações não ocorriam de forma aleatória, mas seguiam critérios de se fixarem em localidades que já apresentassem um certo adensamento populacional. As linhas férreas, antes de se se tornarem o principal meio de transporte da classe trabalhadora carioca, foram instaladas com o objetivo de atender às demandas produtivas da capital e da produção cafeeira, trazendo as sacas de café do Vale do Paraíba até o porto da cidade. A ocupação ao longo das faixas do transporte ferroviário foi proporcionada a medida em que a capital apresentava um aumento populacional considerável nos distritos centrais e foram sendo implementadas as ações do poder público que foram expulsando a população mais pobre do centro.

É provável que Todos os Santos tenha passado pela mesma divisão e venda de terrenos para atender a demanda dos novos moradores que iam chegando à região, da mesma forma que marcou toda a urbanização do Engenho Novo e seu incremento demográfico. Evidentemente que a região tenha tido um salto populacional a partir dos anos finais do século XIX e com as novas políticas administrativas adotadas pela prefeitura no começo do século XX. Os censos demográficos podem nos oferecer dados esclarecedores sobre a questão. Por se tratar de uma região que até então pertencia à divisão administrativa do Méier, utilizaremos os dados censitários referentes a este distrito para termos uma noção mais precisa sobre Todos os Santos a partir do século XX..

O recenseamento de 1906 é o primeiro levantamento demográfico em que os habitantes do Méier são registrados, já que a criação do distrito é datada pela nova divisão municipal do ano de 1903. Os números apresentados são esclarecedores sobre o crescimento populacional da faixa suburbana que compreende os distritos do Engenho Novo e do Méier. O tamanho territorial que compreendia toda a área do Méier atingiu a uma extensão de quase 14 km^2, frente aos 8,2 km^2 compreendidos pelo Engenho Novo. Este recorte proporciona ao novo distrito uma das maiores faixas territoriais da zona suburbana, ficando atrás de Inhaúma,

[130] FERNANDES, 2009, p. 12.

Santa Cruz e Campo Grande, por exemplo. Segundo os dados censitários, a população do Méier atingiu a marca de 34. 476 habitantes, enquanto o Engenho Novo registrou 62.898 em sua população, um aumento de 125,66% deste. [131] A composição urbana do Méier pode ser caracterizada pelas densidades populacional e imobiliária apresentadas no recenseamento. Segundo os dados, a densidade populacional do distrito era de arredondados 2.488 habitantes por quilometro quadrado, o que evidencia uma concentração de pessoas em seu perímetro menor que o Engenho Novo (3.430,002 habitantes por quilometro quadrado), Andaraí (3.177 pessoas), Engenho Velho (5.853) e São Cristóvão (aproximadamente 9.201 habitantes). Ainda assim, o Méier apresenta números maiores que os distritos de Irajá, Tijuca, Inhaúma, Guaratiba, Campo Grande, Jacarepaguá, Santa Cruz e as ilhas.[132]

Em relação a densidade imobiliária, o censo demográfico apresenta números relativos aos prédios e domicílios nos diversos distritos municipais da cidade. Os prédios incluem repartições públicas, fábricas, centros administrativos ou comerciais. Em relação ao Méier, o distrito tinha registrado 4.222 prédios e 4.224 domicílios em seu território. Estes números evidenciam que determinadas atividades comerciais e de prestação de serviços foram se estabelecendo no distrito de forma considerável, especialmente se o compararmos com os outros distritos suburbanos. Os números registrados sobre o Méier são similares aos de São Cristóvão, que tinha em seu território 4.133 prédios, Engenho Velho, com 4.147 edificações e uma considerável diferença de Engenho Novo, que registrou 3.074. [133] Cabe mencionar que estes distritos destacados são bem mais antigos que o Méier, tendo os seus respectivos processos de urbanização evidenciados desde meados do século XIX. São Cristóvão desde a consolidação da república foi se configurando num bairro de intensa atividade industrial, especialmente pelo custo barato da aquisição de imóveis antigos para a construção das fábricas e pela sua localização próxima ao centro e as estações de trem. [134] Em 1906, somente neste distrito foram identificados 6.477 operários residindo em seu perímetro.[135]

Os números apresentados pelo censo demográfico de 1906 já nos dão indícios mais claros sobre a urbanização do Méier. O crescimento do distrito será constante, especialmente no que tange o seu aumento populacional e as atividades econômicas empreendidas pelos seus habitantes. Os dados demográficos trazidos pelo recenseamento de 1920 apontam que a

---

[131] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907,, p. 22 - 23.
[132] *Ibidem*, p. 28.
[133] *Ibidem*, p. 35.
[134] ABREU, 1987, p. 55.
[135] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907, p. 277.

população do Méier atingiu a marca de 57.252 habitantes, tendo um aumento absoluto de 22.776 novos moradores no distrito, o equivalente a relativos 66,06% maior em relação ao censo anterior. O recenseamento de 1920 também apresentam a média de crescimento anual dos distritos, mostrando que num espaço de 14 anos, o Méier cresceu anualmente cerca de 5% de sua população. [136]

Se analisarmos a densidade demográfica do distrito percebemos que o número de habitantes por quilometro quadrado também teve um incremento em relação ao recenseamento anterior. Levando em consideração que a divisão territorial do Méier não foi muito alterada em relação ao ano de 1906, os dados demográficos de 1920 apontam que o distrito tinha uma média de arredondados 4124 habitantes por quilometro quadrado em sua área. [137] Ou seja, em número absolutos, a região do Méier apresentou quase que o dobro da sua densidade populacional, o que nos mostra o indicativo da urbanização de sua região. Além dos dados populacionais, o recenseamento indica neste processo o incremento nos números de domicílios e prédios no território.

O censo de 1920 aponta que o Méier tinha em seu território 6.983 domicílios e 7.184 prédios. Comparado com os números registrados no censo anterior, observa-se que o distrito apresentou um aumento de 70% no número de domicílios fixados na região e 65% no número de edifícios. Os dados censitários também indicam uma redução no número de habitações coletivas como estalagens, cortiços e barracões, e a predominância de residências que comportam apenas um núcleo familiar. [138] A densidade domiciliária do distrito apresentou um pequeno aumento, enquanto a densidade predial teve uma pequena redução. Estes dados levam em consideração a média de habitantes estabelecidos por prédio e domicílio por quilometro quadrado. [139] Cerca de 90% dos prédios habitacionais existentes no Méier estavam ocupados e apresentavam plenas condições de funcionamento. [140]

O desenvolvimento do Méier também pode ser identificado pelo aumento do número de logradouros existentes em sua divisão administrativa. Os tipos de logradouros administrativamente registrados pela prefeitura se dividem em adros, avenidas, becos, caminhos e estradas, campos, ladeira, largos e praças, pontas, praias, ruas, travessias e outras denominações. Evidentemente, a cidade do Rio de Janeiro, especialmente na zona urbana e suburbana, apresenta um índice maior de ruas, seguida pelo número de travessas e avenidas.

---

[136] _____.**Recenseamento do Brazil**. Realizado em 1 de setembro de 1920. Estatística predial e domiciliária da cidade do Rio de Janeiro (DF). v. 2. n. 2. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1924, p.23.
[137] *Ibidem*, n. 1, p. 33.
[138] *Ibidem*, v. 2, n. 3, p. 14.
[139] *Ibidem*, p. 12.
[140] *Ibidem*, p. 22.

Os morros e estradas marcam maior presença nos distritos mais afastados da cidade, especialmente localizados na zona norte e oeste como Inhaúma, Irajá Campo Grande, Jacarepaguá e Santa Cruz. Importante mencionar que as ladeiras e morros nos distritos seguem, também, critérios relativos a condição geográfica em que estão localizados os distritos. É o caso da Tijuca e Andaraí, que apesar de serem relativamente próximos ao centro, possuem morros e ladeiras em suas imediações. [141]

No caso do Méier, o recenseamento de 1920 registrou 197 logradouros públicos frente aos 163 apresentados em 1906. Os dados censitários apontam que o distrito era composto por 164 ruas, 17 travessas, 5 praças, 3 becos, 2 avenidas, 2 caminhos, 1 estrada e 3 serras. Além do número de logradouros, o censo de 1920 indica as subdivisões administrativas que compreendiam espacialmente cada distrito. Estas demarcações espaciais foram apresentadas de acordo com as comissões censitárias e seguiam critérios estipulados pela municipalidade. Nas secções que compõem as análises do censo de 1920, existem critérios de divisão que estabelecem o levantamento de cada distrito do Rio de Janeiro. Para cada distrito analisado existe um mapa de sua área compreendida, destacando também as subdivisões existentes. No caso do Méier, os mapas indicam 16 subdivisões censitárias para o levantamento dos dados da região. Infelizmente, os mapas dos distritos apresentados não indicam os nomes de cada território compreendido e nem os dados específicos de cada área em específico.

Esta ausência de dados específicos sobre os vários territórios que compõem as zonas distritais da cidade torna imprecisos os vários elementos que caracterizam Todos os Santos. Para conseguir esboçar o território compreendido por Todos os Santos e conseguir elencar os possíveis aspectos que fazem parte do seu cotidiano foi necessário realizar a comparação dos mapas distritais da cidade produzidos em épocas distintas.

---

[141] *Ibidem*, p. 8.

Mapa do Distrito do Méier segundo a divisão do recenseamento de 1920.
Fonte: BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Brazil**. Realizado em 1 de setembro de 1920. Estatística predial e domiciliária da cidade do Rio de Janeiro (DF). v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1925, p. 280.

Comparando o mapa apresentado pelo recenseamento de 1920 do Méier com a área compreendida atualmente pelo bairro de Todos os Santos, as subdivisões territoriais que coincidem são referentes as áreas de números 3 e 9. Alguns dos logradouros públicos registrados de 1920 continuam existindo até os dias de hoje, mesmo com os processos de adensamento populacional e reformas empreendidas no subúrbio ao longo do século XX.

Pela comparação realizada, pode-se observar que a área de Todos os Santos compreende cerca de pelo menos vinte ruas, duas travessas, uma avenida, além de compreender a estação de trem. Algumas de suas ruas são extensas, além da região ser

compreendida por um pequeno relevo. Este morro serviu como local de habitação para alguns moradores da região. O caso mais notável foi do escritor Lima Barreto que residiu na rua Boa Vista, atual rua Elisa de Albuquerque, número 76. [142]

Ao analisar os aspectos biográficos de Lima Barreto, Lilia Moritz Schwarcz (2017) traz alguns elementos elucidativos sobre o bairro. Schwarcz evidencia Todos os Santos como uma área estritamente residencial, que aos olhos de Lima Barreto expressava um lugar calmo, pacato, com uma variedade de serviços e comércios locais. Segundo a autora, Todos os Santos apresentava uma certa monotonia quando comparado ao Méier. Os habitantes possuíam costumes tranquilos, uma vida mais calma, quase que interiorana, quando comparada com as ruas do Méier e de outros distritos da cidade. Neste sentido, Schwarcz aponta Todos os Santos como um ponto de contraste em relação ao Méier, especialmente no que toca a oferta de serviços, infraestrutura, perfil de moradores, hábitos e tipo de residências.[143]

Schwarcz destaca Todos os Santos como um bairro composto majoritariamente por trabalhadores e que seus moradores tinham estreita relação com sua estação de trem. A autora chama atenção ao fato destes trabalhadores ter no serviço de trens o principal meio de transporte da região, especialmente para chegarem aos seus postos de trabalho no centro ou em outros distritos. A estação de Todos os Santos não era grande e possuía um caráter intermediário em relação a outras estações suburbanas como o Méier, Engenho Novo, Engenho de Dentro e Cascadura. De fato, os números apontados por Noronha Santos sobre o número total de passageiros que embarcavam na estação de Todos os Santos no decênio de 1886-1896 foi o equivalente 2.112.142, números relativamente menores se comparados aos registrados na estação do Engenho de Dentro. Esta estação no mesmo período registrou 4.542.508 passageiros, sendo parada seguinte a Todos os Santos para o passageiro que vinha da Central do Brasil. [144]

Os dados relativos ao grau de instrução e as profissões exercidas pelos moradores do distrito do Méier, divisão territorial ao qual o bairro de Todos os Santos pertencia, serão retratados em outras secções deste trabalho. As fontes que serão analisadas nos próximos capítulos trarão elementos importantes que permitem termos uma composição mais aprofundada que os números registrados pelo recenseamento demográfico de 1920. Contudo, com os aspectos discutidos ao longo desta secção sobre o bairro de Todos os Santos,

---

[142] BARBOSA, 2017, p. 129

[143] SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto - Triste Visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, pp. 175-177.

[144] NORANHA SANTOS, Francisco Agenor. **Meios de Transporte no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1934, v 1.

possuímos uma dimensão mais clara sobre sua composição social e como, apesar de ser um bairro pequeno, foi local de intensa produção intelectual sobre o subúrbio carioca representados a partir da redação do periódico *Gazeta Suburbana* e da longo período em que Lima Barreto residiu na região.

CAPÍTULO 2
O BAIRRO DE TODOS OS SANTOS E O SUBÚRBIO SOB O OLHAR DE LIMA BARRETO

2.1 Lima Barreto e o movimento intelectual do Rio de Janeiro

Como mencionado em seções anteriores, Lima Barreto foi um dos autores escolhidos para ter parte de seus contos, romances e crônicas selecionados para compreendermos um pouco sobre a dinâmica cotidiana dos bairros suburbanos. Para melhor analisar as suas obras especificamente, considera-se fundamental observar a biografia deste escritor que se tornou um personagem peculiar da Primeira República no Rio de Janeiro. A relação que o autor constrói com a cidade do Rio de Janeiro, os espaços frequentados por ele e a sua ocupação mediante o movimento artístico e intelectual da época podem nos proporcionar um entendimento melhor do contexto a ser analisado. Entende-se, por isto, que observar Lima Barreto para além de um escritor e sim como um sujeito histórico e contextualizá-lo com os espaços transitados por ele, é de suma importância para resgatarmos elementos sobre o seu olhar particular sobre o subúrbio do Rio de Janeiro.

Ao atentar para a trajetória de Lima Barreto, torna-se perceptível que o escritor negro de origem carioca e suburbana foi um ponto fora da curva dentro do campo literário e da produção intelectual no Rio de Janeiro durante a chamada Primeira República. Suas origens e os eventos que marcaram sua biografia demonstram que o autor teve uma relação muito específica com a cidade. Veremos mais adiante que Lima Barreto foi um personagem histórico que transitou por diferentes espaços da cidade e isso lhe permitiu adquirir uma experiência única com o Rio de Janeiro. Lima foi um dos poucos autores que conseguiu captar e transmitir em seus textos aspectos minuciosos sobre a vida social no Rio de Janeiro. Neste sentido, é considerado fundamental que para a realização deste estudo convém resgatar elementos biográficos importantes de sua vida pessoal e trajetória enquanto escritor e jornalista no Rio de Janeiro. Com isto, pode-se ter uma compreensão melhor do seu olhar sobre o subúrbio carioca e das motivações que o levaram a falar tanto sobre esta parte da cidade para além das paisagens elitizadas do Centro.

Ainda hoje, uma das fontes mais seguras sobre a biografia de Lima Barreto foi escrita pelo historiador Francisco de Assis Barbosa intitulada *A vida de Lima Barreto* e publicada

em 1951, sendo uma das referências a ser utilizada aqui.[145] O trabalho de Barbosa recebeu várias edições e reimpressões ao longo das décadas, sendo a edição de 2017 a escolhida para a investigação que se procede.

Lima Barreto nasceu no dia 13 de maio de 1881, no bairro de Laranjeiras, localizado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Era o primogênito de 4 irmãos, filho de pais negros que vivenciaram os últimos anos da escravidão e o processo que culminou com a Abolição e queda do Império. João Henriques de Lima Barreto, pai do escritor, foi por anos tipógrafo da Imprensa Nacional e sua mãe, dona Amália Augusta Pereira de Carvalho, era professora de educação infantil. Seus pais eram filhos de ex-escravos que haviam sido alforriados durante a segunda metade do século XIX. Dona Amália Augusta, mãe de Lima e filha de ex-escrava, fora apadrinhada pela família dos seus antigos senhores, a família Pereira de Carvalho, que tinha como uma de suas referências a figura do político Afonso Celso de Assis Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto. Este havia sido senador durante o Império. [146]

O apadrinhamento de sua família pelo Visconde de Ouro Preto possibilitou que os Lima Barreto tivessem adquirido uma situação financeira relativamente estável que perdurou até a primeira infância do autor, mesmo sendo uma família de origem negra num país marcado pela recente abolição e pela marginalização dos ex-cativos. Foi graças ao Visconde de Ouro Preto e sua família que tanto Amália Augusta quanto João Henriques tiveram acesso a instituições de ensino que possibilitaram suas respectivas formações. Posteriormente, o laço entre a família Pereira de Carvalho e os Lima Barreto se estenderiam ao menino, cujos estudos foram financiados no Colégio Liceu Niteroiense e parte importante de sua formação estudantil.[147]

Esse tipo de relação paternalista ou apadrinhamento entre antigos senhores e as famílias de ex-escravos fora uma prática comum na segunda metade do século XIX e que se intensifica nos anos próximos da Abolição, contribuindo para a integração das populações negras no novo quadro socioeconômico do Brasil. Florestan Fernandes destaca que esta prática fora um dos poucos e limitados mecanismos de ascensão econômica e social que permitiam às populações negras se inserir com o fim da escravidão. Aqueles que recebiam esse tipo de apadrinhamento acabavam por receber os cuidados da família de seus antigos senhores e obtinham acesso a um padrão de vida mais estável e a uma melhor formação de instrução para seus filhos. Em troca, os negros apadrinhados prestavam serviços e continuam

---

[145] BARBOSA, Francisco de Assi. **A vida de Lima Barreto.** 11. Ed**.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
[146] *Ibidem*, pp. 3 – 15.
[147] *Ibidem*, pp. 16 – 53.

trabalhando nas propriedades de seus antigos senhores. Era comum que algum dos filhos destes ex-escravos ingressassem em escolas de referência nas capitais com grande incentivo e financiamento de seus protetores. [148] Apesar de observamos a presença desse tipo de relação, Fernandes chama atenção para o fato dessa prática não ter sido algo realizado em grande escala em todas as regiões onde predominou a mão de obra escrava. Para o autor, poucos negros tiveram acesso a este tipo de benefício, tendo a grande maioria sido levada a migrar para as grandes centros urbanos em busca de melhores oportunidades.[149]

Não se deve desconsiderar que a população negra livre e os libertos foram um ponto de extenso debate num momento do Brasil em que se buscava consolidar os alicerces de um projeto nacional. Os políticos e intelectuais brasileiros discutiram largamente sobre como inserir ou não a população negra no projeto de nacionalidade especialmente no que toca as questões de propriedade, trabalho, moradia e direitos políticos. Ou seja, a condição dos negros no Brasil durante o tardio processo de abolição do regime escravocrata no país e nos anos que sucederam, passa a ser compreendida como um dilema complexo da sociedade brasileira. Nos anos imediatos a Abolição existiu por parte considerável das elites brasileiras o temor de uma migração em massa dos campos para as cidades. Esse temor se justificaria tanto pela possível crise produtiva nas zonas rurais pela carência de mão de obra quanto pelas elites urbanas que temiam a presença em larga escala dos ex-escravos nas cidades. [150]

Em grandes cidades portuárias com intensa atividade comercial como Salvador, Santos e o Rio de Janeiro existia um contingente significativo de pessoas negras habitando em seus perímetros urbanos. No caso do Rio de Janeiro, ainda no século XIX durante o regime escravista, a população negra da cidade composta por escravos, escravos fugidos, libertos e africanos livres, já eram o ponto de preocupação das autoridades políticas e das elites urbanas especialmente no que tange o uso do espaço público e a circulação pelas ruas da cidade. [151]

Alline Torres Dias da Cruz (2007) nos chama atenção para a questão da população dos ex-escravos, agora recém libertos ainda no século XIX, demonstrando que no campo jurídico das leis do Império foram sendo implementadas uma série de restrições para que esta população não ocupasse determinados cargos públicos, além da criação de critérios específicos que dificultavam a sua entrada no mercado de trabalho. Esses aspectos tornariam as condições de vida dessas pessoas cada vez mais restrita e precária no último quartel do século XIX e durante a Primeira República. Soma-se a isto, também foram criados meios

---

[148] FERNANDES, 1964, p. 93
[149] *Ibidem*, p. 94.
[150] COSTA, 2015, p. 133.
[151] CRUZ, 2007, p. 50.

jurídicos para restringir o acesso à terra pela população liberta e dos negros livres, vide a Lei de Terras de 16 de setembro de 1850.

Para Cruz (2007) esses processos de inserção da população negra liberta ao longo do século XIX foram complexos e diversos. Os apadrinhamentos de famílias negras libertas pelos seus antigos senhores, apesar de terem sido comuns, não representam o real quadro de como o Estado e as classes dominantes no Brasil lidavam com a questão. Segundo a autora foram desenvolvidos projetos políticos específicos que tinham como objetivo incorporar a população negra recém liberta numa lógica que permitisse a manutenção das relações de dependência econômica e do sistema de propriedade privada, o que impossibilitava o acesso da maior parte destas pessoas à terra e à moradia. [152]

Se observamos as análises e reflexões trazidas por Fernandez e Cruz sobre as relações de apadrinhamento ocorridas nas últimas décadas do século XIX, percebemos que eram situações que ocorriam em casos específicos e que ao mesmo tempo não desafiava de forma mais ampla as relações de poder e dependência econômica, além das várias restrições de moradia, terra e trabalho, que a população negra enfrentaria no período. Em abordagens historiográficas mais recentes são identificados novos apontamentos sobre a questão. De acordo com pesquisas recentes, no interior do estado do Rio de Janeiro, especialmente onde se predominou as grandes propriedades de terra com o uso do trabalho escravo como o Vale do Paraíba, não se teve um esvaziamento massivo dos ex-escravos nos anos que seguiram a Abolição. Carlos Eduardo Coutinho da Costa em recentes trabalhos traz indícios de que desde os últimos anos da escravidão no Brasil começa-se um processo gradativo de renegociação das condições de trabalho entre senhores e cativos. Segundo os levantamentos feitos pelo autor, no imediato pós-abolição são firmados novos laços e condições de trabalho as famílias de ex-escravizados no esforço de evitar uma evasão de mão de obra nas propriedades.[153]

No Vale do Paraíba, a aproximação da abolição e sua efetivação abriu uma nova onda de negociações e promessas, fazendo com que a permanência dos ex-escravos e seus descendentes se tornasse uma realidade possível. Um desses mecanismos de ressignificação das condições de trabalho foi a prática de senhores e proprietários concederem pequenas propriedades e acesso à terra para as famílias de ex-escravizados.[154] Além do acesso à terra, novas condições e promessas sobre remuneração marcaram as novas relações de trabalho que se estabeleciam. Essas estratégias foram formas de estabelecer uma lógica de produção e

---

[152] *Ibidem*, 2007, p. 59.
[153] COSTA, 2015, p. 123.
[154] *Ibidem*, p. 125.

trabalho que permitiu por uma estabilidade produtiva nas décadas seguintes ao fim da escravidão. Segundo Costa, os libertos se tornaram a principal força de trabalho na região nos primeiros anos do Pós-Abolição. Apesar das novas condições estabelecidas entre proprietários e trabalhadores rurais, o autor chama atenção para a instabilidade em que muitos dos ex-escravizados e seus descendentes passavam em virtude de baixa remuneração e de diferentes formas de trabalho por arrendamento, parcerias, empreitadas, além de acordos verbais que muitas vezes não eram cumpridos.[155]

Costa afirma que o processo de negociação não é sinônimo de uma passividade dos ex-escravos sobre sua nova realidade. Ao contrário, essas possibilidades se tornaram mecanismos para que os libertos tivessem garantias e estabilidade para suas famílias, tendo como objetivo o acesso à terra e renda. Além das várias formas de negociação mencionadas antes, outra prática identificada são as promessas de financiamento dos estudos dos filhos e posteriores descendentes dos ex-escravos pelos antigos proprietários. Portanto, torna-se evidente as várias formas e possibilidades estabelecidas entre senhores e ex-cativos que permitiu uma estabilidade produtiva na região no imediato Pós-Abolição e que perduraria até a década de 1920.[156]

O caso da família de Lima Barreto ilustra com precisão a presença deste tipo de prática. Os laços estabelecidos entre os familiares do escritor e a família Pereira de Carvalho permaneceu durante anos e foi o que possibilitou que os pais do escritor, assim como o próprio Lima, tivessem acesso a um nível maior de instrução.

A estabilidade da família de Lima Barreto muda após o fim da monarquia no Brasil. Com a implementação do regime republicano no Brasil, a mencionada relação entre as duas famílias se fragiliza na medida que o Visconde de Ouro Preto é deportado pelos republicanos pelo seu vínculo com a antiga monarquia. Diversos políticos do Império foram depostos de seus cargos e tendo suas vidas, assim como de seus dependentes alteradas radicalmente. Com a deportação de Ouro Preto, inicia-se um processo de distanciamento entre este e a família de Lima. Logo após de derrubado o Império, João Henriques, pai do nosso escritor, é forçado a se demitir da Imprensa Nacional pela sua antiga relação com o regime imperial e por ter participado de organizações monarquistas existentes na época.

Momentos antes da Proclamação, a família Barreto havia começado a passar por outras dificuldades, já que Amália Augusta, mãe de Lima, começou a ter diversos problemas de saúde, tendo que se aposentar precocemente. Com o fechamento da escola em que Amália

---

[155] *Ibidem*, pp. 125 - 127.
[156] *Ibidem*, p. 127.

lecionou durante anos de sua vida e impossibilitada de trabalhar por questões de saúde, João Henriques se vê forçado a conciliar dois empregos para garantir o sustento de sua esposa e filhos. O agravamento desses problemas, alinhados às dificuldades financeiras e ao alto custo de vida da cidade forçaram a família a se mudar para o subúrbio. Pouco tempo depois, Amália viria a morrer em dezembro de 1887, vítima de tuberculose. [157]

Apesar do impacto da morte de Amália Augusta, João Henriques não desiste de oferecer uma boa educação para o jovem Afonso Henriques, tendo investido e preparado para o ingresso do rapaz no curso de engenharia na antiga Escola Politécnica, localizado no Largo São Francisco, atual região central do Rio de Janeiro. Barbosa (1951) afirma que Lima Barreto desde muito novo havia sido influenciado por seu pai a estudar e ingressar em algum curso de formação.

Segundo Barbosa, Lima desde muito cedo foi influenciado a ter pretensão de se tornar um doutor, o que lhe garantiria estabilidade e prestígio. Na virada do século XIX para o XX os cursos de ensino superior ligados aos campos de engenharia, direito e medicina eram prestigiados como meios de possibilitar a ascensão social de certos indivíduos em uma sociedade predominantemente analfabeta. Para além de uma formação que ampliasse a capacitação profissional e possivelmente maior estabilidade financeira, o ingresso ao ensino superior era também uma forma de alcançar um maior prestígio e reconhecimento social. É perceptível como esse comportamento social influenciou no incentivo que João Henriques deu a formação do jovem Lima Barreto. Apesar das dificuldades que tinha nas disciplinas escolares, Lima Barreto sempre foi dedicado aos estudos, tendo em 1897, aos 16 anos, ingressado no curso de engenharia da Escola Politécnica, um dos maiores cursos de formação de engenheiros de sua época. Segundo Barbosa (1951), a curta passagem que Lima fez pela Escola Politécnica marcaria sua trajetória enquanto escritor. Barbosa mostra que, já no seu primeiro ano de estudo, Lima passaria por dificuldades com as disciplinas, tendo abandonado diversas delas. Essa dificuldade tendeu a abalar a autoestima do rapaz que almejava se tornar um doutor de reconhecimento algum dia. [158]

Sobre sua passagem enquanto estudante na Escola Politécnica cabe destacar dois pontos importantes. Segundo o historiador Denilson Botelho, que busca traçar um perfil político de Lima Barreto através das publicações em artigos e crônicas deste autor[159], o

---

[157] BARBOSA, 2017, pp. 19-21.
[158] *Ibidem*, pág. 89
[159] BOTELHO, Denilson. **A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2002.

escritor carioca desde que ingressou no ensino superior, nunca teve pretensões de seguir na carreira de engenheiro e sim se dedicar ao mundo das letras. Percebe-se que Lima cursou o curso de engenharia mais para atender as expectativas de seu pai João Henriques, dentro daquele contexto destacado anteriormente onde o ensino superior era uma forma de alcançar reconhecimento e ascensão social. [160]

Foi durante sua a passagem pelo curso de engenharia na Escola Politécnica que Lima Barreto toma conhecimento real sobre sua condição enquanto rapaz negro e pobre. A partir do contato com os estudantes brancos e filhos de pais ricos que Lima passaria a ter uma percepção mais profunda de sua origem humilde e enquanto um jovem negro. O contraste ficou mais evidente pela possibilidade de seus colegas de curso tinham em se dedicar aos estudos, sem a necessidade de interrompê-los por questões financeiras, enquanto Lima diversas vezes foi obrigado a abandonar as disciplinas da faculdade para trabalhar e auxiliar no sustento de sua família. [161]

A sua experiência no curso de engenharia permitiu que Lima Barreto fizesse os seus primeiros contatos com a militância estudantil, estabelecendo novas redes de sociabilidade a partir do jornalismo estudantil. É enquanto estudante que o futuro escritor começa sua carreira no jornalismo. Conheceu o escritor e jornalista Bastos Tigre, por quem nutriu profunda amizade e que o convidou para participar do jornal estudantil chamado *A Lanterna.* A colaboração neste jornal permitiu ao jovem Lima um certo reconhecimento dentro das redes de estudantes e intelectuais que foi estabelecendo.

Através da aproximação com os movimentos estudantis, Lima Barreto teve a oportunidade de conhecer os cafés e pensões da cidade, muito frequentados pelos intelectuais, escritores, artistas e jovens estudantes da época. A experiência de estudar na Politécnica lhe proporcionava um contato maior com as ruas e com as pessoas que trabalhavam ou transitavam pelo Centro da cidade. Poucos anos depois de seu ingresso no curso de engenharia, em 1900, o escritor deu início aos registros do chamado *Diário Íntimo*, um diário pessoal que traziam suas impressões sobre a vida urbana do Rio de Janeiro, que futuramente marcariam seus escritos.

No ano de 1902 outra fatalidade acomete a família Barreto. João Henriques, pai do escritor, teve o que chamavam à época de sua primeira crise de loucura[162]. A doença de João

---

[160] *Op. Cit*., p. 177.
[161] BARBOSA, 2017, p. 93.
[162] Francisco de Assis Barbosa não diz precisamente qual doença foi acometida por João Henriques. Pelos detalhes descritos pelo autor é muito provável que o antigo tipógrafo deva ter sido abatido por Esquizofrenia. Conf. *Op. cit*., p. 104.

Henriques força a família a ter de se mudar, deslocando-se da Ilha do Governador para o bairro do Engenho Novo, na atual zona norte da cidade e que também faz parte da região suburbana do Rio de Janeiro. As mudanças para a Ilha do Governador e o Engenho Novo já como um jovem adulto fez com que o autor criasse um vínculo de maior proximidade com os subúrbios do Rio de Janeiro. O deslocamento diário pelos trens da cidade a partir das estações suburbanas até a Central do Brasil permitiram a Lima Barreto ter uma nova percepção sobre a cidade. Novos vínculos foram sendo constituídos a partir de sua mudança para o subúrbio.

Com o agravamento da doença do pai e a sua impossibilidade de trabalhar, Lima Barreto é forçado a abandonar o curso da Escola Politécnica e assumir os cuidados de sua família, fato que irá abalá-lo profundamente. Para Barbosa, o jovem negro que um dia sonhou se tornar doutor de amplo reconhecimento social via suas expectativas ruírem gradativamente. Isso à priori pode parecer contraditório dado ao fato de que Lima Barreto não tinha pretensões de exercer a profissão de engenheiro. Contudo, não podemos deixar de considerar que os espaços de formação superior (neste caso sendo representado pela Escola Politécnica) são lugares que permitiam a jovens como Lima Barreto estabelecer vínculos e redes com um campo intelectual mais consolidado.

Botelho (2002) nos chama atenção para o prestígio que estas formações davam àqueles que se graduassem. Os títulos adquiridos pelo ensino superior estabeleciam canais de prestígio mais amplos e de reconhecimento social. Estas titulações criavam vínculos com grupos políticos e aristocráticos da cidade, algo que será duramente criticado por Lima Barreto em seus escritos anos mais tarde. [163] Abandonando o curso, Lima deixa de frequentar a Federação dos Estudantes e outras agremiações estudantis do qual fez parte ativamente durante sua passagem pela Politécnica. Abalado, o jovem autor tem sua primeira crise de depressão e recorre ao consumo intenso de álcool. [164]

No ano seguinte, já recuperado, o escritor presta concurso para a Secretaria de Guerra, tendo sido aprovado no processo seletivo e indo trabalhar no funcionalismo público aos 22 anos de idade. Lima Barreto exerce o ofício de amanuense, sendo responsável pelos registros de dados da Secretaria de Guerra até o fim de sua curta vida. Foi com a posse do cargo público na antiga secretaria que Lima decidiu mudar com a sua família para o bairro de Todos os Santos, numa casa alugada no alto de um morro localizado na Rua Boa Vista, hoje Elisa de Albuquerque. [165]

---

[163] BOTELHO, 2002, p. 175.
[164] BARBOSA, 2017, p. 112.
[165] *Ibidem*, p. 129.

Mesmo tendo abandonado a Escola Politécnica, a sua vivência enquanto estudante, boêmio e frequentador dos movimentos estudantis possibilitaram que Lima Barreto criasse redes de contatos com outros pensadores e jornalistas da época. A partir disso, ao longo dos anos essas mesmas redes lhe proporcionaram participações em jornais de grande relevância da época como o *Jornal do Commercio* e o *Correio da Manhã*. Além desses jornais, Lima foi também colaborador da revista *Floreal*, organizada inicialmente pelo autor.

Foi no jornalismo em que Lima Barreto adquire a possibilidade de se lançar enquanto escritor e produzir suas obras. Francisco de Assis Barbosa (1951) afirma que os esboços de muitos de seus romances e contos haviam sido escritos durante a sua passagem na Escola Politécnica. [166] Porém é somente em 1907 que o escritor teve o seu primeiro romance publicado: "*Recordações do Escrivão Isaías Caminha",* aos 26 anos de idade. Tendo tido uma primeira publicação em formato de folhetim na revista *Floreal*, em 1909 o romance é publicado em formato de livro por uma editora portuguesa. Esta publicação inauguraria a trajetória de um romancista considerado controverso à época pela estética de sua escrita, o teor irônico com que aborda determinados assuntos e pelos temas abordados.

A trajetória de escritor e jornalista proporciona a Lima Barreto uma relação com a cidade diferenciada. Cada vez mais o autor foi criando uma relação quase que umbilical com o Rio de Janeiro. Diferentemente de muitos dos seus contemporâneos, o autor, por ser morador de Todos os Santos e se tornar familiarizado com os subúrbios da cidade, conseguiu criar uma experiência muito particular com o Rio, por ter sido alguém que transitava pelas várias regiões da cidade. A ressignificação que o autor realiza em sua percepção sobre o antigo centro do Rio de Janeiro marca profundamente sua escrita. Enquanto escritor, Lima Barreto foi um indivíduo que transitou por diversos meios da cena intelectual e artística do Rio de Janeiro, assumindo um papel ora controverso ora peculiar na intelectualidade carioca.

O movimento intelectual e artístico do Rio de Janeiro durante a Primeira República, especialmente no começo do século XX, caracterizava-se por ser amplo, complexo e ao mesmo tempo difuso. Esse movimento de produção cultural do Rio de Janeiro no início da república era marcado por contradições e perfis de escritores, artistas, jornalistas e profissionais totalmente distintos entre si. Mônica Pimenta Velloso realiza uma análise detalhada no já mencionado trabalho *O Modernismo no Rio de Janeiro,* onde a autora evidencia um perfil do movimento intelectual e artístico do Rio de Janeiro que, além de profundamente complexo, é permeado de contradições em seus quadros.

---

[166] *Ibidem*, p. 174.

Um dos pontos importantes que Velloso nos chama atenção em seu trabalho é a pluralidade dos ofícios desses personagens que transitavam e produziam pela cidade. São jornalistas, escritores, cronistas, poetas, funcionários públicos, acadêmicos, engenheiros, boêmios, políticos e jovens estudantes. Observamos nestes indivíduos as mais distintas formações e quadros sociais, o que evidencia um perfil heterogêneo do movimento. Velloso demonstra que no início do século XX existiam circuitos artísticos e intelectuais nitidamente distintos. As divergências entre esses grupos, ou seja, os elementos que os distanciavam enquanto tal, eram justamente representados pelas várias relações que estes intelectuais tinham com a cidade do Rio de Janeiro.[167]

Neste sentido, a autora expõe uma contraposição existente entre dois grupos diferentes dentro do próprio meio intelectual e artístico da cidade. Um deles seria formado por indivíduos que se consideravam herdeiros de uma tradição mais conservadora e erudita da intelectualidade brasileira. Frequentadores dos grandes salões, cafés e livrarias de alto reconhecimento na cidade, este grupo era composto por intelectuais, acadêmicos, jornalistas, artistas, políticos e membros da tradicional elite carioca que mantinham vínculos com instituições de amplo prestígio social na República como a Academia Brasileira de Letras, a Escola Nacional de Belas Artes, a Biblioteca Nacional, o Teatro Municipal e o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Este círculo era representado por nomes de altíssimo reconhecimento cultural e social de sua época como Machado de Assis, Olavo Bilac, Arthur Azevedo e João do Rio. Há em diversos membros deste grupo uma forte influência de certas correntes de pensamento da intelectualidade do século. XIX como o positivismo e o romantismo.

O outro grupo, onde a autora mantém uma análise mais detalhada, seria aquele que ela considera como uma intelectualidade boêmia, fundamentado por aglomerar a parcela mais expressiva da intelectualidade carioca e ocupando redes, espaços e meios de comunicação considerados informais para a época. [168] Composto por nomes como Bastos Tigres, Raul Pederneiras, João do Rio, Emílio de Menezes e José do Patrocínio, um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, além do próprio Lima Barreto, este grupo compôs um circuito social e cultural vivenciado nos bares, cafés, confeitarias e botequins da cidade como o Café Papagaio e a Confeitaria Colombo.

---

[167] VELLOSO, 1996, pp. 35-59.
[168] *Ibidem*, pp. 40-43

Cabe ressaltar que estes espaços tinham um certo ar de impessoalidade e atraíam para si a presença de pessoas dos mais variados perfis de pessoas que iam desde intelectuais e profissionais liberais até trabalhadores braçais. Havia como traço comum entre essas pessoas, e que de certa forma fora aquilo que os aproximavam enquanto grupo, uma relação estreita com a experiência cotidiana das ruas da cidade e suas peculiaridades. Como efeito direto desse comportamento, esses indivíduos acabaram por promover uma verdadeira sociedade particular de mútuo auxílio entre seus pares.

As relações constituídas por Lima Barreto no campo cultural da cidade do Rio de Janeiro evidenciam a sua capacidade de circulação por várias redes de sociabilidade já estabelecidas, o que lhe permitiu produzir um olhar diferenciado sobre a sociedade carioca. Apesar de sua transitoriedade, é evidente a afinidade e acolhimento com que o autor teve nestas redes de produção cultural informais. Em sua trajetória enquanto escritor e jornalista conviveu intensamente com um estilo de vida boêmio, com noites regadas à doses de bebidas alcoólicas e passeios noturnos pelas ruas da cidade.

Barbosa nos mostra que Lima Barreto foi adquirindo ao longo de sua vida um acúmulo considerável de frustrações pessoais, especialmente pelas dificuldades de adquirir um reconhecimento maior enquanto escritor e consolidar a sua carreira literária. Cabe lembrar que Lima Barreto tentou por 3 vezes ingressar na Academia Brasileira de Letras, tendo duas vezes sido recusado e desistido da sua candidatura na última tentativa por problemas de saúde.

Por toda a sua vida adulta Lima Barreto nunca conseguiu realizar seu sonho de viver efetivamente do ofício de escritor. Mesmo com intensa produção como colaborador na imprensa carioca, onde produziu centenas de artigos, reportagens e crônicas, o autor sempre teve de conciliar suas atividades jornalística e literária com o seu emprego na Secretaria de Guerra. Apesar das dificuldades Lima Barreto teve participação ativa em vários veículos da imprensa carioca. Foram mais de 500 artigos, reportagens e textos literários que abordavam sobre os mais variados temas pelo autor. Ao debruçar sobre as publicações de Lima Barreto na imprensa carioca, o autor não esconde o seu perfil de um intelectual combativo sobre as causas que defendeu. Ao contrário, observa-se em Lima um pensador indignado com os graves problemas sociais que atravessavam o Rio de Janeiro e o Brasil durante os anos em que viveu.

Botelho (2002) afirma em seu trabalho as características de um escritor ativamente político e que militava pelas causas da população menos favorecida. Segundo Botelho, ao analisar toda a trajetória jornalística do autor e de sua obra literária, observamos “a luta de um escritor carioca negro e suburbano para transformar em realidade um país que ele sonhou

mais democrático e menos desigual." [169] Neste sentido, fica evidente a proposta do escritor em utilizar em seus textos um perfil mais combativo de escrita onde pudesse denunciar as mazelas sociais da época em que viveu. O autor foi um severo crítico das atuações dos governos federal e municipal, especialmente na denúncia de políticas públicas que não beneficiavam a população mais pobre e que reforçavam as relações paternalistas existes na política institucional.

Os temas abordados e debatidos pelo escritor em suas colunas na imprensa e em sua obra literária são diversos. Lima discute questões referentes a pobreza da maioria do povo brasileiro, a falta de políticas públicas no enfrentamento dos problemas sociais do país, o descaso das instituições do Estado e as arbitrariedades de suas ações que não atendem os interesses da população mais humilde, o personalismo na política, a concentração de renda e terras. Outro aspecto importante da trajetória de Lima Barreto é a sua proximidade com os movimentos operários e anarquistas que existiram no Rio de Janeiro durante os anos 1910. O escritor carioca foi um entusiasta dos movimentos trabalhistas e de outras mobilizações populares, tendo participado como colaborador de diversos periódicos operários e socialistas do início do século XX. Ao tentar traçar o perfil político de Lima Barreto, Botelho (2002) afirma que o escritor tinha como característica evidente o seu posicionamento crítico ao capitalismo enquanto regime e sistema econômico. Lima foi declarado apoiador das questões e causas trabalhistas e sentiu grande entusiasmo com as notícias da Revolução Russa de outubro de 1917. [170] Como um grande crítico e denunciador das causas sociais, o autor atribuía a lógica do sistema capitalista como responsável pela inviabilização do acesso à cidadania pela imensa maioria do povo, restringindo-lhe direitos. Botelho afirma categoricamente que apesar do seu perfil crítico da política brasileira e da consolidação do capitalismo enquanto sistema produtivo, além de sua aproximação com as organizações operárias, sindicais e anarquistas, Lima Barreto não se considerava um anarquista ou socialista. Sua concepção militante e ideológica era difusa e reunia várias influências em sua formação e posicionamentos.[171]

Contudo, cabe destacar que esta análise não terá como enfoque o perfil político de Lima Barreto. Após temos compreendido e contextualizado alguns elementos da biografia de Lima Barreto não apenas como um escritor, mas também como personagem histórico que viveu no Rio de Janeiro no início do século, buscaremos captar alguns elementos da cidade a

---

[169] BOTELHO, 2002, p. 24.
[170] *Ibidem*, p. 153
[171] *Ibidem*, p. 159.

partir de sua obra. Como um escritor que viveu parte considerável de sua vida transitando pelos subúrbios do Rio de Janeiro, o que se propõe com a análise é trazer à luz o seu olhar sobre esta região da cidade e como o autor concebeu elementos do cotidiano destes bairros em alguns dos seus textos. Para a realização desta investigação, serão trazidos textos do autor que foram publicados em canais de comunicação diferentes como alguns de seus artigos de jornais, crônicas, contos e ao menos dois de seus romances.

2.2 O subúrbio do Rio de Janeiro em Lima Barreto: análise de contos, crônicas e romances.

Quase toda obra de Lima Barreto é marcada pelo seu esforço em descrever com precisão os aspectos cotidianos de seu tempo, até mesmo em seus textos de conteúdo ficcional.[172] Nos dois romances escolhidos para serem analisados nesta pesquisa, tanto em *Clara dos Anjos*[173] como *Recordações do escrivão Isaías Caminha*[174], Lima utiliza como pano de fundo para as tramas narrativas descrições de diversos elementos do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro. Muitos destes detalhes trazidos pelo autor proporcionam um certo realismo nestas obras que, a princípio, tinham uma proposta ficcional.

Além dos romances selecionados, observamos também estes aspectos em alguns de seus contos e crônicas publicados pelo autor ao longo de sua carreira. Cabe ressaltar que apesar de Lima Barreto ser um escritor bastante identificado com os subúrbios do Rio de Janeiro e com sua população, não se encontra com facilidade contos e crônicas produzidos pelo autor que tomem a região e seus habitantes como eixo central das narrativas. Por conta disso, foi necessário fazer uma seleção cuidadosa dos textos que viriam a ser analisados como fontes desta pesquisa, como veremos adiante.

Após realizar esse levantamento, tanto pelos romances quanto pelas crônicas e contos do autor, buscaremos analisar nas obras selecionadas de Lima Barreto os aspectos que possam ilustrar a pesquisa deste trabalho. A proposta é destrinchar a partir das histórias narradas os elementos cotidianos dos suburbanos no início do séc. XX. Cabe destacar, à nível de esclarecimento, que ao citar as passagens e trechos das obras selecionados para serem

---

[172] SEVCENKO, 1981, pp. 191.

[173] BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

[174] _____.**Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

analisados serão mantidas as regras ortográficas da língua portuguesa da época de sua produção, assim como serão respeitados outros recursos de linguagens utilizados pelo autor.

Começando as análises primeiramente pelos romances, talvez a história em que Lima melhor reproduz o dia a dia dos subúrbios seja *Clara dos Anjos*. Este romance, lançado originalmente como folhetim, conta a história da personagem Clara, uma jovem moça negra, filha de uma família modesta do subúrbio e que fora seduzida por Cassi Jones, um malandro branco membro de uma respeitada família do suburbana. Assim que é dada a gravidez de Clara, fruto do romance entre os dois personagens, Cassi Jones a abandona e foge para outro estado, deixando a moça sozinha à espera de seu filho.

Em quase todo o romance é perceptível que a cidade do Rio de Janeiro assume uma relevância fundamental para a narrativa do autor. Observemos esta passagem em *Clara dos Anjos* onde o autor descreve um pouco do subúrbio no começo do capítulo VII:

> O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para o eixo a linha férrea da Central. [...]
>
> Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos 'disentendidas', telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato.
>
> Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há quase sempre uma biva para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo. [175]

Ainda nesta questão, a busca por um realismo preciso em *Clara dos Anjos* continua evidente nas páginas mais afrente:

> Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Cachambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. [...] São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente, que apesar de honesta, vive de pequenas transações, de dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. O Subúrbio é o refúgio dos infelizes." [176]

---

[175] BARRETO, 2012, pp. 182-183.
[176] *Ibidem*, pp. 187-188.

Nestes dois trechos destacados de *Clara dos Anjos,* ao descrever os subúrbios e seus habitantes, Lima evidencia o subúrbio inicialmente como uma região extensa marcada pela pobreza e pela ausência de políticas públicas por parte do Estado nestes bairros. Há um trecho que resume bem esse aspecto: *"Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam"*. Observamos que Lima busca trazer para o leitor como muitas regiões do subúrbio são compostas por uma ausência de infraestrutura urbana capaz de dar dignidade aos seus moradores. Não por acaso o escritor chama atenção para a desorganização da construção das casas, mas também a presença constante de epidemias como a varíola que assolavam os habitantes.

Contudo, cabe ressaltar que os bairros suburbanos não são marcados exclusivamente pela sua pobreza e falta de infraestrutura, como toda a zona suburbana fosse caracterizada da mesma forma. É interessante notar que neste mesmo romance Lima Barreto em outros momentos busca traçar junto ao seu leitor uma certa heterogeneidade do espaço suburbano, mostrando que havia diferenças entre os bairros que compõem os subúrbios e os diferentes atores sociais que moravam nele. Tomemos este pequeno trecho onde o autor descreve a vizinhança da família de Clara dos Anjos:

> Era uma rua sossegada e toda ela, ou quase toda, edificada ao gosto do antigo subúrbio, ao gosto do *chalet*. Estava povoada e edificada quase inteiramente, de um lado e de outro. Dela, descortinava-se um lindo panorama de montanhas de cores cambiantes, conforme a hora do dia e o estado da atmosfera. […]
>
> Além dos clássicos *chalets* suburbanos, encontravam-se outros tipos de casas. Algumas relativamente recentes, uns certos requififes e galanteios modernos, para lhes encobrir e estreiteza dos cômodos e justificar o exagero dos aluguéis. [...][177]

A narrativa do romance se passa em diversos bairros suburbanos que apresentam a presença de classes sociais distintas. Alguns desses bairros compõem áreas mais próximas ao Centro da cidade como o Méier, Tijuca, São Cristóvão e o Engenho de Dentro, onde o autor marca a presença de uma classe média composta por funcionários públicos, pequenos e médios comerciantes, profissionais liberais e relativa presença de operários. Santos (2011) em sua análise consegue trazer um esclarecimento mais preciso sobre esses vários perfis dos habitantes do subúrbio e suas relativas classes sociais. Segundo Santos, a presença dessa classe média suburbana nestes bairros, composta em sua maioria pelas profissões mencionadas anteriormente, permitiu a construção no imaginário popular da região da existência de uma certa aristocracia local. Evidentemente, pelo fato destes trabalhadores terem

---

[177] *Ibidem*, p. 65-66.

tido ocupações profissionais que lhe proporcionavam maior estabilidade financeira e melhores condições de moradia, consumo e lazer, se configura dentro dos bairros suburbanos um quadro específico de hierarquia socioeconômica e de relações de poder entre a população suburbana. Este quadro se torna claro se realizarmos uma comparação do número de habitantes que se encaixariam dentro deste perfil socioeconômico com os demais habitantes da zona suburbana, composta majoritariamente por pessoas pobres e de trabalhadores de baixa remuneração. [178]

Santos chama atenção ao fato de que esta percepção social da existência de uma aristocracia suburbana e toda as implicações que isso traz só ganham sentido dentro dos próprios bairros suburbanos. Especialmente quando se contrapõe com a população pobre da região. Porém, quando esta mesma classe aristocrática é comparada com as classes médias e altas dos bairros pertencentes as regiões centro-sul da cidade, esta configuração não se sustenta. Quando se sai do subúrbio, estas referências esvaziam de sentidos. Ou seja, a dita aristocracia suburbana só ganha sentido e relevância dentro dos limites dos próprios subúrbios.[179] Quando observamos algumas das personagens apresentadas no romance *Clara dos Anjos*, a família fictícia da personagem Cassi Jones se enquadra neste perfil de moradores do subúrbio que possuíam uma renda e estrutura familiar mais estável, onde vemos relações de apadrinhamento, laços de sociabilidade e proximidade com funcionários públicos, comerciantes etc.

Um outro ponto importante que Santos nos chama atenção é o fato de que esta complexidade do perfil social dos moradores suburbanos no início do século XX era predominante em bairros mais populosos e próximos ao Centro da cidade como o próprio Méier, São Cristóvão, Engenho de Dentro, Engenho Novo. Outros bairros mais afastados, mas que circundavam as estações de trens que saiam tanto da Central do Brasil quando da Leopoldina como Realengo, Bangu, Campo Grande e Santa Cruz também apresentavam uma relativa densidade populacional e esse quadro social dos moradores assumia uma proporção mais variada.

Em *A estação*, crônica publicada originalmente no jornal Gazeta de Notícias no dia 6 de outubro de 1921, Lima Barreto nos traz um outro panorama do subúrbio ao descrever o Méier. Vejamos o trecho a seguir:

> É o Méier o orgulho dos subúrbios e dos suburbanos. Tem confeitarias decentes, botequins frequentados; tem padarias que brincam pães, estimados e

[178] SANTOS, 2011, p. 262
[179] *Ibidem*, p. 263.

> procurados; tem dois cinemas, um dos quais funciona em casa edificada adrede; tem um circo-teatro, tosco, mas tem; tem casas de jogo patenteadas e garantidas pela virtude, nunca posta em dúvida, do Estado, e tem boêmios, um tanto de segunda mão; e outras perfeições humanas, quer honestas, quer desonestas.
>
> As casas de modas, pois as há também, e de algum aparato, possuem nomes *chics*, ao gosto da Rua do Ouvidor. Há até uma "Notre Dame", penso eu.[180]

Observamos neste trecho a centralidade do bairro do Méier em relação aos bairros suburbanos pela sua infraestrutura e pela gama de serviços ofertados. Lima destaca a presença de estabelecimentos comerciais, cinemas, padarias, lojas de moda absolutamente comparáveis aos estabelecimentos do Centro da cidade. Neste sentido, percebemos a partir de suas descrições como o Méier exemplifica a existência de bairros no subúrbio que possuem intensa atividade comercial, ofertas de serviços, trabalhadores qualificados e um modelo de urbanização que se diferencia de outros bairros da região.

Não podemos deixar de considerar que o Méier é um distrito do subúrbio que Lima Barreto conheceu muito bem justamente pelo fato de ter residido desde os 22 anos em Todos os Santos. Apesar de ter uma estação de trem própria e uma quantidade significativa de moradores em seus arredores, Todos os Santos fazia parte da jurisdição do antigo distrito do Méier desde quando este é criado em 1903. Pela proximidade e pelos relatos biográficos de Lima Barreto, além de ocupar um papel central no que tocam atividades comerciais, industriais e de prestação de serviços, o Méier é um bairro que fora bastante frequentado e familiarizado pelo autor.

Na crônica analisada, e especificamente no trecho destacado, não vemos as habitações populares insalubres e precarizadas que o autor destaca em algumas passagens de *Clara dos Anjos*, nem uma ausência completa da participação do poder público. Evidente que as descrições trazidas por Lima Barreto sobre o Méier nesta crônica se aproximam com aquelas utilizadas pelo autor nas passagens em que descreve a vizinhança onde habitava a família da personagem Cassi Jones em *Clara dos Anjos.* Estes são aspectos que evidenciam a pluralidade que compõe a região do subúrbio em termos de infraestrutura, prestação de serviços, mobilidade e atuação do poder público. Há entre os bairros suburbanos características completamente distintas que lhes diferenciam um do outro.

Existiam regiões e distritos suburbanos do Rio de Janeiro que eram mais afastados da região central da cidade, onde moravam predominantemente operários, pequenos e médios comerciantes, estivadores, trabalhadores sem profissão definida, agricultores de pequenas propriedades rurais, pessoas de baixa renda. E, por fim, como descrito no já mencionado

---

[180] BARRETO, Lima. **A estação**. In: (Org.) RESENDE, Beatriz. Lima Barreto, Cronista do Rio. Rio de Janeiro: Autêntica, 2018, p. 191.

capítulo VII, havia outros distritos mais distantes ainda que os próprios subúrbios eram das freguesias centrais da antiga capital. Estes eram áreas com pouco adensamento populacional, praticamente ruralizadas e sem o mínimo de presença ou apoio do poder público. Segue um trecho:

> Toda essa gente que vai morar para as bandas de Maxambomba[181] e adjacências, só é levada a isso pela relativa modicidade do aluguel de casa. Aquela zona não lhes oferece outra vantagem. Tudo é tão caro como no subúrbio, propriamente. Não há água, ou, onde há, é ainda nos lugarejos do Distrito Federal, que o governo federal caridosamente supre em algumas bicas públicas; não há esgotos; não há médicos; não há farmácias. Ainda dentro do Rio de Janeiro, há algumas estradas construídas pela prefeitura, que se podem considerar como tal; mas, logo que se chega ao estado, tudo falta, nem nada há embrionário.[182]

Em momentos antes, como identificamos no início do mesmo capítulo, Lima busca apresentar um pouco da realidade dos moradores localizados nas áreas mais pobres do subúrbio. O autor descreve precárias moradias destes suburbanos, onde circulavam animais como carneiros, cabritos, marrecos, galinhas e perus, destacando uma característica peculiar de trechos do subúrbio onde animais transitavam entre casas e ruas. [183] Essa caracterização das regiões mais distantes da zona suburbana apresentadas por Lima Barreto em *Clara dos Anjos* pode ser verificada a partir dos dados censitários dos anos de 1906 e 1920.

Os números apontados pelos recenseamentos indicam que distritos como Irajá, Jacarepaguá, Campo Grande, Guaratiba, Santa Cruz e as ilhas, como a do Governador, possuíam densidade demográficas consideravelmente menor que os distritos centrais e do que outros bairros suburbanos como Inhaúma, Méier, Engenho Novo, São Cristóvão, Andaraí e Engenho Velho. [184] Abreu nos indica que o processo de ocupação e desenvolvimento dos bairros suburbanos não se deu de forma homogênea, tendo em cada distrito elementos particulares que configuram seus respectivos crescimentos. A forma variada de como os bairros suburbanos se desenvolveram no século XX envolviam diferentes fatores como a qualidade do transporte ferroviário e o acesso da população local as estações de trens, dificuldades de deslocamento, a incidência do poder público, extensão territorial do bairro, predominância do setor primário etc. [185]

---

[181] Atualmente o município de Nova Iguaçu localizado na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro.
[182] BARRETO, 2012 p. 189.
[183] *Ibidem*, p 183.
[184] BRASIL. **Recenseamento de 1920.**.Realizado em 1 de setembro de 1920. Estatística predial e domiciliária da cidade do Rio de Janeiro (DF). v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1925, p. 33.
[185] ABREU, 1987, pp. 80 -81.

Tomemos como exemplo o caso do distrito de Santa Cruz. Em 1906 o número de habitantes por km^2 era de 139 em 1906, passando para 129 pessoas, seguindo os mesmos critérios, em 1920. Se compararmos com os dados do distrito do Sacramento, na região central da cidade, perceberemos a diferença. Em 1906 a densidade demográfica do distrito era de 41.295 habitantes por km^2. No recenseamento de 1920 os números apresentam um pequeno aumento passando para 42.765 habitantes por km^2. A discrepância de alguns bairros suburbanos em relação aos distritos centrais evidencia como o processo de urbanização se configura de forma relativamente diferenciada.

Dos bairros suburbanos que possuíam um adensamento populacional maior, cabe destacar o caso de Inhaúma. Desde o século XIX, Inhaúma foi apresentando saltos demográficos que fizeram com que fosse um dos distritos mais populosos do subúrbio. Nas primeiras décadas do século XX o expressivo aumento demográfico continuou. Em 1920 a população de Inhaúma atinge a marca de 131.886 habitantes, um incremento de 92% do número de moradores desde o censo anterior. A densidade demográfica do distrito também nos apresenta dados importantes. Em 1906 os números registraram 1.568 habitantes por km^2, aumentando para 3.059 em 1920, um crescimento de 96% da densidade demográfica da região. [186]

Outros dados importantes trazidos pelo recenseamento de 1920 são os registros dos estabelecimentos rurais distribuídos pelos distritos da cidade do Rio de Janeiro. Segundo o censo, foram registrados naquele ano 2.088 propriedades rurais na cidade distribuídos nos seguintes distritos: Andaraí, Campo Grande, Gavea, Guaratiba, Inhaúma, Irajá, Jacarepaguá, Méier, Santa Cruz, Tijuca e as ilhas, como Paquetá e Governador. [187] Note que todos estes bairros, com exceção da Gávea, são localizados na zona suburbana da cidade, alguns com maior proximidade com o centro, outros mais distantes. Não foram registrados nenhuma propriedade ou estabelecimento rural nos distritos centrais ou na maior parte daqueles que se localizam em suas proximidades como Catumbi, Santana, Santo Antonio, São Cristóvão ou Engenho Novo. Mesmo a Gávea e Andaraí apresentaram apenas um estabelecimento rural em suas respectivas jurisdições.

Entre os distritos suburbanos que possuíam estabelecimentos ou propriedades rurais, os dados estatísticos de 1920 são elucidativos em mostrar que algumas regiões são mais ruralizadas que outras na zona suburbana do Rio de Janeiro. Guaratiba, Campo Grande, Santa Cruz e Jacarepaguá são os distritos com a maior presença de estabelecimentos rurais

---

[186] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento de 1920. v. 3,** p. 33.
[187] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento de 1920. v. 1,** n. 2, p. 4.

registrando os números de 1.153, 592, 168 e 74, respectivamente. Já os distritos do Méier, Inhaúma, Irajá e Tijuca são as localidades com o menor número de propriedades, depois da Gávea e Andaraí, apresentando uma média entre 10 e 15 estabelecimentos rurais nestes bairros.

Através dos dados censitários pudemos observar as diferenças entre os bairros suburbanos representados no romance de Lima Barreto. Os números dos censos de 1906 e 1920 são esclarecedores no que se refere ao desenvolvimento urbano e demográfico dos bairros suburbanos, o que caracteriza uma quebra de imagem homogênea dos subúrbios do Rio de Janeiro. Os dados apontam que existem bairros mais urbanizados que outros, o que evidentemente nos permite ter clareza da pluralidade de experiências vividas pelos suburbanos residentes nestes distritos. Esta composição diversificada dos subúrbios do Rio também foi retratada em outra crônica de Lima Barreto chamada *Os enterros de Inhaúma*, publicada originalmente na revista Careta em 1922. No texto o autor narra os cortejos fúnebres realizados em bairros do subúrbio como se fossem uma manifestação tipicamente suburbana, onde familiares, amigos e admiradores do morto carregam o seu caixão de sua casa até o cemitério. Em determinado trecho do texto, Lima Barreto caracteriza alguns aspectos específicos da rua José Bonifácio que, como vimos anteriormente, se localizava em Todos os Santos. Analisemos o trecho a seguir.

> Em geral assisto a passagem desses cortejos fúnebres na Rio José Bonifácio canto da Estrada Real. Pela manhã gosto de ler os jornais num botequim que há por lá. Vejo os Órgãos, quando as manhãs estão límpidas, tindos com a sua tina especial de um profundo azul-ferrete e vejo uma velha casa de fazenda que se ergue bem próximo, no alto de uma meia laranja, passam carros de bois, tropas de mulas com sacas de carvão nas cangalhas, carros de bananas, pequenas manadas de bois, cujo campeiro cavalga atrás sempre com o pé direito embaralhando em panos.
>
> Em certos instantes, suspendo mais demoradamente a leitura do jornal, e espreguiço o olhar por sobre o macio tapete verde do capinzal intérmino que se estende na minha frente.
>
> Sonhos de vida roceira me vêm [...]
>
> De repente, tilinta um elétrico, buzina um automóvel, chega um caminhão carregado de caixas de garrafas de cerveja; [...] ponho-me a ouvir o retinir de ferro malhado, uma fábrica que se constrói bem perto. [188]

Notemos que na passagem anterior Lima Barreto expressa como determinados trechos de Todos os Santos, como a rua José Bonifácio, ainda mantinham um aspecto semi-urbanizado, onde os elementos rurais e urbanos se cruzam e transitam entre os seus moradores constantemente. O autor destaca a presença de vendedores ambulantes que utilizam carros de

---

[188] BARRETO, Lima. **Os enterros de Inhaúma**. In: (Org.) RESENDE, Beatriz. Lima Barreto, Cronista do Rio. Rio de Janeiro: Autêntica, 2018, p.184.

tração animal movidos por bois ou mulas que transitavam pelas ruas do bairro para venderem produtos. Além destes comerciantes, o autor relata a presença de um capinzal localizado logo a sua frente e que lhe remetia a uma realidade de uma vida "roceira". É interessante que estes elementos descritos por Lima Barreto remetem ao leitor que determinados trechos dos bairros suburbanos ainda apresentavam uma certa paisagem rural. Neste sentido, as características destas áreas expressas pelo autor se contrastam completamente com os distritos centrais do Rio de Janeiro, que desde a reforma Pereira Passos erradicou por completo estes aspectos não-urbanos.

Não apenas da zona central, mas os pontos detalhados por Lima Barreto evidenciam a confluência de elementos urbanos e rurais coexistindo e contrastando em um mesmo ambiente do subúrbio. Nas proximidades da cena descrita anteriormente, Lima relata a presença de automóveis, caminhões, botequim, da instalação de uma fábrica e a circulação de jornais, todos estes apresentados como responsáveis por interromperem a rápida lembrança sobre a roça. Curiosamente, as duas crônicas analisadas anteriormente, *A estação* e *Os enterros de Inhaúma* evidenciam, a partir de Lima Barreto, características distintas entre Todos os Santos e o Méier. Em *Os enterros de Inhaúma* temos o autor apresentando Todos os Santos como uma localidade ainda permeada de elementos rurais e contrastantes com a vida urbana. Já em *A estação* observamos o Méier enaltecido como um bairro urbanizado, com maior infraestrutura, destacando o alto desenvolvimento comercial e do setor de serviços, além de possuir áreas de lazer aos suburbanos.

Ainda ao que se refere sobre o cotidiano dos moradores localizados nas áreas mais humildes do subúrbio carioca, Lima Barreto nos apresenta um quadro de interação entre os suburbanos permeado por conflitos e contradições. Em outro trecho do capítulo VII do romance *Clara dos Anjos*, o autor evidencia um contexto complexo no que se refere as relações estabelecidas entre os habitantes do subúrbio, caracterizando momentos de conflitos, confraternização, disputas e solidariedade. O próximo trecho é esclarecedor:

> A gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres.
>
> O estado de irritabilidade, provindo das constantes dificuldades por que passam, a incapacidade de encontrar fora do seu habitual campo de visão motivo para explicar o seu mal-estar, fazem-nas descarregar as suas queixas, em forma de desaforos velados, nas vizinhas com que antipatizam por lhes parecer mais felizes. Todas elas se têm na mais alta conta, provinda da mais alta prosápia; mas são pobríssimas e necessitadas.[...]
>
> Em geral, essas brigas duram pouco. Lá vem uma moléstia num dos pequenos desta, e logo aquela a socorre com os vidros de homeopatia.[189]

[189] BARRETO, 2012, pp. 184-185.

Há nestas passagens um grau de relação entre os suburbanos mais pobres que permeia entre o conflito e a solidariedade. Sidney Chalhoub (1986) afirma que a competitividade entre os populares era algo recorrente devido à sua necessidade de sobrevivência, pois era uma forma de garantir a reprodução material de sua existência. Porém, ao mesmo tempo, da mesma forma que esta necessidade por viver gera conflitos, em muitas situações se traduz também na construção de redes de solidariedade e ajuda mútua entre familiares, amigos e vizinhos [190], como é o caso retratado na passagem anterior

Torna-se evidente que há diferentes níveis de relações conflituosas entre os suburbanos e mais adiante trataremos disso com mais precisão. Importante no momento destacar que Lima Barreto busca em suas representações ser fidedigno a aquilo que acredita ser o subúrbio e o suburbano do Rio de Janeiro, espaços e pessoas que o autor teve relação de bastante proximidade já que passou maior parte de sua vida vivendo nessa região da cidade.

Este capítulo de *Clara dos Anjos* nos introduz a outro elemento importante para discussão que é a menção que o romancista faz ao uso do trem como o principal meio de transporte das populações suburbanas, algo que já discutimos aqui como característica marcante da composição e desenvolvimento do subúrbio carioca. Segue o trecho:

> [...] e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes deem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos.
>
> Nessas horas, as estações se enchem, e os trens descem cheios. Mais cheios, porém, descem os que vêm do limite do Distrito com o estado do Rio. Essa são os expressos. Há gente por toda a parte. O interior dos carros está apinhado e os vãos entre eles como que trazem quase a metade da lotação de um deles. Muitos viajam com um pé num carro e o outro no imediato, agarrando-se com as mãos às grades das plataformas. Outros descem para a cidade sentados na escada de acesso para o interior do vagão; e alguns, mais ousados, dependurados no corrimão de ferro, com um único pé no estribo do veículo.[191]

Observamos nestes trechos destacados como os moradores dos subúrbios, em sua maioria pobres, conviviam cotidianamente com a falta de infraestrutura urbana básica oferecidas pelo poder público para dar o mínimo de condição de moradia para estas pessoas. Neste sentido, podemos pensar como o uso do trem é observado não apenas como um transporte de massa, mas como algo que caracteriza de forma singular o subúrbio carioca. Na crônica *A estação*, Lima chama atenção ao fato dos bairros suburbanos se formarem e organizarem em torno das estações de trem:

---

[190] CHAULHOUB, 2001, p. 151.
[191] BARRETO, 2012, p. 189.

> Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel: é o centro, é o eixo dessa vida. Antigamente, quando ainda não havia por aquelas bandas jardins e cinemas, era o lugar predileto para os passeios domingueiros das meninas casadouras da localidade e dos rapazes que querem casar, com vontade ou sem ela.
>
> Hoje mesmo, a gare suburbana não perdeu de todo essa feição de ponto de recreio, de encontro e conversa. Há algumas que ainda a mantêm tenazmente, como Cascadura, Madureira e outras mais afastadas.
>
> De resto, é em torno da "estação" que se aglomeram as principais casas de comércio do respectivo subúrbio. Nas suas proximidades, abrem-se armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, ou açougues e – é preciso não esquecer – a característica e inolvidável quitanda.[192]

No trecho destacado, Lima Barreto nos chama atenção para o papel de centralidade que as estações de trem têm na formação dos bairros suburbanos e como atua no imaginário de seus habitantes. O autor destaca o papel das estações como ponto de referência para o desenvolvimento comercial e das principais atividades fabris desses bairros, além de ser um espaço de sociabilidade para os suburbanos. Não é à toa que Lima chama atenção para o entorno da estação ser um ponto de referência para passeios de domingo e encontro entre seus moradores.

Segundo Maurício de Abreu (1987), as estações de trem foram um aspecto fundamental e decisivo para a composição destes bairros na medida em que as classes menos favorecidas foram se distanciando da região da central da cidade. Mesmo com o amplo processo de migrações para as zonas suburbanas, muitos dessas pessoas mantinham seus vínculos de trabalho com o Centro, transformando, assim, o trem como o principal meio de mobilidade urbana do Rio de Janeiro da classe trabalhadora na primeira metade do séc. XX.[193]

Em outra crônica publicada na Gazeta de Notícias em dezembro de 1921 intitulado O *trem de subúrbios*, Lima destaca novamente o papel significativo que o trem exercia sobre a população suburbana. Na crônica o autor busca descrever um pouco dos diferentes perfis dos trabalhadores suburbanos e de outros usuários do transporte ferroviário. Segue um trecho:

> Aquelas caras tristes, tangidas pela miséria, oprimidas pelo exausto trabalho diário; aquele cachimbar de melancolias; aquelas mulheres com os xales à cabeça, e magras crianças ao colo – tudo aquilo me ficou; mas não foram só os detalhes que aí deixo e cuja exatidão não garanto inteiramente, que me calaram fundamente n'alma. O que me impressionou mais foi a ambiência que envolve todas as figuras e a

---

[192] _____. **A estação**. In: (Org.) RESENDE, Beatriz. Lima Barreto, Cronista do Rio. Rio de Janeiro: Autêntica, 2018, p. 192.

[193] ABREU, 1987, pp. 68-69.

> estampa registra, ambiência de resignação perante a miséria, o sofrimento e a opressão que o trabalho árduo e pouco remunerador traz às almas. [...][194]

Nesta passagem Lima Barreto expressa a sua profunda angústia e sensibilidade para aquelas pessoas pobres que viajavam pelos vagões de segunda classe do trem. O autor busca transmitir a partir de suas impressões como as vestimentas, expressões e olhares dessas pessoas transmitiam a dureza dos trabalhos em que exerciam. Mais adiante na crônica, o autor continua a expressar como os vagões dos trens são espaços que demonstram de forma bem peculiar parte dos suburbanos. Vejamos:

> [...]Só alguns e, em geral, operários é que esmaltam no rosto angústia e desânimo. Porém, a indumentária variegada merecia um lápis hábil que a registrasse. Aquelas crioulas e mulatas inteiramente de branco, branco vestido, meias, sapatos, ao lado de portugueses ainda com restos de vestuários da terra natal; uniformes de cáqui de várias corporações; os em mangas de camisas e algum exótico jaquetão de inverno europeu, acompanhado do indefectível cachimbo[...][195]

Fica evidente que Lima Barreto busca trazer ao seu leitor uma realidade do subúrbio que se contrasta com a do centro glamourizado do Rio de Janeiro. Segundo Abreu, a medida em que as regiões mais tradicionais da cidade como o Centro e a Zona Sul sofrem com o intenso processo de reformas e de intervenções por parte do poder público, os contrastes entre estes bairros e outras regiões da cidade vão se acentuando. Era evidente, segundo Abreu, que o processo de remodelação da região central e sua integração com os bairros da zona sul a partir de Pereira Passos era deixar estas regiões ao desfrute exclusivo das novas elites republicanas e produzir uma nova percepção da cidade. Na medida que este projeto vai se concretizando, as camadas mais pobres vão se deslocando gradativamente para os bairros que compõem os subúrbios. Ao analisar os projetos de intervenções urbanas fica evidente que os bairros suburbanos não estavam incluídos nesta nova concepção de cidade, o que justifica o descaso por parte do Estado. Neste sentido, podemos entender a precarização da vida e das condições de trabalho de parte significativa dos suburbanos expressas nas passagens acima.[196]

Há em outras passagens do romance mais descrições sobre os bairros suburbanos. No primeiro capítulo do romance, por exemplo, ao descrever o bairro onde residiam os personagens Joaquim dos Anjos, pai de Clara, e sua família, Lima Barreto traz outros elementos que ilustram melhor essa região:

---

[194] BARRETO, Lima. **O trem de subúrbio** In: (Org.) RESENDE, Beatriz. Lima Barreto, Cronista do Rio. Rio de Janeiro: Autêntica, 2018, p. 227.
[195] *Ibidem*, p. 228.
[196] ABREU, 1987, pp. 73-74.

> A rua em que estava situada a sua casa desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. [...][197]

Na passagem destacada, temos outro trecho em que Lima traz ao leitor uma característica própria do subúrbio que é sua relação com as estações de trem. Como discutido em secções anteriores, os primeiros bairros suburbanos se formam e expandem a partir das linhas férreas de trens que se dirigiam do centro da capital federal até regiões mais distantes do interior do estado e outros municípios. Sempre seguindo o fluxo das linhas de trens e povoando em torno de suas estações, a ocupação e o desenvolvimento destes bairros tiveram algumas motivações específicas como baixo custo de vida para as populações de baixa renda e o fácil acesso a um dos principais meios de transporte da época, pois normalmente muitos trabalhavam ainda na região central da cidade.[198]

Saindo rapidamente do campo dos romances, Lima Barreto também faz menção a elementos que trazem uma descrição mais cuidadosa do subúrbio em alguns de seus contos. No conto *O Moleque* por exemplo, que narra a história do menino Zeca, filho de uma mãe solo que fora abandonada pelo seu pai, Lima antes de introduzir a história em si, busca reconstruir com precisão o bairro de Inhaúma. Segue o trecho:

> É um subúrbio de gente pobre, e o bonde que lá leva atravessa umas ruas de largura desigual, que não se sabe por quê, ora são muito estreitas, ora muito largas, bordadas de casas e casitas sem que nelas se depare um jardinzinho mais tratado ou se lobrigue, aos fundos, uma horta mais viçosa. Há, porém, robustas e velhas mangueiras que protestam contra aquele abandono de terra. [199]

Percebe-se que Lima traz mais uma vez a questão do crescimento desordenado e uma relativa falta de infraestrutura do bairro suburbano. Continuando a leitura do conto, em passagens mais a frente, o autor descreve um tipo de habitação popular muito comum em alguns bairros suburbanos e em encostas de morros:

> O 'barracão' é uma espécie arquitetônica muito curiosa e muito especial àquelas paragens da cidade. Não é a nossa conhecida choupana de sapê e de paredes 'a sopapos'. É menos e é mais. É menos, porque em geral é menor, com muito menos acomodações; e mais, porque a cobertura é mais civilizada; é de zinco ou de telhas. Há duas espécies. Em uma, as paredes são feitas de tábuas; às vezes,

---

[197] BARRETO, 2012, pp. 64-65.
[198] ABREU, 1987, p. 50.
[199] BARRETO, Lima. **O moleque.** In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). Contos completos de Lima Barreto**.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 143.

> verdadeiramente tábuas; em outras, de pedaços de caixões. [...] A cozinha é feita fora, sob um telheiro tosco, um puxado no telhado da edificação, para aproveitar o abrigo de uma das paradas da barraca; e tudo cercado do mais desolador abandono.[200]

No outro romance escolhido para análise, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha,* texto que narra a história do personagem Isaías, jovem negro do interior que vem a capital para se tornar doutor, o autor também traz elementos cotidianos dos bairros suburbanos e de outras áreas pobres da cidade, inclusive do próprio Centro. Tomemos por exemplo o início do capítulo XI, onde a partir da narrativa de Isaías, Lima descreve com detalhes o cortiço aonde o protagonista chegou a morar por certo período.

> Durante todo esse tempo, residi em uma casa de cômodos na altura do Rio Comprido. Era longe; mas escolhera-a por ser barato o aluguel. Ficava a casa numa eminência, a cavaleiro da Rua Malvino Reis e, atualmente, os dois andares do antigo palacete que ela fora estavam divididos em duas ou três dezenas de quartos, onde moravam mais de cinquenta pessoas. [...]
>
> De longe, parece que toda essa gente pobre, que vemos por aí, vive separada, afastada pelas nacionalidades ou pela cor; no palacete, todos se misturavam e se confundiam. Talvez não se amassem, mas viviam juntos, trocando presentes, protegendo-se, prestando-se mútuos serviços. [...][201]

Observamos que, em ambas as passagens destacadas, tanto no conto quanto no romance, o autor se preocupa não em apenas descrever os ambientes e cenários, mas também suas personagens, os tipos de pessoas que circulam e interagem com esses espaços. Fica evidente em Lima Barreto que as representações das pessoas se tornam fundamentais para trazer ao leitor uma impressão mais precisa do ambiente que ele busca reconstruir em sua ficção. A sua descrição não está apenas nas características da cidade, suas arquiteturas, bairros e ruas, mas também na reconstrução mais precisa dos variados tipos de pessoas que lhe compõem. Analisemos o seguinte trecho do romance:

> Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades. Não sei que estranha tenacidade a leva a viver e por que essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável.[202]

Nesta passagem notam-se, através do olhar de Isaías, as impressões do protagonista sobre os habitantes pobres do cortiço onde ele também residiu. Um exemplo claro de como

---

[200] *Ibidem*, p. 144.
[201] BARRETO, 2011., pp. 240-241.
[202] *Ibidem*, p. 242.

para o escritor a busca por tal precisão da realidade passava pelos mais variados perfis de pessoas que circulavam no Rio de Janeiro. Tomemos o caso de alguns personagens de *Clara dos Anjos.* Observa-se ao longo do texto a presença de vários grupos e ciclos sociais que as personagens vivenciam. Esse aspecto destaca para o leitor uma riqueza e heterogeneidade de pessoas que habitavam no subúrbio. Para esclarecer melhor este ponto, cabe retomar a análise para o personagem Joaquim dos Anjos e seu círculo de amigos. Joaquim era um homem negro, pai de família, que apesar da simplicidade, tinha uma vida relativamente estável no subúrbio. Era carteiro e o único de sua família que tinha renda, portando sendo o principal provedor desta. O carteiro era um apreciador de música, especialmente das chamadas modinhas, gênero musical muito popular no Rio de Janeiro no início do séc. XX. Sempre que podia, Joaquim dos Anjos gostava de organizar rodas de música aos domingos, onde reunia vários músicos e amigos do bairro. [203]

Lima Barreto nos traz a partir do núcleo familiar da personagem Clara dos Anjos personagens com características típicas dos subúrbios. Temos como exemplo os dois companheiros de Joaquim dos Anjos, Antônio Marramaque, ex-contínuo de um ministério aposentado, que em sua juventude costumava frequentar as rodas boêmias e literárias do Rio de Janeiro, e Eduardo Lafões, um imigrante português que trabalhava como guarda de Obras Públicas e que se orgulhava do exercício de seu ofício. Estes dois eram grandes companheiros de jogatinas de Joaquim.

> Todos os domingos, aí pelas nove horas, lá batiam à porteira da casa do 'postal'; não entravam no corpo da habitação e, pelo corredor que mediava entre ela e a vizinha, dirigiam-se ao grande tamarineiro, aos fundos do quintal, debaixo do qual estava armada a mesa, com os seus tentos, vermelhos e pupilas negras, de grão de aroeira, o seu baralho, os seus pires, um cálice e um litro de parati, ao centro, muito pimpão e arrogante, impando um cínico desafio às conveniências protocolares.[204]

Curiosamente, a medida em que Lima Barreto vai introduzindo e narrando outras personagens, observa-se um quadro amplo dos mais variados perfis de moradores suburbanos. Nas descrições do Capítulo II do romance temos como destaque a descrição do personagem Cassi Jones e o seu núcleo familiar. Cassi era um adulto de 30 anos, branco e de família de classe média, que vivia junto a sua família numa bela casa no subúrbio. Seu pai foi

---

[203] BARRETO, 2012, p. 59.
[204] *Ibidem*, p. 74.

funcionário público respeitado e sua mãe era uma senhora que se orgulhava do seu status social e de sua descendência europeia, sendo neta de um avô inglês. [205]

As descrições destes personagens demonstram a preocupação em que Lima Barreto tem ao trazer o seu público leitor as desigualdades sociais que existiam no subúrbio, expondo contrastes nitidamente existentes nos bairros suburbanos. Neste caso, temos no perfil da família de Cassi Jones, uma família composta por pessoas brancas e de estável situação financeira, uma distinção evidente da família de Clara dos Anjos já que estes vivem em uma residência mais humilde, sendo seu pai um homem negro e simples carteiro.

Mesmo oriundo de família cujos padrões se destacavam dentro do subúrbio, Cassi Jones é um personagem que se diferencia de seus parentes. Apesar de família dita decente, Cassi era frequentador de bares, era violonista e tocador de modinhas, criava em seu quintal galos de briga para fazer apostas, e tinha uma preocupação marcante: seduzir o maior número de mulheres possíveis. Neste caso, Lima Barreto expõe um pouco do perfil de como era observado o malandro suburbano: normalmente um homem que não trabalha ou que vive de biscates, pequenos serviços, que se entusiasma com músicas, mulheres e vivendo ao desfrute de seu prazer.

Não muito diferente, ao descrever a roda de amigos com quem o personagem Cassi Jones costumava frequentar, Lima Barreto também traz ao leitor novos perfis de figuras do subúrbio. Um deles chamado Ataliba do Timbó, ex-operário e jogador de futebol por vários times do subúrbio, e que passava seu tempo sendo agente do jogo do bicho. Além de Ataliba, o personagem Cassi Jones andava com mais dois malandros: Zezé Mateus e Franco Sousa. Este grupo de personagens supostamente representaria os mais variados tipos de malandros que se encontrava pelo subúrbio. Não possuem um emprego fixo, gostam de fazer apostas, frequentam bares e possuindo até certa proximidade com atividades ilícitas.[206]

O fenômeno da malandragem ou de vadiagem, comum na cidade do Rio de Janeiro no início do séc. XX possui uma certa relação com o agravamento das desigualdades sociais existentes e o processo de cosmopolitização que a cidade sofre a partir da gestão Pereira Passos. Chalhoub afirma que as transformações ocorridas no Rio de Janeiro a partir das reformas procurou estabelecer novos padrões de comportamento dentro da ótica de uma sociedade burguesa. Cria-se, assim, modelos bem definidos sobre os comportamentos ideais do papel do homem e da mulher. Neste sentido, ocorre-se um processo de estigmatização de todo comportamento do indivíduo que não se enquadrasse à ordem social burguesa do Rio de

---

[205] *Ibidem*, pp. 82-89.
[206] BARRETO, 2012, pp. 102-104.

Janeiro. [207] Todo e qualquer comportamento considerado inadequado é diretamente associado a vadiagem e subversão. Observamos no grupo de amigos de Cassi Jones comportamentos que não eram bem vistos aos olhos dessa nova ordem social carioca como a prática de jogar, as frequências em botequins, a aposta, entre outros.

Podemos ver que o elemento comportamental destacado por Chalhoub e que criado a partir de relações e construções de gênero que definiam de forma clara os papéis do homem e da mulher na cidade podem ser observados a partir da análise de outras personagens criadas por Lima Barreto. Vejamos como exemplo o caso da personagem Engrácia, mãe de Clara dos Anjos e esposa de João, e como Lima descreve algumas de suas características:

> Engrácia recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas, logo que se casou – como em geral acontece com as nossas moças -, tratou de esquecer o que tinha estudado. O seu consórcio com Joaquim, ela o efetuara na idade de dezoito anos.
>
> Fosse a educação mimosa que recebera, fosse uma fatalidade de sua compleição individual, o certo é que a não ser para os serviços domésticos, Engrácia evitava todo o esforço de qualquer natureza.
>
> Não saía quase. Era regra que só o fizesse duas vezes por ano: no dia 15 de agosto, em que subia o outeiro da Glória, a fim de deixar espórtula à Nossa Senhora de sua íntima devoção; e, no dia de Nossa Senhora da Conceição, em que se confessava. [...][208]

É interessante como a partir desta personagem conseguimos observar alguns elementos característicos que eram atribuídos ao gênero feminino, seja no sentido estético, mas principalmente no sentido moral e comportamental. Engrácia era uma esposa e mãe dedicada à sua família e aos afazeres domésticos, atribuindo a Joaquim a responsabilidade de trabalhar e ser o provedor do sustento familiar.

Chalhoub afirma que as relações afetivas e familiares entre homens e mulheres tornam-se um tema de ampla discussão na virada do séc. XIX para o XX. Segundo o autor, a imersão do Rio de Janeiro ao capitalismo durante a Primeira República dialoga com uma lógica de proporcionar novos sentidos para a concepção de família e papéis de gênero. Os laços de construções afetivas e familiares passam por um processo de enquadramento aos padrões reconhecidamente de uma sociedade burguesa e que dialogavam com alguns campos de saber da época como a medicina e a sociologia. Estas análises contribuíram para estabelecer um modelo bem específico de laços familiares para a cidade.[209] Além dos argumentos pautados pelo campo científico, há no campo constitucional todo um aparato

---

[207] CHALHOUB, 2001, pp. 255.
[208] BARRETO, 2012 , p. 146.
[209] CHALHOUB, 2001, p. 178.

jurídico que legitima e respalda padrões de comportamentos específicos para homens e mulheres, atribuindo a estas funções bem específicas no campo familiar e social.

O que podemos observar a partir destes aspectos é que a cidade do Rio de Janeiro durante a Primeira República busca criar mecanismos de normatizações para os comportamentos masculino e feminino, e estabelecendo um modelo de família para a manutenção e reprodução da sociedade burguesa no qual o Rio tentava se transformar.[210] Estabelece-se com isso, um modelo de família patriarcal, tendo na figura do homem a centralidade das relações familiares, e que colocava a mulher juridicamente submissa ao homem em vários aspectos de sua vida cotidiana. Essa relação influenciou, inclusive, por décadas as relações de trabalho e principalmente o comportamento entre as populações suburbanas. Neste sentido, é importante entender que os padrões morais colocados pela sociedade carioca não se restringiam apenas as regiões centrais e sul da cidade, mas se estendiam até os subúrbios e outras localidades mais afastadas.

Especificamente sobre as mulheres e os papéis desempenhados no Rio de Janeiro, cabe-se destacar que o principal ocupação e atividade exercidas pelas mulheres era o serviço doméstico. Em geral, o trabalho remunerado exercido pela mulher pobre era uma extensão das suas funções domésticas. Esses trabalhos podiam ser realizados dentro de suas próprias casas ou na casa de uma família que a empregasse. No início do séc. XX era comum mulheres pobres trabalharem como domésticas, costureiras, engomadeiras e passadeiras nas casas das famílias ricas do Rio de Janeiro.[211]

Um outro aspecto que marca as obras de Lima Barreto é, sem sombra de dúvidas, a questão racial, um traço que o singulariza enquanto escritor da Primeira República. O lugar marginal que a população negra ocupava no pós-abolição e durante toda a Primeira República sempre fora uma questão para o autor que era negro e cuja família passara por muitos infortúnios. Segundo Francisco de Assis Barbosa, o próprio autor foi várias vezes vítima de preconceito racial em diversos espaços pelos quais passou e frequentou. Neste sentido, Lima traz em suas obras aspectos marcantes do conflito racial e social vivenciado pelos seus personagens, marcando as evidências deste tipo de conflito inclusive no próprio subúrbio.

Em muitos de seus textos, sejam crônicas, contos ou romances, Lima Barreto constrói histórias cujas trajetórias dos personagens constantemente se deparam com situações de discriminação racial. O processo de desilusão e percepção do seu lugar social e racial é observado em *Clara dos Anjos,* onde a personagem Clara, uma jovem identificada enquanto

---

[210] *Ibidem*, p. 180.
[211] *Ibidem*, p. 201.

mulata, de origem simples e suburbana, é seduzida e abandonada por Cassi Jones, um malandro branco e de família influente nos subúrbios. Assim que é descoberta a gravidez de Clara, fruto do romance entre dos dois personagens, Cassi a abandona e foge para outro estado, deixando a moça sozinha à espera de seu filho.

Na última parte do romance, fica explícito a questão étnica existente em personagens que viviam em pleno subúrbio, trazendo ao leitor os contrastes étnico-raciais entre os moradores da região. Clara, junto de sua mãe, pedem justiça à família de Cassi pelo assédio e abandono a moça, mas tem o pedido rejeitado pela família do malandro. Segue a reação de Dona Salustiana, mãe de Cassi Jones:

> [...] A mãe de Cassi, depois de ouvi-la, pensou um pouco e disse com ar um tanto irônico:
>
> - Que é que a senhora quer que eu faça?
>
> Até ali, Clara não dissera palavra; e dona Salustiana, mesmo antes de saber que aquela moça era mais uma vítima da libidinagem do filho, quase não a olhava; e, se o fazia, era com evidente desdém. A moça foi notando isso e encheu-se de raiva, de rancor por aquela humilhação por que passava, além de tudo que sofria e havia ainda de sofrer.
>
> Ao ouvir a pergunta de dona Salustiana, não se pôde conter e respondeu como fora de si:
>
> - Que se case comigo.
>
> Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvidez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou:
>
> -Que é que você diz, sua negra? [...] – Ora, vejam vocês, só! É possível? É possível admitir-se meu filho casado com esta... [...] – Casado com gente dessa laia... Qual!... Que diria meu avô, Lord Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina – que diria ele, se visse tal vergonha? Qual! ” [212]

Após a recusa do pedido de justiça à família de Cassi Jones, desamparada, Clara dos Anjos percebe com convicção e em meio a uma solidão a situação em que estava:

> Na Rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. Bem fazia adivinhar isso, seu padrinho! Coitado!...
>
> A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente.... Não haveria um talvez, entre toda aquela gente de ambos os sexos, que não fosse indiferente à sua desgraça.... Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! [213]

---

[212] BARRETO, 2012, pp. 291-292.
[213] *Ibidem*, pp. 293-294.

Ao final, o livro termina com o diálogo entre Clara dos Anjos e sua mãe, logo após a jovem sentir o peso de sua trágica situação:

> - Mamãe! Mamãe!
> - Que é minha filha?
> - Nós não somos nada nesta vida.

Observamos nestas passagens que Lima Barreto busca trazer ao seu leitor todo o peso social que uma mulher negra carrega na sociedade brasileira, reiterando que os subúrbios também são espaços de contradições raciais e de exclusão. Neste exemplo específico, o autor narra o isolamento e discriminação que mulheres negras sofriam ao serem abandonadas pelos seus amantes.

Este aspecto também pode ser observado em outros momentos do romance. No segundo capítulo do texto, o autor traz outros elementos que evidenciam a tensão nas relações raciais entre moradores do subúrbio. Na próxima passagem iremos ver outro exemplo de como a família do personagem Cassi Jones se posicionava acerca das relações amorosas nas quais o malandro se envolvia. Segundo as descrições do narrador:

> Em geral, as moças que ele desonrava eram de humilde condição e de todas as cores. Não escolhia. A questão é que não houvesse ninguém, na parentela delas, capaz de vencer a influência do pai, mediante solicitações maternas.
>
> A mãe recebia-lhe a confissão, mas não acreditava; entretanto, como tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhes ver o filho casado com uma *criada preta*, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta.[214]

No trecho anterior vemos como Lima Barreto busca transmitir na elaboração e interação entre suas personagens conflitos de caráter racial e também social. O romancista quis expor como essas questões permeavam entre os moradores do subúrbio através do exemplo da família de Cassi Jones. No romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* observamos que também tensões de cunho racial marcam de forma profunda a trajetória do personagem Isaías, um jovem rapaz negro que vinha do interior para a cidade do Rio de Janeiro ingressar nos estudos e se tornar uma pessoa de respeitabilidade. Esse personagem passa por um profundo processo de desconstrução e desilusão ao chegar na cidade e vivenciar situações de forte preconceito racial, falta de oportunidade de estudo e trabalho.

Logo nas primeiras passagens do texto começamos a acompanhar esse processo de desencanto e tensão vivido por Isaías no momento em que este desembarca no Rio de Janeiro.

---

[214] *Ibidem,* p. 87.

No momento em chega à estação de trem Isaías passa por um momento de desconforto ao perceber diferentes formas de tratamento em que recebera ele e outro jovem, por sua vez branco e loiro, pelo caixeiro que vendia café na estação. Segue a passagem:

> Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: 'Oh!', fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. 'Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo?' Ao mesmo tempo ao meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação.[215]

Ao passar pelo constrangimento, Isaías, mesmo sentindo raiva, questiona-se a respeito do porquê desta forma de tratamento, tendo insucesso na busca pela razão. Em outra passagem mais adiante, quando chamado para prestar depoimento na delegacia acerca de um furto ocorrido no hotel em que se hospedava, o jovem rapaz é novamente confrontado pela dura realidade de sua condição enquanto mulato. Ficara horas esperando pelo capitão de polícia até que este finalmente chega, refere-se ao protagonista num tom depreciativo. Observemos a reação do personagem:

> - Raposo, vou sair: há alguma coisa?
> - Nada, capitão Viveiros.
> - E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal "mulatinho"?
>
> Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; [...] Não sei a quem me compare, não sei mesmo se poderia ter sido inteiriço até o fim da vida; mas choro agora, choro, choro hoje quando me lembro que uma palavra tão desprezível dessas não me torna a fazer chorar. [216]

Lima Barreto constrói uma história em que a trajetória de Isaías é marcada por esses constantes processos de descriminação. Além de não conseguir se tornar um doutor de reconhecimento, Isaías tem os seus sonhos frustrados na medida em que trabalha por anos como contínuo da redação do jornal fictício *"O Globo"*. Vemos o personagem não tendo oportunidades de trabalho, passar fome e morar em habitações precárias como os cortiços.

Outro ponto importante que podemos perceber a partir da vivência do personagem é a relação conflituosa e discriminatória que uma pessoa pobre de uma região interiorana passa com os habitantes do Centro da cidade. Lima Barreto nos proporciona a partir dessas

---

[215] BARRETO, 2011, p. 80.
[216] *Ibidem*, p. 128.

passagens algumas reflexões voltadas ao campo do social, regional e racial, e como esses elementos se cruzam no cotidiano das pessoas.

Outro tema que é caro a Lima Barreto e que possui relação direta com aspectos cotidianos da cidade é o abandono e assassinato de mulheres, especialmente as mulheres negras. Esse tema é tratado pelo autor tanto em seus romances e crônicas quanto em suas participações no jornalismo. No romance *Clara dos Anjos*, para além do envolvimento entre Clara dos Anjos e Cassi Jones, observamos outros momentos em que este tema é abordado. Logo quando introduz o personagem Cassi Jones, Lima traz para o leitor o histórico de casos de abusos e envolvimento do personagem com outras mulheres. Em um desses casos o personagem Cassi se envolve com uma mulher casada e cujo marido era oficial da Marinha. Ao descobrir da infidelidade de sua mulher, o marido assassina a mulher com dois tiros de revólver.[217]

Dentre as muitas publicações jornalísticas que fizera sobre o tema, cabe destacar o texto intitulado "*Não as matem"*, onde Lima relata um episódio ocorrido no bairro de Deodoro onde um rapaz mata sua ex-noiva e se suicida em seguida. Tudo indica que o rapaz não aceitava a sua separação. As próprias palavras do autor já indicam sua indignação: *"Deixem as mulheres amar à vontade./ não as matem, pelo amor de Deus."*[218]

O autor nos elucida a partir dessas histórias a situação de vulnerabilidade em que mulheres pobres e negras vivenciavam no Rio de Janeiro do início do séc. XX. Neste sentido, cabe observar a situação de desemparo em que Lima Barreto coloca as suas personagens diante das situações de desafeto e abandonos reproduzidas por personagens como Cassi Jones e as denúncias que fez nos jornais em que publicou. Segundo Sidney Chalhoub, as relações parentais e todo o aparato jurídico da época colocava as mulheres em situações de completa fragilidade diante dessas questões. Chalhoub afirma que os laços de parentesco e a estrutura jurídica da época estabeleciam verdadeiras redes que possibilitavam um campo de proteção aos homens em questões de problemas matrimoniais e violência doméstica.[219] Essas situações tendiam a tensionar ainda mais quando falamos de mulheres em situação de vulnerabilidade financeira, o que pode justificar o fato de Lima Barreto trazer essa discussão a partir do elemento ficcional de suas personagens.

Em outro conto intitulado *Uma conversa vulgar*, Lima Barreto novamente traz ao seu leitor a questão do abandono da mulher ao descrever o caso do personagem fictício José da

---

[217] BARRETO, 2012, p. 120.
[218] RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel (orgs.) **Lima Barreto. Toda Crônica**. Rio de Janeiro: Agir, 2004, vol. II, p.477.
[219] CHALHOUB, 2001, 212.

Silva, um português comerciante de leite e de sua amante, uma mulher negra. Segue a passagem:

> O [José] Silva e a crioula tiveram um filho e o mulatinho cresceu até aos cinco ou seis anos, na leiteria de Silva, conhecido dos fregueses como filho dele. Assim o conheci. Passaram-se cinco ou seis anos sem que eu soubesse do Silva, crioula e filho, quando, indo a Catumbi e passando na porta de uma estalagem, vejo aproximar-se de mim uma crioula que me tratava pelo nome. Disse-me que era a rapariga de José da Silva, em cuja casa de laticínios me conheceu. Há três anos ele - é ela a falar - ele, o Silva, a abandonara, para casar-se convenientemente. Nada dera a ela nem ao filho; e a sua vida, com o pequeno Ernesto, havia sido até aquele dia um tormento de angústia e de misérias.[...] [220]

Ao longo da narrativa do conto, observa-se o personagem Ernesto, filho de José da Silva com a sua amante que é negra, tendo uma vida de dificuldades após a morte de sua mãe, abandonado à pobreza e ao alcoolismo. Ao final do conto, os personagens principais Florência e o narrador encontram ao andar pelo Centro da cidade uma outra filha de José da Silva, uma jovem de pele clara, arrumada e bem vestida, fruto do casamento de José, transitando entre a Av. Central[221] e a Rua do Ouvidor. É evidente que Lima traz ao público, para além da questão dos assassinatos de mulheres na cidade do Rio de Janeiro, o constante abandono de mulheres por seus companheiros, especialmente mulheres negras em relações inter-raciais.

Há em *Clara dos Anjos* outra passagem onde o autor aborda este tema, evidenciando como nos subúrbios e em localidades mais pobres ocorrem muitos casos de abusos e abandonos de mulheres negras por amantes de uma esfera social mais abastada. No seguinte trecho destacado observamos um longo diálogo entre o antagonista e malandro Cassi Jones e Inês, uma mulher negra que fora vítima da sedução do "modinheiro", quando este a encontra ao andar num bairro pobre pelas adjacências do Centro do Rio de Janeiro. Eis uma pequena passagem:

> Cassi Jones ia atravessando aquele bairro singular e escuro, quando, do fundo de uma 'tasca', lhe gritaram:
>
> - Olá! Olá! 'seu' Cassi! O' seu Cassi!
>
> Insensivelmente, ele parou, para verificar quem o chamava. De dentro da taverna, com passo apressado, veio ao seu encontro uma negra suja, carapinha 'desgranhada', com um caco de pente atravessado no alto da cabeça, calçando umas remendadas chinelas de tapete. Estava meio embriagada. Cassi espantou-se com aquele conhecimento; fazendo um ar de contrariedade, perguntou amuado:
>
> - Que é que você quer?
>
> A negra, bamboleando, pôs as mãos nas cadeiras e fez com olhar de desafio:

---

[220] SCHWARCZ, 2010, p. 270.

[221] Atual Av. Rio Branco, localizada no centro do Rio de Janeiro.

> - Então, você não me conhece mais, 'seu canaia'? Então você não 'si' lembra de Inês, aquela crioulinha que sua mãe criou e você...
>
> Lembrou-se, então, Cassi, de quem se tratava. Era a sua primeira vítima, que sua mãe, sem nenhuma consideração, tinha expulsado de casa em adiantado estado de gravidez. Reconhecendo-a e se lembrando disso, Cassi quis fugir. A rapariga pegou-o pelo braço:
>
> - Não fuja, não, 'seu' patife! Você tem que 'ouvi' uma 'pouca' mas de 'sustança'.[222]

Observamos mais uma vez, para além do abandono e solidão da mulher, as fragilidades de uma relação inter-racial entre um casal no Rio de Janeiro no início do séc. XX. Há nesta passagem um aspecto que particulariza a escrita de Lima Barreto e que merece atenção. Além da precisão e riqueza de detalhes sobre o subúrbio que já vínhamos destacando antes, há no romancista a utilização de uma linguagem própria de suas obras que o destacariam ainda mais. O romancista trata de temas e personagens que não eram explorados por outros gêneros literários, ou quando o eram, ficavam em plano secundário. Por conta deste aspecto, Lima Barreto buscava utilizar recursos linguísticos e gramaticais que não descaracterizassem a naturalidade de seus personagens e nem criar algo que fantasiasse seus cenários. [223] É o que observamos em termos onde o autor utilizou aspas como *seu* "*canaia*", "*si*" ,"*crioulinha*" e "*sustança*".Nicolau Sevcenko afirma que o escritor utilizava esse tipo de recurso linguístico realizando uma combinação de estilos e estéticas diferentes, pois seria para Lima Barreto a melhor forma de traduzir a complexidade da realidade social do Rio de Janeiro e os diferentes perfis de moradores existentes na cidade.

A partir da leitura destas passagens destacadas em alguma das obras de Lima Barreto, podemos destacar alguns pontos que ficam bem claros sobre o subúrbio carioca e a vida cotidiana de seus moradores. Um ponto muito importante e que merece atenção é o conflito e tensão social existente entre os próprios suburbanos que evidencia ao leitor questões de cunho étnico, social e de gênero. Observa-se que nos bairros suburbanos há uma composição de diferentes classes sociais que interagem com a região e com a cidade de forma distintas. Neste sentido, Lima Barreto através de figuras como Cassi Jones e sua família em *Clara dos Anjos*, ou do personagem José da Silva no conto *Uma conversa vulgar,* busca trazer ao leitor a existência de diferenças sociais entre os moradores dos subúrbios, estabelecendo uma espécie de hierarquia social na região e exercendo forte influência nesses bairros. Sidney Chalhoub explica que na prática da vida cotidiana dos trabalhadores e das pessoas menos abastadas, a competição pela sobrevivência e pela ascensão social entre os populares tendia a colocar em

---

[222] BARRETO, 2012, p. 262.
[223] SEVCENKO, 1983, p. 196.

campos opostos diferentes atores sociais. [224] Esse tipo de tensão evidentemente se estende pelos bairros do subúrbio carioca, colocando pretos e brancos, imigrantes e brasileiros, famílias pobres e famílias mais estáveis em situações de conflito e tensão.

Alinhados com as diferenças sociais, há traços evidentes de bairros que compõem o subúrbio completamente diferentes entre si. Os bairros mais próximos as adjacências do Centro do Rio de Janeiro, como São Cristóvão, Méier, Engenho de Dentro e Todos os Santos, possuem maior infraestrutura e desenvolvimento econômico do que os bairros mais afastados como Inhaúma, Bangu ou Campo Grande. O autor chama atenção para estes bairros mais distantes, quase ruralizados, onde o nível de pobreza é maior e o poder público quase não atua.

A questão do lugar social da mulher também é um tema muito caro à Lima Barreto, especialmente a mulher negra. É interessante que o autor busca fazer uma espécie de denúncia contra os abusos e as situações de abandono e violência sobre a mulher. O início do séc. XX, período em que foram produzidas as obras e no qual estamos analisando o Rio de Janeiro, era um momento em que o padrão de família era baseado no patriarcalismo, ou seja, na figura e papel do homem como principal provedor e chefe de família. A mulher neste sentido estava submissa socialmente e juridicamente ao homem, tendo se constituído um imaginário do comportamento ideal feminino: mãe; esposa; dócil; submissa; fiel e dedicada ao marido. [225] Havia todo um aparato jurídico constituído na sociedade brasileira que estabelecia a dominação do homem sobre a mulher

Essa lógica de laços familiares e de comportamentos, buscam estabelecer normas de condutas para que as pessoas pudessem seguir dentro de uma concepção de uma ordem social burguesa, modelo ao qual o Rio de Janeiro buscava se inserir. Torna-se evidente que os conflitos entre homens e mulheres acabam por terem um certo reflexo do tipo de relação idealizada pela sociedade daquela época, onde muitas das vezes, principalmente entre as camadas populares e espaços como os subúrbios, se traduzem nos episódios narrados e reproduzidos por Lima Barreto do qual analisamos anteriormente. Os casos trazidos tanto nos contos como no romance, demonstram que para além de uma exclusão e abandono dessas mulheres por parte de seus amantes, há o convívio com o peso da sociedade em vivem.

Através da análise das obras de Lima Barreto, podemos observar que as representações trazidas pelo autor nos proporcionam um outro olhar sobre a cidade do Rio de Janeiro. Há em Lima Barreto uma escrita voltada para um forte cunho crítico e denunciador.

---

[224] CHAULHOUB, 2001, p. 112.
[225] *Ibidem*, p. 180.

O autor busca trazer ao seu público todos os contrastes sociais existentes numa sociedade que se esforça por excluir cada vez mais as camadas mais pobres de sua urbe, segregando espaços e apagando suas contradições. Lima Barreto traz o cotidiano do subúrbio carioca e se difere por romper com uma imagem cristalizada e modernizada do Centro.

Além de contrastar os subúrbios com o Centro, observamos que o escritor também contribui para romper com uma imagem homogeneizada do subúrbio. Neste aspecto, Lima Barreto traz ao seu leitor a complexidade do subúrbio, principalmente as diferenças na composição dos bairros e de seus moradores. Como vimos anteriormente, o subúrbio é o espaço onde também há tensões sociais entre seus moradores. Apesar de sua origem ocorrida às margens do eixo central do Rio de Janeiro, o subúrbio carioca é também um espaço de disputa, de relação de poder e de contradições econômicas que nos proporciona um olhar amplo e plural sobre a cidade durante a Primeira República.

CAPÍTULO 3
O PERIÓDICO *GAZETA SUBURBANA* E AS VÁRIAS EXPRESSÕES DO COTIDIANO NO SUBÚRBIO

Neste capítulo teremos como foco de investigação o periódico suburbano *Gazeta Suburbana, Semanário Critico, Litterario, Noticioso, Dedicado aos interesses da zona suburbana,* que teve razoável período de circulação na década de 1910. O material encontrado nos indica que a redação desta folha teve pelo menos três localidades diferentes, incluindo o bairro de Todos Os Santos. As edições disponíveis para a realização da pesquisa encontram-se atualmente no acervo da Biblioteca Nacional, em formato físico e digital, podendo ser consultadas nos catálogos digitais da instituição. É importante ressaltar que as edições encontradas para consulta se concentram em períodos específicos do tempo de existência do periódico, tendo o enfoque maior entre os anos 1910-1911 e 1919-1920. As edições publicadas em outros anos não foram encontradas, havendo a possibilidade de terem se perdido com o passar dos anos.

A ausência das edições referentes aos outros anos da *Gazeta Suburbana* deixou lacunas importantes, mas não inviabilizou que o jornal fosse estudado. Como consequência imediata, nesta pesquisa será dado um enfoque maior à primeira leva de publicações do periódico realizada no biênio 1910-1911, período que coincide com o momento de sua refundação após uma curta experiência realizada na década de 1890. Além disso, cabe dizer que foram nestes anos destacados que o jornal teve sua sede e redação localizados no bairro de Todos os Santos, na rua José Bonifácio, nº 52. Esta localidade nos traz ao importante fato de ter seu corpo editorial estabelecido próximo ao endereço onde no mesmo período residia Lima Barreto, quando o autor estava em constante produção como jornalista e escritor.

3.1 O lugar social da *Gazeta Suburbana* e o seu público alvo.

A *Gazeta Suburbana* teve um período de existência relativamente longo comparado a outros periódicos suburbanos de sua época. As fontes encontradas no acervo da Biblioteca Nacional nos indicam que foram aproximadamente 10 anos de circulação, com momentos espaçados de interrupção ou mudanças de seu corpo editorial e proprietários. Das edições encontradas, pode-se observar ao menos três importantes mudanças no conjunto de editores e colaboradores do jornal ao longo da década de 1910. Essas alterações também possuíram

relação com as trocas de localização da redação do jornal. O jornal teve ao menos quatro deslocamentos de seu endereço ao longo do período destacado.

Quando fundado em setembro de 1910, esteve localizado no bairro de Todos os Santos. Em sua 33ª edição, com a mudança de seus proprietários e redatores, a sede do jornal se transfere para o bairro do Engenho de Dentro, na Rua Dr. Bulhões, nº 11.[226] Em 15 de novembro de 1911, a redação da *Gazeta* muda de endereço novamente. Diferentemente da mudança anterior, o editorial sai dos subúrbios e se transfere para o Centro, na Rua Carioca, nº 44.[227] Pela ausência de material para análise, não se sabe por quanto tempo a redação do jornal funcionou no Centro da cidade. Sabe-se, porém, que a última transferência de endereço que temos referência se deu próximo ao biênio 1910-1920, quando a sede da folha era localizada na Rua Lia Barbosa, nº 13, no Méier.[228]

Além das trocas de endereços, o jornal também sofreu com variações em seu corpo editorial ao longo da década de 1910. Ao longo dos anos, foram sendo incorporados ou substituídos diversos colaboradores e repórteres, além de colunistas que ganhavam espaço em diferentes sessões do periódico. As mudanças de corpo editorial, de colaboradores e dos locais de redação eram comuns na realidade dos periódicos suburbanos. Mendonça (2011) aponta que essas alterações ou até mesmo as interrupções das atividades nestas folhas suburbanas marcavam uma certa irregularidade que geralmente refletiam a forma com que os seus proprietários atuavam. Muitos destes jornais não conseguiam se manter ativos por conta do baixo número de assinantes ou pela falta de investimento de seus proprietários. [229]

Não se pode deixar de destacar que a *Gazeta Suburbana* não foi um caso isolado no que se refere à imprensa suburbana. Desde fins do séc. XIX e, especialmente a partir do século XX, o número de periódicos suburbanos cresce consideravelmente, nos mais variados modelos de publicação e atuando sobre diferentes bairros suburbanos como o Méier, Engenho de Dentro, Engenho Novo, Santa Cruz, São Cristóvão, Ilha do Governador, entre outros. Além da *Gazeta*, podemos destacar o jornal *O Subúrbio* inaugurado em setembro de 1907 e sob propriedade do servidor público militar Xavier Pinheiro. Esta folha foi juntamente com a *Gazeta Suburbana* um dos periódicos de maior longevidade da região e tinha sua redação localizada no Méier. Outros periódicos também tiveram destaque e uma atuação consistente, mesmo que por um período menor, como o *Echo Suburbano* (Engenho de Dentro, 1901), *Commercio Suburbano* (Piedade, 1902) e o *Progresso Suburbano* (Piedade, 1902), estes dois

---

[226] **Gazeta Suburbana**, Engenho de Dentro, 1911, n. 33, p.1.
[227] *Ibidem*, Rio de Janeiro, 1911, n. 45, p. 1.
[228] *Ibidem*, Méier, 1919, n. 486, p. 1.
[229] MENDONÇA, 2011, p. 60.

últimos sob propriedade de Manoel Marques Balbinoa. Além destes jornais, também é importante fazer referência à *Revista Suburbana,* fundada em 1918 no bairro do Engenho Novo, que teve extensa atuação em prol dos interesses da população suburbana.[230]

O jornal *Gazeta Suburbana* teve sua estreia datada do dia 8 de setembro de 1910 e era de propriedade de uma sociedade anônima. Pelo que percebemos ao analisar os proprietários e financiadores de outros jornais suburbanos, é muito provável que o grupo de detentores da *Gazeta Suburbana* deveria ser composto por profissionais liberais, empresários do setor mercantil ou industrial, ou até mesmo profissionais ligados às forças armadas, como oficiais reformados. Peguemos como exemplo o caso do jornal *O Suburbio, jornal independente noticioso, literário e consagrado aos interesses locais,* que como vimos anteriormente era propriedade de Xavier Pinheiro, militar e que atuava como redator-chefe, além de diretor da folha. O *Echo Suburbano,* relevante jornal suburbano do início do século XX, teve como diretor e um de seus financiadores o militar Victorino Tosta. Alguns proprietários de jornais chegavam a fundar empresas para administrá-los. [231]

Somente em sua terceira edição, datada do dia 22 de setembro de 1910, é que são expostos na primeira página, próximo ao cabeçalho, os nomes de três de seus principais administradores, mas sem menção aos sócios do jornal. Na página são apresentados como administradores gerais e chefes de redação da folha Ernesto Mattoso, J. Luiz Anesi e Aloablades A. Mello.[232] Não se sabe ao certo se estes homens foram os membros fundadores da folha ou se a adquiriram posteriormente, pois não há documentação e nem informações nas páginas do periódico que possam confirmar essa questão. O que podemos perceber é que nesta edição, onde aparece pela primeira vez os nomes dos administradores do jornal, mantém-se o mesmo quadro de colunistas e colaboradores que trabalharam nas duas edições anteriores. Posteriormente, na décima segunda edição, datada do dia 27 de novembro de 1910, é que estes homens são identificados na capa do jornal também como os proprietários da *Gazeta Suburbana.* [233]

Dos três administradores e proprietários do periódico, somente Ernesto Mattoso tem-se a informação de sua ocupação profissional para além das atividades com a *Gazeta.* Segundo consta, Mattoso era proprietário de uma empresa chamada Charitas, o que expressa o aspecto trazido por Mendonça (2011) de uma parte considerável desses periódicos suburbanos serem de propriedade de empresários ou profissionais liberais que não viviam exclusivamente

---

[230] MENDONÇA, 2011, p. 61.
[231] *Ibidem*, p. 59.
[232] **Gazeta Suburbana,** Todos os Santos, 1910, n. 3, p. 1.
[233] *Ibidem*, n. 12, p. 1.

do jornalismo. A rotatividade de proprietários, administradores e colaboradores pode ser observada em uma nota lançada pela *Gazeta Suburbana* em maio de 1911:

> **DECLARAÇÃO**
>
> Deixaram de fazer parte da redação da *Gazeta Suburbana* os nossos companheiros, desde a fundação, Ernesto Mattoso e Alcebiades A. de Mello
>
> Lamentamos a retirada desses esforçados luctadores, declaramos, para evitar qualquer commentario, que nenhuma discordancia houve entre os proprietários e directores desse semmanario. Os motivos foram mais do que justos.
>
> O sr. Ernesto Mattoso, como presidente da "Charitas" não dispunha de tempo necessario, o mesmo se dando com o sr. Alcebiades de Mello, sobrecarregado de trabalhos.[...][234]

Assim como foram constantes as mudanças de proprietários do jornal, os redatores e colaboradores também eram constantemente substituídos. A primeira menção ao redator chefe do jornal que não fosse também um dos sócios-proprietários da folha foi na edição de número 13, datada do dia 4 de dezembro de 1910, apontando como ocupante deste posto o sr. Annibal Passos da Costa.[235] Com as saídas de dois dos antigos proprietários e a consequente transferência da sede do jornal suburbano para o Engenho de Dentro em maio de 1911, ocorrem alterações no quadro editorial da *Gazeta*. Annibal torna-se representante geral do jornal, e a direção da redação fica sob responsabilidade de J. Luiz Anesi. Em 15 de novembro de 1911, em sua quadragésima quarta edição, a redação passa temporariamente para a direção de Luiz M. Barboza, em virtude de um temporário afastamento de Anesi. [236]

Além dos redatores e representantes, também eram comum as mudanças no quadro de colaboradores do periódico. A maioria dos colaboradores eram representantes do jornal em diversas localidades da zona suburbana da cidade e que tinham como objetivo colherem informações, notícias, fatos, reclamações a partir dos muitos bairros representados. Segue o artigo de chamada para os colaboradores na edição inaugural da *Gazeta*:

> **Nossos Representantes**
>
> NOTA: - Todos estes representantes estão munidos de um cartão que lhes dá amplos poderes para angariar assignaturas e annuncios, bem como representar esta folha em tudo quanto, nas respectivas localidades, se refletir a interesses suburbanos. [237]

Com o passar dos anos, a medida que o periódico foi gradativamente se consolidando, o número de colaboradores e representantes do jornal aumenta consideravelmente. Em sua

---

[234] **Gazeta Suburbana**, Engenho de Dentro, 1911, n. 33, p.1.
[235] *Ibidem*, Todos os Santos, 1910, n. 13, p. 1.
[236] *Ibidem,* Engenho de Dentro, 1911, n. 44, p. 1
[237] *Ibidem*, Todos os Santos, 1910, n. 1, p. 3.

segunda edição, datada do dia 15 de setembro de 1910, a *Gazeta Suburbana* contava com apenas 3 de seus representantes localizados em bairros da cidade, como veremos a seguir:

> **Nossos Representantes**
>
> Não nos foi possivel ainda obter um representante em cada lugar, o que faremos brevemente.
> São actualmente nossos representantes:
> Em *Bangu:* o sr. Guilherme Pastor.
> No *Encantado*: Telmo Fiuza da Cunha.
> Em *Anchieta*: Sylvio Passos da Costa. [238]

Ao longo dos meses que seguiram a partir da inauguração do periódico, o número de colaboradores e representantes foi aumentando. No ano seguinte ao seu lançamento, em sua décima nona edição, já se observa um crescimento dos representantes da *Gazeta* em várias localidades da zona suburbana do Rio de Janeiro:

> **Nossos Representantes**
>
> São actualmente nossos representantes:
> *Villa Izabel* - Marco Aurelio de Brito e Abreu.
> *S. Christovão* - Antonio Francisco Coelho; rua General Argollo, 23.
> *Riachuelo:* José Pinto, Rua 26 de maio, 25.
> *Engenho Novo:* Ludovico Telles Mattoso; rua Gregório Neves, 50.
> *Meyer* : Djalma C. Maya, rua Conceição.
> *Todos os Santos*: Octavio Lage ; Rua Boa Vista, 52.
> *Engenho de Dentro*: Orlando O. Vasques; rua Anna Leonidia, 15.
> *Encantado*: Telmo Fiuza da Cunha; rua José Domingues, 23.
> *Dr. Frontin*: Bento Barboza ; rua Pedro Reis, 26.
> *Cascadura*: José Freire Telles; Estrada Real, 3048.
> *D. Clara*: Josino Mariano da Silva ; rua Carlos Xavier, 26.
> *Bangú*: Guilherme Pastor.
> São também nossos representantes o srs. Frederico Max Grimmer e Waldemar Martins. [239]

Note que em comparação as primeiras edições, em um espaço de quatro meses o número de representantes do jornal teve um salto de apenas 3 colaboradores para 14 em janeiro de 1911. A *Gazeta Suburbana* conseguiu em menos de um semestre expandir consideravelmente suas redes de comunicação e articulação por diferentes bairros da zona suburbana para além da região de Todos os Santos e o distrito do Méier, incluindo agora bairros como Encantado, Engenho de Dentro, Engenho Novo, Dona Clara (Madureira), Cascadura, Riachuelo, Vila Isabel, entre outros. Isso expõe que o poder de circulação do

---

[238] *Ibidem*, n. 2, p. 3.
[239] *Ibidem*,1911, n. 19, p. 3.

periódico teve um alcance significativo pelos subúrbios do Rio de Janeiro, estabelecendo redes, novos leitores, patrocinadores e colaboradores.

Tal aspecto pode ser evidenciado pelo número de tiragens do periódico que foi tendo um aumento gradativo ao longo dos meses. Em suas primeiras edições, foram impressos 4 mil exemplares, o que representa um número relativamente alto de cópias e colocados ao público para um jornal recém fundado, com investimento relativamente menor quando comparado aos periódicos da região central da cidade e especialmente quando se leva em consideração que o público-alvo são os suburbanos. Ao fim do ano de 1910 as tiragens passaram a ser de 5 mil exemplares.

Fazendo uma observação mais ampla da *Gazeta Suburbana* percebemos alguns aspectos que ficam transparentes sobre a sua proposta editorial, o público leitor que buscava atingir e alguns dos interesses defendidos. A *Gazeta Suburbana* era um periódico semanal, sendo publicada aos domingos e a partir disso tinha objetivos claros quanto às suas publicações. Dos muitos pontos a serem abordados, destacaremos, primeiramente, a responsabilidade que o periódico busca assumir desde sua estreia como um representante e porta-voz da população e dos bairros suburbanos. Na primeira página da edição inaugural, o corpo editorial da *Gazeta* traz em artigo os propósitos da folha:

> **Nosso Rumo**
>
> Todo o jornal exige um programma; todo o jornal tem um caminho traçado, um fim a atingir; não se pode comprehender a existência de um jornal sem um programma. Em poucas palavras não queremos fatigar o leitor com muitas promessas, e com *phrases* retumbantes, explicaremos nosso objetivo.
>
> Com o progressivo augmento da população do Districto Federal, com o grande desenvolvimento do nosso commercio, os suburbios, outrora abandonados e desprezados, tornaram-se ultimamente procurados e conhecidos. [...]
>
> Apezar, porém, deste desenvolvimento patente os suburbios continuam desprezados da parte das auctoridades municipaes: enquanto a renda da prefeitura é empregada em melhoramentos da zona urbana e dos arrabaldes chics, os suburbios vivem no mais completo abandono.[...]
>
> A *Gazeta Suburbana* surge hoje para trabalhar pelos suburbios. Eis o nosso fim: conseguirmos para os suburbios os melhoramentos e reformas necessarias.
>
> Podem e devem contar com o dedicado empenho desta redacção, os que têm morada e interesses nesta zona do Districto Federal, certos de que a sinceridade nos movimentará a energia na ação e a justiça na analyse.
>
> Conscia de que tudo empenhará para ser útil ao povo suburbano, a redacção da *Gazeta* há de procurar convergir todas as energias, de que poder dispôr, em proveito dos opprimidos. [...] [240]

Observemos no artigo destacado que os redatores buscavam trazer ao público suburbano uma representatividade para esta população diante da situação de abandono da

[240] *Ibidem*, 1902, p. 1.

zona suburbana pelo poder público. Esta busca por representar os interesses da população suburbana é uma postura que veremos reproduzida em todas as edições do jornal que vieram a ser publicadas entre os anos 1910-1911 e também no biênio, 1919-1920, o que evidencia ser um elemento chave desse periódico. Convém notar que o jornal se manteve fiel à sua proposta original mesmo com tantas mudanças administrativas e de seu quadro editorial ao longo dos anos.

O artigo também destaca o considerável crescimento da população dos subúrbios, além do crescimento das atividades comerciais e outros serviços. De fato, o aumento populacional e o desenvolvimento da zona suburbana pode ser verificado pelos dados trazidos pelo recenseamento de 1920. Segundo este censo, bairros como Méier, Andaraí, Engenho Novo, Inhaúma, Irajá e Santa Cruz apresentaram números expressivos no que tange ao aumento do número de habitações, prédios e casas comerciais. Entre os censos de 1906 e 1920, além do aumento populacional de aproximadamente 66 % no número de habitantes, o Méier teve um salto considerável na quantidade de prédios e habitações localizados em sua região. No período de 14 anos entre os dois recenseamentos realizados, o número de domicílios neste distrito apresentou um aumento de 65,32%, subindo de 4.224 residências para 6.983. Os dados sobre o número de prédios indicam o aumento de 70,16% no mesmo período, crescendo de 4.222 para 7.184 edificações. [241]

Como mencionado anteriormente, outros distritos suburbanos também tiveram um crescimento importante no número de prédios e domicílios, segundo o recenseamento. Desde 1906, Andaraí teve um aumento de 81,14% no número de prédios e de 82% no número de domicílios. No mesmo período, o Engenho Novo apresentou o crescimento de 60,05% no número de prédios e 61% relativos as habitações. Inhaúma foi dos distritos suburbanos de maior aumento no número de imóveis. Entre os anos de 1906 e 1920, o distrito apresentou um salto de 91% no número de prédios, saindo de 9.043 edificações para 17.310. [242] Estes dados evidenciam não apenas o crescimento populacional dos distritos suburbanos, mas o consequente desenvolvimento econômico e urbano da região. Vimos no primeiro capítulo deste trabalho os dados apresentados pelos recenseamentos de 1890, 1906 e 1920 que indicam o aumento expressivo da população na zona suburbana do Rio de Janeiro. Com o aumento de moradores, surgem atividades comerciais, criam-se ruas e avenidas, praças e toda uma gama de serviços que visa a atender esta população. Pode-se concluir, consequentemente, que a

---

[241] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento de 1920.** v. 3, p. 21.
[242] *Ibidem*.

demanda pela oferta por serviços públicos e seus melhoramentos irá ter um grau de exigência cada vez maior.

Além do crescimento dos bairros suburbanos, o artigo também chama atenção para um outro aspecto. Percebe-se que o texto assume um certo tom de denúncia ao evidenciar o estado de abandono dos bairros suburbanos pela prefeitura. Enquanto que os distritos localizados ao centro e na região sul da cidade, descritos no texto como a zona urbana e os *arrabaldes chics,* detinham do poder público, especialmente dos governos municipal e federal, toda a sorte de serviços de infraestrutura, higiene, saneamento básico, iluminação e transporte, o artigo chama atenção para o fato de o mesmo não ocorrer com os distritos suburbanos. Na verdade, o descaso do poder público se tornará um dos temas principais e a ser discutido pelos redatores e colaboradores da folha.

As edições da *Gazeta Suburbana* geralmente contavam com apenas quatro páginas, tendo um número variado de sessões e colunas que abordavam temas completamente distintos. Como o próprio nome do periódico destaca - *Gazeta Suburbana - Semanário Critico, Litterario, Noticioso, Dedicado aos interesses da zona suburbana* - o jornal trás em suas páginas a exposição de vários textos literários como romances, poesias e em alguns momentos trechos de peças teatrais que se encontram intercalados com as notícias e anúncios da folha. Muitos desses textos eram de autoria de escritores suburbanos que ainda buscavam se firmar no mercado literário. Porém, uma parte considerável dos textos, muitos em formato de folhetins, traziam referências a autores já consagrados no mercado literário do Rio de Janeiro no início do século XX.

Outras sessões importantes que marcam presença no jornal são *Pelos Suburbios*, *Notas e Factos*, *Em Ar de Conversa*, *Queixas e Reclamações*, *Risos e Lágrimas* e *A Central do Brasil.* Ao longo deste capítulo serão abordados de forma cuidadosa elementos e questões trazidos por cada uma destas sessões que estiveram presentes nas folhas da *Gazeta* por quase toda a sua existência. A coluna *Pelos Suburbios* era de autoria do colaborador Moreira Guimarães, que era Major do exército e contribuiu para a existência do jornal desde sua fundação. Os assuntos abordados pelo Major Moreira Guimarães geralmente assumiam um tom de indignação e denúncia perante os problemas enfrentados pelos suburbanos no que toca à iluminação, pavimentação, transporte, segurança, higiene e a cobranças de tributos à população local. Na sessão *Notas e Factos* vemos um momento do periódico dedicado exclusivamente a divulgação de acontecimentos ocorridos nos bairros suburbanos e considerados relevantes para sua divulgação.

A sessão *Queixas e Reclamações* segue um padrão semelhante ao que já existia em jornais consagrados e de grande circulação na cidade como Jornal do Brasil, O Paiz e o Correio da Manhã. No caso da *Gazeta,* o foco era dar ênfase e trazer ao público os problemas enfrentados pelos suburbanos em seu dia a dia. Vejamos os exemplos a seguir:

> **Queixas e Reclamações**
>
> Em nome dos moradores das ruas servidas pelos bonds da Light, pedimos ao sr. prefeito, qualquer medida, que termine com a poeira que os mesmos levantam ao transitar.
> Nada merecerão a saúde e a propriedade dos suburbanos?
> Si existe bond nas ruas, porque não manda s. ex. calça-las? Cremos que a Municipalidade nenhum prejuízo terá com isto, e muito seriam beneficiados os suburbanos. [...] [243]

No trecho destacado acima vemos uma espécie de denúncia pública acerca dos transtornos causados aos moradores suburbanos pela falta de calçamentos alinhados aos serviços do transporte de bondes nas ruas suburbanas. Evidencia-se que a falta de manutenção e calçamentos dessas ruas fizessem com que a circulação dos bondes, um dos principais meios de transporte da cidade, levantassem poeira a cada vez que passassem, sujando pedestres, casas e os estabelecimentos locais. É importante esclarecer que a sessão *Queixas e Reclamações* não se limitava a apenas uma queixa ou denúncia em específico por cada edição do jornal. Em outro trecho veremos mais uma vez esta parte do periódico cumprindo com a sua finalidade de trazer ao público queixas, questionamentos ou indignações relativas ao povo suburbano que envolver os mais variados aspectos de seu cotidiano:

> [...]
> Quando será feito o saneamento da rua José Domingues?
>
> Quando será concertada a rua Archias Cordeiro?
>
> Em que dia será creado o posto de assistencia nos suburbios?
>
> E o Corpo de Bombeiros? As nossas casas continuarão sob o risco de destruição total?
>
> Custa muito apanhar os cães vadios?
>
> A zona da Piedade pra cima terá iluminação?
>
> Quando acabará a vagabundagem nos suburbios?[...][244]

---

[243] **Gazeta Suburbana**, Todos os Santos, 1911, n. 24, p. 2.
[244] *Ibidem*, 1910, n. 8, p. 3.

Observa-se que a sessão trabalha com a publicação de queixas e reivindicações de problemas ou transtornos comuns à vida dos suburbanos e que não conseguem ter suas questões atendidas pelo poder público. Estas queixas ou exigências são o retrato de alguns elementos da rotina dessas pessoas como segurança, iluminação das ruas, assistência médica e do corpo de bombeiros, pavimentação e calçamentos. Este tipo de publicação se alinha diretamente com a proposta colocada pelo jornal em ser uma espécie de porta-voz da população suburbana, especialmente por buscar trazer à público os apelos dos suburbanos.

Outra sessão que cabe o destaque se intitula *Risos e Lágrimas* e esteve presente por praticamente todo o período de existência do periódico suburbano. Esta sessão é o momento em que a *Gazeta Suburbana* faz menção, homenagens, felicitações ou notas de falecimento sobre pessoas do subúrbio do Rio de Janeiro que tivessem algum prestígio ou reconhecimento local. De imediato perceberemos que esses indivíduos destacados pelo jornal eram moradores da região suburbana e veremos sempre suas ocupações sendo destacadas. Vejamos o exemplo a seguir.

Risos e Lágrimas

> No dia 10 do corrente o illustre clinico Dr. Cruz Gonçalves por motivo de seu anniversario natalicio foi alvo de estrondosa manifestação da parte de seus innumeros amigos e admiradores . As 9 horas da manhã foi celebrada na capella de N. S. da Piedade uma missa em acção de graças á qual assistiram o anniversariante e sua exma. familia e muitas pessoas de sua amizade. A noite os manifestantes reuniram-se em frente a Pharmacia Brazil e dirigiram-se á residencia do Dr. Cruz Gonçalves. Foi orador official o sr. Alfredo Wanderley, que em nome do povo da Piedade offereceu ao anniversariante um lindo retrato a crayon. A digna esposa do Dr. Cruz Gonçalves foi offerecida por uma gentil senhorita uma corbeille de flores naturaes. A residencia do festejado clinico estava ornamentada de folhages e galhardetes. As pessoas presentes foi servido lauto jantar, e logo depois começaram as danças que prolongaram se até alta madrugada. [...] [245]

No trecho acima tem-se a demonstração de como esta sessão do jornal é um momento dedicado a prestigiar pessoas que tivessem uma certa notoriedade local, seja pela sua posição profissional, seja pelos laços estabelecidos em seu bairro. Normalmente, quando são noticiados os aniversariantes da semana, procura-se destacar os feitos destes indivíduos, a sua boa relação com os moradores do bairro onde habitavam, suas qualidades e êxitos profissionais, além de trazer ao público como aquele fato impactou as pessoas em seu entorno. No caso da menção destacada, o jornal, através de seu corpo editorial, homenageia e parabeniza o médico conhecido como Dr. Cruz Gonçalves, que pelas informações oferecidas

[245] *Ibidem*, n. 5, p. 2.

residia no bairro de Piedade e era estimado pelos moradores locais. Analisemos outra notícia publicada na mesma sessão do dia 20 de outubro de 1910:

> **Risos e Lagrimas**
> **Manifestações**
>
> No dia 13 do corrente completou mais um anno de existência o Sr. André José Barbosa que , ha muitos annos exerce com criterio , zelo e brilhantismo o cargo de agente do correio em Cascadura. Paladino da Justiça, leal nas amizades e cumprimentos do dever, captivou a sympathia de grandes numero de amigos e de seus subordinados que para patentearem a alta admiração e reconhecimento que lhe tributam fizeram-lhe imponente e expressiva manifestação. A commissão composta dos Srs. tenente Emiglio da Graça Correia Junior, Octavio Cardoso da Costa, Odorico de Sant'anna, Theodalo Mendes, Giumar Silveira, Abilio Borges, Viriato Lopes, tenente Ezequiel Pacheco e Hermogeneo Ferreira, tendo como orador o Sr. Graça que em breves e eloquentes palavras manifestou o reconhecimento dos seus collegas, offertou-lhe um bem executado retrato.
> A noite na residência do anniversariante, após o jantar onde foram trocados varios brindes , seguiram-se as danças que se prolongaram até a madrugada.
> Era grande o numero de pessoas presentes que o foram cumprimentar. [...][246]

Percebe-se através dos trechos destacados que o jornal enfoca indivíduos que possuem determinadas ocupações profissionais e que compõem redes de sociabilidades específicas dentro da vasta zona suburbana. O que se percebe é que em muitos sentidos os editores da *Gazeta Suburbana* traziam em suas páginas uma certa representatividade de uma classe social específica dos subúrbios do Rio de Janeiro. Observemos o próximo trecho da oitava edição do jornal datada do dia 27 de outubro de 1910.

> **Risos e Lagrimas**
>
> Completa no dia 4 do proximo mez mais um anniversario o illustrado major Dr. José Maria Moreira Guimaraes.
> Official distincto , honra do Exército Nacional, onde conta grande numero de amigos, que n'elle reconhecem grande competencia aliada a natural modestia, tem sido investido de grandes commissões das quaes tem se desempenhado galhardamente.
> Apaixonado cultor da litteratura, tem publicado diversos trabalhos, que bem attestam o seu valor intellectual, já pela columnas da imprensa como em livros.
> [...]
>
> Fez annos a 21 do corrente o Sr. José Alves, funccionario da Limpeza Publica. Parabéns.
>
> A 2 de Novembro o conceituado dentista José Salgado de Souza terá occasião de ver quanto é estimado. Seus amigos de Cascadura não deixarão esquecido seu anniversario.
>
> Fez annos no dia 21 do corrente o Sr. Antonio Ursulino de Sá, cavalheiro estimado e conductor de trem da E. F. Central do Brasil.

---

[246] *Ibidem*, n. 7, p. 2.

> No dia 24 colheu mais uma primavera a interessante Emilia, filha do Sr. Apulio Augusto dos Santos, funcionario da Prefeitura.
>
> A Exmª . Sr. D. Luiza dos Prazeres, esposa do Tenente Leovegildo Alvares dos Prazeres, distincto official do nosso exercito, completa no dia 31 do corrente, mais um anniversario natalicio.[247]

As pessoas referenciadas nas publicações da *Gazeta Suburbana*, especialmente na coluna **Risos e Lágrimas** são, em sua maioria, pertencentes à segmentos específicos que viviam na zona suburbana. Observa-se que os moradores destacados são normalmente profissionais liberais que trabalhavam no setor do transporte, dos correios ou na administração pública. Também marcam presença militares, especialmente oficiais de média e alta patentes, que residiam em bairros suburbanos do Rio de Janeiro. Além dos membros das forças armadas e de profissionais que atuavam no setor de prestação de serviços, nota-se nas publicações realizadas da *Gazeta* um número considerável de comerciantes e empresários ligados ao setor do varejo, da produção e venda de alimentos, além do ramo têxtil, entre outros.

Mesmo com as mudanças administrativas e com as transferências de sedes para outras localidades, o jornal conseguiu manter ativa a coluna **Risos e Lágrimas**, sempre trazendo ao destaque indivíduos com basicamente o mesmo perfil social das edições anteriores. Vejamos alguns trechos desta sessão publicados na edição de número 33, datada do dia 30 de maio de 1911.

> O sr. Eugenio Fragoso Ribeiro recebeu muitos cumprimentos a 27 do corrente, pela data de seu anniversario.
>
> Na mesma data completou mais um anniversario a exma. sra. d. Maria Martins Velho da Silva, viúva do professor Velho da Silva.
>
> No dia 22 foi muito felicitada a exma. sra. d. Maria Garcia Guimarães, esposa do intendente coronel Hemeterio Guimarães.
> Embora tarde a *Gazeta* apresenta a anniversariante suas sinceras felicitações.
>
> Passou no dia 23 o anniversario do capitão tenente Bazileu Alves Pinna.
>
> Esteve em festas no dia 20 do corrente o lar do ilustrissimo sr. Augusto Silva, estimado clinico de Cascadura, por motivo de anniversario natalício de sua extremosa filha senhorinha Maria Avellar (Mariasinha).
> Às 8 1/2 da noite, reunido em sua aprasivel residencia à rua do Campinho, grande numero de pessoas de amizade, teve início a festa, que começou pelo "Baptismo Solene" de uma linda boneca da anniversariante, o qual foi feito com todas as cerimonias e assistido de pé por todas as pessoas presentes.
> Pouco depois tiveram inicio as danças que se prolongaram até a madrugada.

[247] *Ibidem,* n. 8, p. 1.

Casamentos

Realizou-se na 13ª pretoria o enlace matrimonial da senhorita Elvira Pereira Guimarães com o sr. Salustiano José Cezar; o acto religioso teve lugar na igreja de S. Pedro do Encantado.

A noite foi servido [sic]jantar, seguindo-se as danças que só terminaram de madrugada.

A *Gazeta* esteve presente na pessoa de seu representante Octavio Lage. [248]

O que se torna perceptível é o fato de a *Gazeta Suburbana* representar ou dialogar com um quadro social bem específico do subúrbio carioca. Não se vê representado ou mencionado nestas notas ou sessões trabalhadores operários, informais ou que exercessem profissões cuja remuneração seja baixa. Em outras palavras, não aparecem representados trabalhadores pobres ou negros nas páginas da *Gazeta Suburbana*, o que nos dá a entender que este jornal buscou representar e atender os anseios de uma camada social equivalente ao que pudéssemos entender enquanto uma pequena classe média suburbana. Mais do que isso, convém perceber que em todas as edições publicadas existem laços estreitos com uma pequena e média burguesia suburbana, composta por comerciantes, empresários e industriais que utilizam do periódico para a divulgação de seus empreendimentos.

Quando analisamos as edições da *Gazeta Suburbana*, especialmente ao observar as várias sessões nelas inseridas, observamos que as duas últimas páginas são quase que exclusivamente reservadas para anúncios e classificados. Observemos os anúncios a seguir publicados na edição de número 7 publicada no dia 20 de outubro de 1910.

Carpintaria e Marcenaria - Antonio Louro & Irmão - Rua Archias Cordeiro, 410 - Todos os Santos.

Pharmacia Fonseca
de
Gaspar Augusto Fonseca

Chimico e *Pharmaceutico* pela Universidade de Coimbra (Portugal) e pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sortimento completo em larga escala de drogas, productos *chimicos* e *pharmaceuticos* importados directamente, que vende por preços de drogaria
Consulta gratis pelos Srs. Drs. Maximino Teixeira das 8 às 9, Aristides Ferreira Caire das 9 1/2 as 11 1/2, Virgilio Olvidio das 9 as 11 1/2, Dr. Sebastião Tamanqueira das 11 1/2 as 12 1/2.
Manipulação rigorosa com assistência do seu proprietário
abre-se a qualquer hora.
Rua Archias Cordeiro N. 462.
Todos os Santos [249]

---

[248] **Gazeta Suburbana**, Engenho de Dentro, 1911, n. 35, p. 2.
[249] **Gazeta Suburbana,** Todos os Santos, 1910, n. 7, p. 4.

Notemos pelo anúncio anterior a divulgação de uma carpintaria e de uma farmácia localizada na Rua Archias Cordeiro, em Todos os Santos. Na propaganda divulgando a farmácia se destaca além do preparo e venda de medicamentos, a oferta de atendimento clínico pelos médicos associados Aristides Ferreira Caire, Virgilio Olvidio e Sebastião Tamanqueira. Além destes profissionais, o anúncio destaca o trabalho do principal responsável pelo estabelecimento que era o médico e farmacêutico Gaspar Augusto Fonseca, profissional que teve suas respectivas formações nas Universidade de Coimbra e pela antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.[250] Observamos que através de ambas as divulgações anteriores que no bairro de Todos os Santos existiam atividades profissionais realizadas por trabalhadores altamente capacitados e com elevados grau de instrução. Na mesma edição, observamos a indicação de outros serviços e comércios existentes na mesma avenida.

Casa Amazonas
- Calçado Dado -

A Casa que mais barato vendo no Rio de Janeiro
Productor de calçado e depósito das principaes fabricas desta Capital e de S. Paulo
19S, RUA ARCHIAS CORDEIRO, 19S
Proximo a companhia dos Bondes do Meyer.[251]

Além dos anúncios que ganhavam destaque nas sessões comerciais da *Gazeta Suburbana*, havia a divulgação de outros estabelecimentos comerciais e casas culturais localizadas em bairros do subúrbio do Rio de Janeiro. Os perfis dos estabelecimentos e apresentavam um quadro diversificado de empreendimentos, o que evidencia uma variedade grande de atividades e profissões. Até a edição de número 23 nota-se um número considerável de estabelecimentos suburbanos divulgados pelo periódico. Vejamos uma das sessões comerciais a seguir.

Indicador Commercial

Carpintaria e Marcenaria - Antonio Louro & Irmão - Rua Archias Cordeiro, 410 - Todos os Santos.

Restaurant e Botequim - Domingos Mendes Portella - Rua José Bonifácio, 159 - Todos os Santos.

Agente de Leilões - Miguel Barboza - Rua do Rozario n. 168 moderno - Telephone 1053.

Leiloeiro - Assis Carneiro - Rua do Hospicio 153.

---

[250] Atualmente a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pertence a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

[251] **Gazeta Suburbana**, Todos os Santos, 1910, n. 7, p. 3.

> **Officina de Marcineiro** - Luciano Moron - Encarrega-se de fazer moveis a estylo moderno, de fantazia com perfeição, Preços Baratissimos - Rua de S. Pedro, 241.
> Cinema Edson - Sessões todas as noites. Projecções nitidas e maravilhosas. Aos domingos matinée às [sic] horas. Brinde às crianças. Rua Dr. Dias da Cruz, 175. Em frente a estação do Meyer.
>
> **Grande Marcenaria e Tornearia** - Baptista de Souza & C. - Rua de S. Jorge. n. 57 [...] [252]

Como mencionado anteriormente, observa-se uma certa variação nos tipos de atividades estabelecidas no subúrbio que vão desde mercearias, padarias, secos e molhados, carpinteiros, farmácias e cinemas. A partir da 25ª edição o número de estabelecimentos suburbanos anunciados no periódico diminuiu consideravelmente dando uma ênfase maior a divulgação de cinemas e das lojas que pagavam um valor maior para terem suas marcas em destaque.

Curiosamente, a medida em que as casas comerciais e outros empreendimentos suburbanos foram ganhando menos enfoque nas sessões comerciais da *Gazeta,* a partir da edição 25, nota-se um processo gradativo de substituição do local em que os estabelecimentos destacados eram localizados. Especialmente a partir da transferência da redação do jornal para o Engenho de Dentro e com a mudança do corpo editorial em maio de 1911, os principais estabelecimentos divulgados e com maior destaque nas páginas da *Gazeta Suburbana* eram em sua maioria localizados no centro da cidade. Observamos os exemplos a seguir.

EMULSÃO SOLUVEL
é a melhor
Unica que cura tosse , tisica e fraqueza geral
Peça Emulsão Soluvel
Incluida na lista de medicamentos fornecidos ao Exercito
à venda em todas as *pharmacias* e drogarias
DEPOSITO GERAL
PHARMACIA AZEVEDO
Rua da Assembléa, 73
Rio de Janeiro - Cuidado com as imitações

DENTISTA
Dr. Alberto Tornaghi
Gabinete com todos os apparelhos electricos, os mais modernos e aperfeiçoados
Dentaduras sem chapa, extracções sem dor
Consultas - das 7 da manhã às 5 da tarde e das 7 às 9 da noite.
Trabalhos garantidos - Preços razoáveis
pagamentos em prestações
Praça Tiradentes, 33
Telephone 193

ALFAIATARIA COMMERCIAL

---

[252] **Gazeta Suburbana**, Todos os Santos, 1911, n. 23, p. 3.

Especialidade em roupas sob medida para homens e crianças, com perfeição e por preços modicos
Grande sortimento de roupas feitas que vendemos por
PREÇOS BARATISSIMOS
DUARTE, FERREIRA & C.
Avenida Passos n. 120 [253]

Os três anúncios destacados acima nos permitem aprofundar em algumas questões importantes a discutirmos. Quando se analisa as edições da *Gazeta Suburbana* entre os anos 1910-1911, percebe-se que a maior parte das empresas e estabelecimentos comerciais que possuíam suas marcas divulgadas eram majoritariamente do setores farmacêutico, medicinal - com ênfase em atendimentos clínicos e odontológicos -, têxtil - destacando alfaiates, sapateiros e chapeleiros - e cultural - com cinemas e espaços de lazer. Neste sentido, o que fica evidente é que os empreendimentos que pagavam para terem suas marcas divulgadas eram compostos por setores do que podemos compreender como uma pequena e média burguesia suburbana, especialmente na divulgação de empreendimentos realizados por profissionais liberais com determinado nível de qualificação. Observa-se com uma certa frequência dentistas, farmacêuticos, médicos, advogados, alfaiates, sapateiros, entre outras profissões. Por outro lado, não se vê anunciado empresas ou indústrias de grande porte que eram presentes no Rio de Janeiro voltadas ao setor alimentício ou têxtil, por exemplo.

A divulgação destas casas comerciais e atividades empreendidos pelos suburbanos nas páginas da *Gazeta Suburbana* nos permite concluir que, de maneira semelhante ao que analisamos nos textos de Lima Barreto, os bairros do subúrbio do Rio de Janeiro tinham uma heterogeneidade no que tange as classes sociais e ocupações profissionais de seus habitantes. Estas informações coincidem com os dados apresentados pelo recenseamento mais próximo aos anos de publicação da *Gazeta* que temos acesso, que no caso seria o censo realizado em 1906. Se pensarmos o grau de instrução e as ocupações dos habitantes de alguns dos distritos suburbanos, especialmente de alguns dos mais populosos, conseguimos identificar proporcionalmente o quadro social destes habitantes.

Segundo o censo de 1906, no Méier, distrito no qual a sede do jornal foi localizada em seus primeiros anos de circulação nas proximidades da estação de Todos os Santos, o número de habitantes alfabetizados era de 19.110 pessoas. Esta quantidade correspondia a um pouco mais da metade da população do distrito. [254] Em Inhaúma, dos 67.478 habitantes, 32.481 pessoas eram alfabetizadas, um pouco menos da metade de sua população. No Engenho Novo, de um total de 28.422 moradores, 16.597 sabiam ler. Estes três importantes distritos

[253] *Ibidem,* Engenho de Dentro, 1911, n. 34, p. 4.
[254] Segundo o recenseamento de 1906, o número de habitantes do Méier correspondia 34.476 pessoas.

suburbanos seguem mais ou menos o mesmo quadro geral em que a cidade do Rio de Janeiro apontava, indicando um percentual de 51,89% de sua população que era alfabetizada e 48,11% dos quais não sabiam ler ou escrever. [255]

Existem distritos suburbanos, que se caracterizavam pelo pouco desenvolvimento urbano e por estarem mais afastados, que não apresentavam esse mesmo quadro entre aqueles que sabem ler e os analfabetos em suas respectivas populações. São os casos de Jacarepaguá, Campo Grande, Guaratiba e Santa Cruz, onde os números de habitantes analfabetos é relativamente maior do que os de pessoas letradas. [256] Muitos destes distritos predominavam atividades rurais e eram áreas mais distantes da zona central da cidade, o que contribui para a concentração de trabalhadores rurais, pequenos comerciantes, trabalhadores autônomos e pessoas pobres.

Quanto às profissões e atividades econômicas, os distritos suburbanos apresentavam uma variação grande de ocupações de seus moradores. Pegando o exemplo do Méier, observamos que os setores que mais empregavam seus moradores eram os da construção civil, da indústria têxtil, o setor alimentício e o serviço público. Este último era composto por uma gama ampla de atividades que incluíam serviços administrativos, membros das forças armadas, policiais, bombeiros, amanuenses e funcionários dos correios. O setor de prestação de serviços, especialmente o que envolvia os profissionais liberais, também tinha o seu destaque, mas os dados indicam que as ocupações eram fracionadas em vários campos de atuação profissional como magistrados, médicos, professores, intelectuais, secretários, entre outros. Das atividades declaradas que foram apontadas pelo recenseamento de 1906, o grande destaque vai para o setor comercial. Os números de funcionários deste setor e comerciantes, especialmente os autônomos, superavam todas as outras ocupações e atividades registradas pelo censo, indicando o Méier como um distrito de bastante atividade comercial na região. [257] O Méier se diferencia de distritos como Inhaúma e Engenho Novo pela grande variedade de profissões e serviços oferecidos em sua região. Estes últimos, apesar de na época terem tido um forte fluxo de atividades comerciais, não reuniam dentre seus moradores o mesmo percentual de funcionários públicos, operários e profissionais liberais que existia no Méier.

Retornando ao caso da *Gazeta Suburbana*, observamos que se trata de um periódico que objetivava representar os interesses de classes sociais e setores da população suburbana como comerciantes, empresários, profissionais liberais e de uma certa classe intelectual.

---

[255] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento de 1906**, p. 109.
[256] *Ibidem*.
[257] *Ibidem*, p. 316.

Observaremos mais a frente que temas como vadiagem, higiene e impostos são colocados sob a ótica das classes sociais mais estáveis, que possuíam profissão declarada e de maior poder aquisitivo da zona suburbana. Estas classes sociais não se limitavam única e exclusivamente a uma elite suburbana, mas de moradores que apresentassem ocupações e rendas mais elevadas e estáveis em comparação com as camadas populares no subúrbio. De forma recorrente iremos ver artigos em meio as páginas do periódico que saem em defesa do comércio suburbano, como mostra o trecho a seguir de artigo publicado em outubro de 1910:

> [...]
> O suburbio tem hoje grande commercio que concorre com toda a sorte de imposto, como se fôra do centro da cidade. O que se paga o commerciante dos suburbios, paga egualmente o de Botafogo, e no entanto as regalias que gosam um e outro são diversissimas. Para esses ha as ruas asphaltadas, illuminadas à luz electrica, para aquelles há os *caldeirões,* há o capim e as valas infectas, de água esverdinhada.
> O Districto Federal está dividido em diversas zonas districtaes, tendo em cada uma um representante directos do Prefeito Municipal, e no entanto, se os deveres de todas as zonas são mesmos, não são os mesmos, os direitos adquiridos.
> Não queremos bellas avenidas, ruas asphaltadas, queremos tão somente um pouco mais de attenção para essa zona da cidade, tão povoada, tão digna como as outras, dos melhoramentos. [...] [258]

Fica evidenciado ao se analisar a *Gazeta suburbana* o aspecto do jornal em possuir um recorte de público que se distancia das camadas populares da população suburbana. Como visto anteriormente, esse aspecto não é destacado apenas pelas atividades comerciais e serviços divulgados nas páginas do periódico, mas também se expressa pelos perfis de suburbanos que eram apresentados na sessão **Risos e Lágrimas**. Neste sentido, percebemos que o público do qual a *Gazeta Suburbana* busca representar e dialogar é semelhante a algumas personagens desenvolvidas por Lima Barreto em *Clara dos Anjos* e em outros textos do escritor. Em *Clara dos Anjos*, por exemplo temos como uma de suas principais tramas narrativas as tensões estabelecidas entre a família do personagem Cassi Jones e da personagem Clara. Ambos vinham de famílias que pertenciam a esferas sociais distintas do subúrbio do Rio de Janeiro. Lima Barreto descreve a família de Cassi Jones como se fosse pertencente a uma espécie de aristocracia suburbana pelas ocupações e redes de sociabilidade estabelecidos pelos seus membros. O que em Lima Barreto entendemos como uma 'aristocracia', a partir da *Gazeta Suburbana* temos uma percepção sobre os elementos que configuravam a vida dessas pessoas que tinham determinadas ocupações e maior renda nos subúrbios da cidade.

---

[258] **Gazeta Suburbana**, 1910, n. 8, p. 2.

Não se pode desconsiderar o elevado número de habitantes dos bairros suburbanos que eram analfabetos, como foi indicado pelo recenseamento de 1906. Além disso, o mesmo censo indica um número considerável de trabalhadores autônomos ou de profissões não declaradas. No caso específico do Méier, a ocupação que possui maior registro entre seus habitantes é o de trabalhadores domésticos, registrando um número de 4.860 pessoas. Destes, 3.823 eram mulheres. Jornaleiros, trabalhadores braçais, profissões mal especificadas, classes improdutivas, desempregados e aqueles que não declaravam suas profissões somavam um total de 9.422 pessoas. Somado este número ao de domésticos atinge-se a marca de 14.282 pessoas que residiam no Méier e que ocupavam estas posições no mercado de trabalho, quase 40% de sua população. [259]

Nitidamente os distritos suburbanos eram compostos por classes sociais distintas e conflitos eram estabelecidos de formas variadas. Porém, essa pluralidade nos permite concluir que nestes bairros existiam desigualdades sociais, havendo pessoas com maior estabilidade financeira, patrimônio e com cargos políticos ou ocupacionais de maior qualificação, e outros habitantes que eram pertencentes as camadas populares que sofriam com acesso à moradia, higiene e outros serviços importantes. No caso específico da *Gazeta Suburbana*, observamos parte do olhar de uma classe social que se diferencia das camadas populares da população suburbana, o que talvez pudéssemos entender enquanto uma espécie de classe média suburbana, composta por ocupações de maior renda e prestígio social. Nota-se que estas pessoas criavam redes próprias de sociabilidades e demandavam questões muito particulares no que toca a realidade dos suburbanos. Quando se analisa a sessão **Risos e Lágrimas**, percebe-se que a folha suburbana não busca dialogar com estes trabalhadores de baixa remuneração, autônomos ou pessoas sem ocupação declarada. Não são os pobres que tinham os seus apelos e demandas representadas pelos redatores e colunistas da *Gazeta Suburbana*, mas sim um conjunto de pessoas que pertenciam as classes sociais que possuíam maior renda, prestígio e ocupação no mercado de trabalho ou nos setores produtivos. A *Gazeta* não era apenas uma voz que reivindicava as demandas dessa população, mas também foi um veículo que expressava diversos elementos de sua vida cotidiana, suas redes de sociabilidade, suas atividades, seu lazer, entretenimento e seus descontentamentos.

---

[259] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento de 1906**, p. 319.

3.2 A *Gazeta Suburbana* na busca pelos melhoramentos do subúrbio.

Quando se analisa os periódicos suburbanos observa-se o quanto muitas destas publicações tinham como objetivo claro ser uma espécie de porta-voz dos interesses dos moradores de bairros suburbanos. Essa perspectiva era evidente na proposta da *Gazeta Suburbana* desde a sua inauguração, mantendo-se fiel ao longo dos anos que o periódico existiu. Em suas edições, para além de noticiar os acontecimentos ocorridos nos bairros suburbanos, o jornal assumia como elemento constitutivo um tom de denúncia sobre o considerado estado de abandono da região, especialmente quando comparado com a região central do Rio de Janeiro. O descaso do poder público é um tema recorrente nas publicações da *Gazeta*, sendo referido nas colunas e notícias do jornal. Era uma marca deste periódico os seus editores e redator utilizarem os espaços na primeira página para dissertar em prol dos suburbanos. Vejamos o trecho de um artigo publicado na capa da segunda edição publicada em 15 de setembro de 1910.

> **PORQUE VIVE DESPREZADA A ZONA SUBURBANA?**
>
> Em nosso artigo programma dissemos que os suburbios, apezar de seu desenvolvimento, são desprezados pelas auctoridades municipaes. Ninguém pode contestar tal afirmação.
>
> Os subúrbios nunca mereceram a attenção seria quer da municipalidade, quer do governo. Para se ter a prova evidente do que affirmamos basta fazer um rapido passeio por esta zona. As ruas suburbanas não merecem este nome: não há calçamento, não há limpeza: ou estão todas esburacadas ou então transformadas em matagal.
>
> Nos suburbios não há policiamento : os vagabundos, os ladrões vivem em plena liberdade sem temer cousa alguma.
>
> Nos suburbios não há *hygiene*, não há fiscalização, não cousa alguma.
>
> Qual o motivo deste desprezo, deste pouco caso voltado a uma zona, onde reside pelo menos um terço da população do Disctrito Federal? Porque razão continua esquecida e abandonada uma zona que paga como qualquer outra? Francamente, não podemos encontrar um motivo que justifique tal proceder, e somos obrigados a reconhecer que é um desprezo criminoso, um abandono injusto, um esquecimento imperdoável. Continuamente são empreendidas novas obras na zona urbana, gastam-se somas fabulosas em melhoramentos que poderiam ser adiados e os suburbios continuam na expectativa. [...] [260]

Os posicionamentos que o corpo editorial da *Gazeta Suburbana* busca assumir publicamente expressa o seu descontentamento com a situação de descaso que os bairros suburbanos sofriam diariamente e que impactavam a vida de sua população. Há no artigo destacado um tom de denúncia contra a precariedade de serviços sob a responsabilidade da prefeitura do Rio de Janeiro. Segundo o texto, o poder público municipal privilegiava os

[260] **Gazeta Suburbana**, 1910, n. 2, p. 1.

bairros inclusos no chamado perímetro urbano, que incluíam, no caso, os distritos do centro e da zona sul. Notemos que os autores utilizam palavras específicas para ilustrar a situação dos subúrbios como abandono, descaso, esquecimento e desprezo. Estes artigos ou notas que denunciam a falta de políticas públicas nos bairros suburbanos por parte da prefeitura são recorrentes nas capas da *Gazeta Suburbana* durante o biênio 1910-1911. Na edição número 7, datada do dia 7 de outubro de 1910, novamente observamos o periódico assumindo em sua primeira página o tom denúncia em relação à precariedade de serviços e infraestrutura nos bairros suburbanos, acusando a prefeitura de omissão perante os deveres que tinha para com os moradores. Segue o artigo:

> **Verdades**
>
> Penosa é a tarefa que expontaneamente nos impuzemos do envidar todos os nossos esforços no sentido de obter das autoridades da União e da Prefeitura os melhoramentos de que carece a zona suburbana. Para conseguirmos esse desideratum bem sabemos os sacrificios porque teremos de passar e os dissabores que nos estão reservados pela maneira energica com que vamos agir reclamando a quem de direito aquillo a que esta infeliz zona fez jus não só porque contribue para os cofres da União e da Prefeitura com pesadíssimos impostos, como também e principalmente porque ella é parte integrante do Distrito Federal. [...][261]

Neste primeiro trecho do artigo destacado notamos a postura incisiva que o jornal irá assumir na busca por reinvidicar perante a prefeitura e ao governo federal os direitos dos suburbanos, especialmente pelo fato destes sofrerem o peso das tributações exigidas pelo poder público. Mais a frente, o texto nos traz outras informações importantes.

> Para a cobrança de impostos quer de industrias e profissões, quer prediaes e para construcções ella está equiparada ao Centro da Cidade, entretanto os melhoramentos os mais indispensáveis são negados como se estivessemos supplicando favores. [...]
>
> O Estado lastimoso em que se acham as ruas, as estradas e pontes suburbanas , provam mais exuberantemente que as nossas palavras que vivemos em uma zona completamente abandonada. A morosidade com que esta sendo feito o calçamento de algumas ruas, como sejam 24 de maio, Archias Cordeiro, Dr. Manoel Victorino e Praça do Encantado já revolta.
>
> As reclamações feitas no sentido de concluir-se essas obras não encontram echo na Prefeitura onde assumptos mais importantes certamente prende a attenção do Prefeito e dos seus innumeros auxiliares.
>
> Os prejuízos decorrentes dessa demora injustificável são incalculaveis principalmente para o Commercio. Não ha dia em que não vejamos carroças conduzindo generes ou productos da pequena lavoura horas e horas prezas nos profundos lodaçaes em que foram transformadas aquellas ruas. [...] [262]

---

[261] **Gazeta Suburbana**, Todos os Santos, 1910, n. 7, p. 1
[262] *Ibidem.*

Este artigo intitulado **A Verdade** não tem sua autoria divulgada, o que nos faz presumir que tenha sido outro texto escrito pelo redator chefe ou por um dos editores, que por sua vez, eram proprietários do jornal. No trecho anterior observa-se o autor destacando a precariedade nos serviços de transporte impactando as atividades econômicas locais. É notável o tom de indignação ao relatar o quanto as obras públicas, reformas e melhoramentos de calçadas em ruas, avenidas e praças prejudicam a indústria e o comércio local, não necessariamente pela sua realização, mas pela forma que são tocadas. As críticas ao poder público assumem um tom severo, pois observamos como os atrasos em obras ou pouca oferta de serviços de qualidade no que tocam a transporte, calçamentos e esgotos, atingem os interesses dos empresários e comerciantes, e consequentemente o desenvolvimento da região. Mais do que isso, destaca-se o fato de que os empreendimentos nos subúrbios como indústrias, comércios e outras atividades pagam as mesmas taxas de impostos que os bairros centrais e não desfrutam do mesmo tratamento pela prefeitura.

Em artigo intitulado **Em Prol dos Suburbios,** publicado na vigésima segunda edição do periódico e datado do dia 5 de fevereiro de 1911, temos mais uma demonstração do descontentamento do corpo editorial em relação ao poder público.

> **Em Prol dos Subúrbios**
>
> Continuamos sem solução os dois magnos problemas suburbanos: a canalisação do esgoto do Engenho de Dentro a Cascadura, e illuminação da Piedade, D. Clara até o Largo do Campinho.
>
> Estamos certos que tanto o sr. ministro da Viação conheça de *visu* [sic] a procedencia dessa justíssima aspiração do povo suburbano, dará providências necessarias para o inicio das obras.
>
> Solicitamos de s. ex. uma visita a essa zona, afim de que verifique quando tem sido criminosos o governo Federal e Municipal, abandonado por completo uma grande parte do Disctrito Federal, lembrará somente para pagamentos de impostos.
>
> O que solicitamos dos poderes competentes não são obras de luxo, como as que tem sido feitas no Centro da Cidade, mas somente aquellas que dizem respeito à saude e o bem estar de enorme população que em compensação aos impostos com que contribue para os cofres publicos só tem tido o desprezo e a indiferença quer do governo Federal que Municipal. [...] [263]

No texto acima observamos alguns pontos importantes mencionados pelos editores da *Gazeta*. A folha, através de seus representantes, cobra dos poderes públicos, tanto municipal quanto federal, maiores investimentos e cuidados na zona suburbana. Questões como a canalização da rede de esgotos no Engenho de Dentro, iluminação nos trechos que seguem das estações de Piedade, Dona Clara e o Largo do Campinho. Outro aspecto importante é a menção que o texto faz as cobranças de impostos municipais sobre a população suburbana e

[263] **Gazeta Suburbana**, 1911, n. 22, p. 1.

que não são revertidos em atendimentos e serviços para os moradores da região. Em outro artigo publicado na primeira página da edição de número 23, intitulado **Sempre pelos suburbios**, observamos um movimento semelhante dos editores da *Gazeta Suburbana*, onde a denúncia assume agora um tom de convocação para a população suburbana. Segue o trecho.

> **SEMPRE PELOS SUBURBIOS**
>
> Por mais de uma vez destas columnas temos appellado para a boa vontade do povo suburbano afim de que este se una, se congregue para obter os melhoramentos de que tanto carecemos.
>
> Infelizmente nossa voz não têm encontrado echo e o povo continua indifferente esperando tudo do governo.
>
> Já fizemos notar quando pode a união com o exemplo da Associação Protectora de Villa Izabel que, devido a sua tenacidade e constancia, tem conseguido para aquelle arrabalde melhoramentos que pareciam irrealizaveis.
>
> Entre nós, porém, nada consegue firmar-se e toda a tentativa morre logo ao nascer.
>
> Parece-nos que o povo suburbano não está ainda convencido de seus direitos e de sua força e julga um favor qualquer coisa que o governo nos faça.
>
> [...]
>
> Una-se o povo, funde si necessario favor uma associação, organise commissões e não se cance de perdir às auctoridades municipaes aquillo a que temos direito. Precizamos de um pouco de boa vontade, de alguma energia; não podemos de modo algum continuar na indifferença em que temos vivido até agora.
>
> Haja iniciativa particular e o governo ver-se à forçado a volver suas vistas mais attentamente para esta zona até agora criminosamente esquecida. [264]

Os trechos destacados de colunas e artigos da *Gazeta Suburbana* indicam que o periódico buscou assumir um papel que ia além de um jornalismo noticioso ou que buscasse enfatizar exclusivamente as redes de sociabilidade entre grupos sociais importantes dos subúrbios. O jornal assumia ao público um compromisso político e social para com aqueles que ele buscasse ser uma espécie de porta-voz, os moradores do subúrbio do Rio de Janeiro. Vimos, contudo, que há determinados recortes estabelecidos pelos proprietários e editores da folha que são fundamentais para entendermos a forma como o próprio subúrbio, seus bairros e moradores, são representados nas publicações. Ao analisar as edições da *Gazeta Suburbana* em seus dois primeiros anos, percebe-se que problemas graves que afetavam o cotidiano dos suburbanos vinham à tona com certa frequência. Problemas como falta de esgotos e saneamento básico, higiene, precariedade de ruas e avenidas, baixa qualidade nos serviços de transportes e insegurança constantemente são relatados nas folhas deste jornal.

É importante destacar que a oferta, reparos e reformas destes serviços ligados aos calçamentos, higiene, iluminação e saneamento dos espaços públicos seguiam os critérios estabelecidos pela municipalidade do Rio de Janeiro. Com a publicação do Código de

---

[264] *Ibidem*, n. 23, p. 1.

Posturas em 20 de setembro de 1892, diversos serviços que estavam sob a incumbência da União passaram a ser de responsabilidade do poder municipal. A Prefeitura e a Câmara Municipal determinavam as diretrizes sobre o uso destes espaços pela população e a forma de atuação do poder público. [265] Segundo a Postura, era de responsabilidade da municipalidade fiscalizar, regulamentar e padronizar toda a sorte de serviços fundamentais à cidade, como podemos ver em algumas de suas atribuições:

> [...]
> § 19. Regular o serviço de Hygiene municipal.
> § 20. Crear e regular todos os serviços referentes a casas de banho e lavanderias, feiras, mercados, theatros, espetaculos publicos, extincção de incendios, viação urbana e fabricas de qualquer natureza.
> § 21. Prover sobre a instituição e administração dos cemiterios, e sobre o serviço funerario, sendo-lhe, porém, vedado conferir monopolio ou privilegio
> § 22. Regular a policia sanitaria.
> § 23. Regular a abertura e denominação de ruas, praças, estradas e caminhos e sua policia , livre transito, alinhamento e embellezamento, irrigação, esgotos pluviaes, calçamentos e illuminação. [...]
> § 24. Regular o serviço de abastecimento de agua à população, curando dos mananciaes, fontes, chafarizes, aqueductos, etc.
> § 25. Regular a conservação e replanta das mattas e florestas, a guarda e conservação de parques, jardins, logradouros publicos e monumentos.
> [...] [266]

Na mesma Postura também foi estabelecido a obrigatoriedade do poder municipal em prover e regulamentar assistência à população da cidade, além de fiscalizar a execução dos serviços prestados. [267] Os agentes municipais também eram responsáveis pela aplicação de multas em caso de infrações cometidas por um cidadão. Além dos espaços públicos, o poder municipal também era responsável por fiscalizar obras e a salubridade de espaços particulares como prédios, habitações, casas de cômodos, entre outros. A Postura anterior, promulgada no dia 15 de setembro de 1892, também foi importante para esta questão já que havia estabelecido diversas medidas para a realização de obras na cidade, além da obrigatoriedade de se obter licença do Conselho Municipal para construir ou reformar dentro do perímetro urbano. Essa medida foi sendo reforçada nos outros decretos datados da década de 1890 e perduraram até o início do século XX. [268]

O que se nota é que através de uma série de decretos estabelecidos desde a década de 1890 - alguns datados até de antes da Proclamação - o governo municipal buscou recriar as

---

[265] **Código de posturas:** Leis, Decretos, Editaes e Resoluções da Intendencia Municipal do Disctrito Federal. Rio de Janeiro: Tipografia Mont'Alverne, 1894, p. 357.
[266] *Ibidem,* p. 362.
[267] *Ibidem,* p. 361.
[268] *Ibidem,* p. 339.

formas de uso do espaço urbano do Rio de Janeiro, como foi destacado no capítulo 1 deste trabalho. O interessante aqui é notar a relação que a população suburbana estabelecia com o poder público em seu dia a dia. Se analisarmos os artigos publicados pela *Gazeta Suburbana*, identificamos rapidamente que os representantes do periódico, assim como seus colunistas e boa parte de seus leitores, tinham conhecimento da responsabilidade da Prefeitura sobre a prestação de serviços à população carioca. Os reclames da população suburbana, trazidos à público pela *Gazeta*, ilustram não apenas o descontentamento da população suburbana, mas denunciam o descaso do poder público para com a região e cobram que as ações do governo municipal seja tão efetiva quanto as que ocorrem nos distritos centrais.

3.2.1 A questão sanitária e imobiliária através da *Gazeta Suburbana.*

Dos graves problemas enfrentados pelos suburbanos, sem sombra de dúvidas a questão sanitária nos bairros do subúrbio era uma questão recorrente no dia a dia da população. Questões como falta de sistemas de esgotos, coleta de lixo, limpeza e as epidemias eram mazelas graves enfrentadas pelos suburbanos e que, segundo o jornal, poucas ações efetivas eram realizadas por parte do Estado. Em longo texto publicado no dia 20 de outubro de 1910, os editores chamavam atenção para as epidemias e focos de doenças presentes em moradias suburbanas, especialmente da população mais pobre.

> **A hygiene nos subúrbios**
>
> [...]
> Ameaça-nos terrivelmente uma epidemia de *cholera* e sabem todos quanto seria avassaladora para essa zona o explodir dessa molestia. Certo o *Mal de Gauges* não irá perturbar o sono calmo, entre estofos de seda , do habitante do palacete fidalgo, sinistra e má, a molestia irá ao casebre rustico do operario mal alimentado , fazer presas preciosas as alegrias desse lar honrado e pobre. Ela irá, de porta em porta, zombando das medidas de energia que, então, serão inclementes e espalharão a dôr, o luto, enquanto as *brigadas* adestradas, como os carabineiros de opereta chegarão tarde para remediar o mal que um pouco mais de cuidado teria prevenido.
> As margens do leito da Estrada de Ferro *ahi* estão canaes de agua estagnada, que nas estações onde não ha a conveniente canalisação de aguas servidas, são o deposito de toda a sorte de immundice. As auctoridades não poderiam providenciar no sentido de, senão extinguir esses riachos infectos, ao menos traze-los um pouco mais limpos?
> Agora mais que nunca se torna precisa a fiscalisação cuidadosa da alimentação publica. O cholera se transmitte por via gastrica e no entanto não se vê medida alguma que nos dê a consolação de que a auctoridades ás quaes incumbe zelar pela nossa saúde, estão attentos e cuidadosos para previnir a irrupção do mal. [...] [269]

[269] **Gazeta Suburbana**, 1910, n. 7, p. 1

O trecho destacado evidencia o estado de calamidade sanitária no qual a população suburbana mais pobre vinha sofrendo pela falta de assistência dos agentes sanitários. A falta de infraestrutura, encanamentos, higienização e tratamento de esgotos nas residências pobres lhes transformavam em espaços propícios para a disseminação de doenças como a tuberculose, cólera, varíola e a gripe. O texto chama atenção para o descaso do poder público em assumir medidas enérgicas que possam conter o avanço de doenças, especialmente para resguardar àqueles que se encontram em estado de vulnerabilidade pela pobreza.

Como observamos nas Posturas de 1892, a Prefeitura tinha a responsabilidade de fiscalizar a higiene e salubridade dos espaços públicos e privados da cidade. No caso das habitações e imóveis não públicos, as leis municipais estabeleciam a fiscalização através dos agentes sanitários. Estes por sua vez recebiam autorização para inspecionar casas e prédios de forma que as pessoas que lhes ocupassem seguissem as normas determinadas pela Prefeitura com o objetivo de fiscalizar a higiene destes espaços, combater possíveis focos de transmissão de doenças e as condições de habitações dos residentes. A precariedade das casas da população mais pobre evidenciava como estes eram espaços vulneráveis a propagação de doenças pelas más condições de higiene. Somente no ano de 1904, dentro do contexto de reformas urbanas realizadas no Rio de Janeiro, que foi criada a Superintendência do Serviço de Limpeza Pública e Particular, que efetivaria as políticas públicas sanitárias da cidade para a municipalidade. [270]

As novas políticas sanitárias adotadas pela Prefeitura consolidam o esforço do poder público de combater as epidemias da cidade, a higienização das ruas, a coleta de lixo nas ruas e residências, além da ampliação do sistema de abastecimento da cidade. Damazio (1996) chama atenção para o fato de que o Rio de Janeiro sempre sofreu com graves problemas de distribuição de água para as residências cariocas. A falta de água limpa dificultava a realização de serviços domésticos, da alimentação, para a higienização pessoal e da residência. Além desses fatores, a escassez de água contribuía para o aumento na disseminação de doenças na população. Mesmo com as novas políticas sanitárias e com um novo sistema de abastecimento adotados pela Prefeitura, o aumento populacional da cidade e sua expansão para outras áreas mais distante faziam com que tais medidas fossem insuficientes para atender as demandas dos cariocas. [271]

Em notícia publicada na décima edição do jornal, datada do dia 13 de novembro de 1910, novamente é trazido a questão sanitária ao público. Abordada de uma forma diferente

---

[270] Decreto nº 482, de 4 de maio de 1904.
[271] DAMAZIO, 1996, p. 74.

do artigo que analisamos anteriormente, vemos alguns pontos sobre a questão que cabem ser analisados.

Com a Hygiene

> Chamamos a attenção do inspector sanitario do 9º districto para a casa n. 51 da rua Araujo Leitão, no Engenho Novo.
>
> Esta casa, onde já funccionou um collegio, está transformada em casa de commodos ou casa de alugar aposentos, como diz seu arrendatário, e lá moram diversas famílias. Bem perto, no proprio terreno cercado existe uma valla de agua estagnada que reune uma nuvem de mosquitos ferozes. Tivemos occasião de ver algumas crianças cheias de feridas produzidas pelas mordeduras de mosquitos.
>
> Há além disto dois aposentos sem soalhos unicamente cimentados e onde dormem varias pessoas. A hygiene na casa não existe. O inspector sanitario poderia fazer uma visita a alludida casa e tera occasião de observar outras cousas que o obrigarão a providencias urgentes. Esperamos tal visitas. [272]

Como observamos na Postura de 1892, a Prefeitura tinha por responsabilidade de fiscalizar a higiene e salubridade dos espaços públicos e privados da cidade. No caso das habitações e imóveis não públicos, as leis municipais estabeleciam a fiscalização através dos agentes sanitários. Estes por sua vez recebiam autorização para inspecionar casas e prédios de forma que as pessoas que lhes ocupassem seguissem as normas determinadas pela Prefeitura com o objetivo de fiscalizar a higiene destes espaços, combater possíveis focos de transmissão de doenças e as condições de habitações dos residentes. Os espaços coletivos como as casas de cômodos, cortiços e outras formas de habitações populares foram alvos de constante inspeção dos agentes sanitários da prefeitura. [273] Miyasaka (2011) demonstra que os casos de fiscalização dos agentes municipais sobre as residências e edifícios suburbanos eram mais rigorosos e frequentes do que aqueles localizados nos bairros centrais. Apesar dos critérios valerem para toda a região urbanizada da cidade - e isso inclui diversos bairros suburbanos como o Méier, Andaraí, Engenho Novo e Inhaúma - os autos de infrações apresentavam um índice de ocorrências consideravelmente maior nos subúrbios. [274]

O artigo publicado pela *Gazeta Suburbana* denuncia a presença de uma casa de cômodos localizada no bairro do Engenho Novo. Segundo o texto, este era um espaço habitado por diversas famílias e considerado insalubre, com péssimas condições de higiene e local de possível foco de transmissão de doenças. Ao final do texto, o autor convoca as autoridades sanitárias a fazerem uma inspeção no local. O que fica evidente nesta publicação

---

[272] **Gazeta Suburbana,** n. 10, p. 2.
[273] **Código de posturas:** Leis, Decretos, Editaes e Resoluções da Intendencia Municipal do Disctrito Federal. Rio de Janeiro: Tipografia Mont'Alverne, 1894, p. 339.
[274] MIYASAKA, 2011, p. 114.

é a forma como espaços de habitações coletivas são mal vistos aos olhos de uma determinada parcela da população suburbana. Casas de cômodos, estalagens, cortiços e antigos palacetes são considerados lugares insalubres e inadequados para a ordem pública.

Com os decretos estabelecidos no Código de Posturas, desde 1892 existiu um esforço do poder público em proibir a construção de novos cortiços na cidade. A construção dessas habitações populares e coletivas foram proibidas no antigo perímetro urbano da cidade, especialmente nos distritos centrais. Nos distritos mais afastados, especialmente nos subúrbios, os cortiços e casas de cômodos precisavam seguir uma série de critérios técnicos em conformidade com o que havia sido estipulado pela Prefeitura.

O texto chama atenção novamente para a insalubridade dessas habitações coletivas. Independentemente de qualquer juízo de valor assumido pelo autor, a precariedade de infraestrutura e salubridade dessas moradias coletivas eram uma realidade para a população mais pobre do Rio de Janeiro. Nos subúrbios, pelo afastamento com a região central e pela forte presença de trabalhadores residindo nestes distritos da cidade, a presença dos cortiços e de outras habitações populares marcavam forte presença. O artigo acaba por nos mostrar a vulnerabilidade em que a população suburbana mais pobre se encontrava. Como Damazio (1996) evidencia, estes espaços se tornavam o foco de transmissão de doenças pela insuficiência no abastecimento de água limpa para atender as demandas destas pessoas, que inviabiliza a realização de serviços e higiene, e sem mencionar o acúmulo de lixo recorrente nestes espaços. A autora nos mostra a partir de dados estatísticos que no quadriênio de 1906-1910, cerca de 36% da taxa de mortalidade da população carioca era ocasionada por doenças transmissíveis. Em números precisos, mesmo após a implementação das novas políticas sanitárias e de combate à doença, 74.842 pessoas morreram vítimas de moléstias. Das doenças transmitidas, o maior número de casos registrados era o dos que sofreram por tuberculose, seguido pela varíola. [275] [276]

Esse alto índice de mortalidade evidentemente apresenta dados que possuem relação com os distritos suburbanos. Na mesma coluna da quinta edição da *Gazeta Suburbana*, traz relatos das mortalidades causadas pelas doenças nos subúrbios do Rio de Janeiro.

A Hygiene nos Suburbios

> Nunca é de mais chamar pela hygiene nos suburbios. Sabem todos quanto é avantajada a cifra mortuaria dessa zona da cidade e quanto ella o *habitat* predileto

[275] DAMAZIO, 1996, p. 74-75.
[276] BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Anuário de Estatística Demógrafo-Sanitária**. 1895. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910, p. 71-72.

> das epidemias que nos avassalam. Está ainda na memoria de todos, pela lagrimas que ainda humedecem os olhos envermelhados de dôr, de dôr de uma saudade interna pelos que se foram caminho do alem, a calamidade a que attingiu a epidemia da variola nos suburbios.
> Zona super povoada para qual affluem pela mais rasoabilidade das casas e das choupanas, as classes menos favorecidas da fortuna, para qual affluem aquelles aos quaes a molestia veio arrancando o último ceitil e cujo estado de miséria physiologico pode a therapeutica do ar, de ar peneirado pela vegetação dos campos, a zona dos suburbios devia merecer maiores cuidados , mais velada attenção de hygiene publica , não somente na sua esphera federal, mas também no que diz respeito ás medidas de natureza municipal. [...] [277]

Os artigos nos mostram a situação de vulnerabilidade da população mais pobre do subúrbio no que tange à saúde e salubridade. Além disso, são textos que reiteram a cobrança de uma ação mais efetiva dos agentes sanitários no combate aos problemas sanitários enfrentados na região.

Estes problemas enfrentados pelas classes mais desassistidas do Rio de Janeiro são tema recorrente nas páginas da *Gazeta Suburbana*. Além das questões relacionadas às moléstias, os artigos e notícias trazidos pela *Gazeta* sobre a saúde e higienização nos subúrbios também envolvem os problemas relativos ao esgoto e coleta de lixo nas habitações populares, reiterando os dados apontados por Damazio. Vejamos a publicação a seguir.

> **Esgoto nos suburbios**
> [...]
> Incontestavelmente o esgoto é o principal, senão unico factor da hygiene domiciliar, como dissemos em nosso artigo anterior. Nos suburbios, principalmente do Engenho de Dentro à Piedade existem innumeras avenidas, habitadas em sua maioria, por operarios. Nestas espeluncas , onde em verdadeira promiscuidade ha habitantes superiores a sua lotação, não tem quintaes porque todo o terreno foi occupado na construcção do maior numero possivel de cabiculos esquecendo-se os seus proprietarios, de proporcionar aos seus inquilinos os meios de, tanto quanto possivel, conservarem a hygiene relativa as suas condições. Acontece que não havendo onde fazer despejos, estes são feitos para a rua, reunindo-se as aguas estagnadas já existentes., aggravando os perigos a quem está sujeita a população desta zona. [...] [278]

Além dos problemas habitacionais, o texto evidencia a ineficiência dos serviços de esgoto e limpeza na região que abrange o Engenho de Dentro e Piedade. Cabe destacar que se tratavam de regiões povoadas e que possuíam estações de trens importantes ao deslocamento da população. A limpeza das ruas e coleta de lixo também serão temas recorrentes nas notícias da *Gazeta Suburbana*. Em denúncia feita no dia 19 de março de 1911, o periódico

---

[277] **Gazeta Suburbana,** Todos os Santos, 1910, n. 5, p. 1
[278] *Ibidem*, n. 12, p. 1.

apontava para a presença de terrenos baldios e devolutos que se tornavam espaços de acúmulo de lixo, dejetos, animais mortos e focos de mosquitos. Segue o texto.

Agora com a Hygiene:

> O terreno devoluto, deposito de animaes mortos, latas velhas, papeis, trapos, ainda continua e cada vez *peior*. Este terreno que fica em frente de rua não é cercado, parece que por este motivo converteram-no em Ilha da {ilegível). Os moradores da rua Vinte e Um de Abril e adjacentes, mais algum tempo terão de por alli, transitarem munidos de desinfectantes.
> Vamos a ver, se isso, que ainda apontamos, desapparece.
> Se assim for, não deixaremos de registrar os nossos agradecimentos aos senhores da Limpeza Publica e da Hygiene.
> Esperemos. [279]

Este texto mostra que os problemas sanitários não se restrigiam apenas às habitações coletivas e da população mais pobre, mas eram apresentados nos espaços públicos como terrenos sem ocupação. Em vários relatos trazidos pelos representantes da *Gazeta Suburbana* são mencionadas problemas relativos aos calçamentos, limpeza das ruas, crescimento de matos e alagamentos. Em artigo de autoria de um representante chamado Alfredo Nunes, publicado em 16 de abril de 1911, o periódico novamente chama atenção para os problemas enfrentados pela população suburbana em espaços públicos trazendo questões relativas não apenas à higiene pública, mas também a manutenção de vias, iluminação e calçamentos. Segue o artigo.

Os que mais sofrem

> Quanto ao resto é somente estes, promessas de calçamento de ruas, levantando-se as mal assentadas pedras que nellas existam e, deixando-as ficar cheias de buracos e entulhos; inobservância de todas as posturas, isto é, consentindo na criação de suinos caprinos em plena rua, a esmo diariamente se vê, não se incomodando com os despejos de lixo em terrenos não edificados, permittindo que os mercadores ambulantes pratiquem toda a sorte de exploração, como por exemplo, os peixeiros que até alta hora do dia apregoam o seu peixe muitas vezes deteriorado, enfim é um descalabro, o serviço perfeitural nos suburbios.
> [...]
> A rua Augusto Nunes, uma das ruas mais bem localisadas do logar por se achar quasi que fronteiramente à estação de Todos os Santos, tendo um numero consideravel de predios, não mereceu, até hoje, a attenção do sr. engenheiro do districto do Engenho Novo, pois, si deste modo, faltamos, é porque, não obstante as reclamações que lhe tem sido feitas pela imprensa consente que aquella rua esteja dividida em duas partes, tendo ao centro uma enorme chacara.
> Então, o engenheiro não sabe as consequencias que causa aos moradores, uma rua dividida em dois pedaços? [280]

---

[279] *Ibidem*, 1911, n. 27, p. 2.
[280] *Ibidem,* 1911, n.31, p. 1.

O texto acima destaca vários dos aspectos que temos discutidos sobre as questões relativas aos cuidados, manutenção e oferta dos serviços fundamentais à população suburbana. São trazidos relatos acerca de entulhos e lixos que se acumulavam em terrenos e ruas suburbanas, o que evidencia os problemas sanitários em espaços públicos e de circulação de pessoas. Outro fato mencionado pelo autor é a presença comum de animais como cabras e suínos que circulavam pelas ruas localizadas em determinados trechos públicos do subúrbio carioca. Além dos animais criados em moradias suburbanas ou que transitavam em espaços públicos, também temos relatos da presença de vendedores ambulantes circulando pelas ruas suburbanas. No caso específico trazido pelo autor, a presença dos peixeiros exemplifica os transtornos causados pela existência destes vendedores nos espaços públicos suburbanos como a sujeira, os odores e a baixa qualidade dos produtos vendidos. Sobre a criação de animais em residências suburbanas, em uma denúncia publicada na sessão **Queixas e Reclamações** feita em janeiro de 1911, também têm-se o relato de criação de animais nas proximidades da estação Frontin:

> Os moradores da Estação Frontin queixam-se, e com razão, de que na rua Vinte e Um de Abril existe um terreno que é adubado com animaes mortos, latas velhas, papeis, etc.
> Para maior esclarecimento dizem isto parte de duas vendas ahi existentes, que estão convertendo o dito terreno em ilha da Sapucaya.
> Assim, pois, endereçamos esta queixa a Hygiene Publica para que providencie.
>
> Escrevem-nos:
> "Sr. representante da *Gazeta.*
> Pedimos chamar a attenção das autoridades competentes para uma criação de porcos à rua Lucinda Barbosa n. 15, na Estação Frontin.
> A fedentina é tanta, que se desprende dos taes chiqueiros, que os moradores, ameaçados em sua saude, são obrigados a procurarem as casas dos seus amigos e parentes.
> Isto quer dizer que as posturas municipaes nessa estação são só para inglês ver. [281]

A menção a presença destes animais vai de encontro com as representações trazidas por Lima Barreto em *Clara dos Anjos* ao descrever determinadas localidades do subúrbio onde é constante a criação de animais pelos moradores e a sua eventual circulação nas calçadas. A queixa trazida pelo leitor na denúncia acima destaca a falta de fiscalização dos agentes municipais sobre a questão.

Percebe-se que nestas duas últimas publicações da *Gazeta Suburbana* destacadas são trazidos uma série de elementos que buscam por caracterizar um típico cenário de uma rua suburbana. Buracos nas vias, entulhos, circulação de animais, vendedores ambulantes, todos

---

[281] *Ibidem*, n. 21, p. 3.

estes são aspectos que se contrastam com os prédios e moradias localizados próximos as estações de Todos os Santos e Frontin. O texto identifica um determinado trecho da paisagem suburbana que é caracterizado pelas suas contradições estruturantes. No caso do entorno da estação de Todos os Santos, é apresentado o encontro entre os prédios e moradias suburbanas com a precariedade de serviços, a falta de políticas públicas e ações efetivas da Prefeitura, a falta de fiscalização dos agentes municipais, a insalubridade, entre outros aspectos.

A falta de estrutura e pavimentação das ruas podem ser identificadas em vários pontos do subúrbio. Em matéria publicada em 29 de janeiro de 1911 intitulada **As ruas suburbanas**, assinadas pelo colaborador João da Rua, o problema dos calçamentos e descaso do poder municipal com a conservação dos espaços públicos podem ser identificados nas proximidades da estação do Encantado, zona norte da cidade. Vejamos o texto.

> **As Ruas Suburbanas**
>
> João da Rua
>
> Rua Dois de Fevereiro
>
> Bem, poucos talvez conhecem, esta rua na estação do Encantado. De grande extensão e possuindo varias construcções a rua Dois de Fevereiro não mereceu até hoje a menor attenção por parte das auctoridades municipaes.
>
> Talvez esse desprezo provenha da pobreza de seus moradores. Sem nivelamento, transformados em alguns lagares num verdadeiro matagal, essa rua vive no mais completo abandono. Quando chove o transito é impossivel devido à muita lama. Apezar da delegacia não ser distante há absoluta falta de policiamento, vivendo os gatunos às soltas e os vagabundos na mais completa liberdade. Illuminação muito deficiente.
>
> Hygiene? Não se sabe lá o que é isto. A rua transforma-se em deposito de lixo, e nas proprias casas não há hygiene, propagando-se rapidamente qualquer molestia. Haja vista a variola que ha quasi dois annos, fez só nessa rua innumeras victimas. [...] [282]

Novamente a matéria faz menção a situação de descaso do poder municipal para com os espaços públicos relatando adversidades observadas em outros pontos da cidade como o Méier, Todos os Santos e Engenho de Dentro. São destacados no artigo problemas como falta de nivelamento das calçadas, insegurança, pouca iluminação, lixo nas ruas e a manifestação de doenças. Temos ilustrado nesta denúncia uma rua do subúrbio que exemplifica o tamanho das dificuldades enfrentadas pelos suburbanos.

Além dos problemas relativos à saúde pública, insalubridade, esgotos e calçamentos, os suburbanos sofriam com a falta de iluminação em diversos pontos. Não foram poucos os reclames e denúncias que a *Gazeta Suburbana* trouxe sobre a questão. Em notícia publicada em janeiro de 1911, o periódico expõe como a falta de iluminação atingia diversos pontos da zona suburbana:

---

[282] *Ibidem*, n. 11, p. 1.

> Reclamam os moradores da rua D. Alice, por nosso intermedio, providencias contras a falta de calçamento e de illuminação na referida rua. De facto não se comprehende a falta de illuminação nessa rua, quando é certo, que de Engenho de Dentro para cima em ruas quasi que desabitadas existe illuminação.
> Ao Sr. inspector de illuminação entregamos essa justissima reclamação, esperançados de que os reclamantes serão attendidos.[283]

Do ponto de vista da municipalidade, os relatos trazidos pelos artigos, notícias e denúncias da *Gazeta Suburbana* nos evidenciam a dificuldade - e em muitos casos, omissão - do poder municipal em implementar as normas e prescrições estabelecidas pela Postura de 15 de setembro de 1892. Como visto anteriormente, os artigos desta postura estabelecem os critérios para o uso do espaço público e privado no Distrito Federal, especialmente no que tange às construções e saúde pública. Cabe lembrar que esta postura estabelecia, também, a obrigatoriedade da Prefeitura oferecer à população serviços relativos à higiene, contenção e combate à epidemias, realização de obras públicas, iluminação, limpeza e transporte, além de toda assistência possível aos moradores da cidade. Do ponto de vista das políticas sanitárias, as publicações do periódico expõem a ausência de medidas efetivas ao combate de doenças, ampliação e instalação das redes de esgoto, coleta de lixo e limpeza das ruas, além da ineficiência no abastecimento de água nas residências dos suburbanos.

A Postura de 15 de setembro de 1892 também trazia prescrições bem específicas para a realização de construções, reformas e restauração de prédios, casas e logradouros na cidade. Contudo, os critérios adotados variavam de acordo com a região da cidade. No subúrbio, as normas implementadas eram diferentes daquelas estabelecidas para os distritos centrais. Isso evidencia que o poder municipal adotava políticas públicas e critérios diferenciados para as formas de uso do espaço público, variando de acordo com a região da cidade. De qualquer modo, todas as obras realizadas em espaços públicos ou edificações privadas precisam ser supervisionadas pelos engenheiros oficiais nomeados em cada distrito da cidade, segundo o artigo 16. [284] Isso indica que os distritos da cidade, inclusive os suburbanos, contavam engenheiros responsáveis pela aplicação das normas estabelecidas pelo Código de Posturas da cidade. O artigo analisado anteriormente questiona, após uma longa descrição do estado precário das ruas suburbanas, em especial a rua Augusto Nunes, a ausência do engenheiro responsável pela região de Todos os Santos.

---

[283] *Ibidem*, n. 18, p. 2.
[284] **Código de posturas:** Leis, Decretos, Editaes e Resoluções da Intendencia Municipal do Disctrito Federal. Rio de Janeiro: Tipografia Mont'Alverne, 1894,p. 354.

Miyasaka (2011) ao analisar a situação dos trabalhadores de Inhaúma demonstra que, apesar das regulamentações promovidas pelo poder municipal no que se referiam às questões sanitárias e imobiliárias tanto para os espaços públicos quanto para os prédios e residências particulares, os bairros suburbanos não recebiam a mesma atenção da municipalidade como ocorria na zona central da cidade. As construções suburbanas, especialmente aquelas pertencentes às camadas populares, se configuravam em espaços insalubres, que colocavam em risco a saúde dos seus ocupantes e contavam com a possibilidade de não terem acesso a água potável, redes de esgoto e coleta de lixo. Sem mencionar a ausência de serviços para a manutenção dos espaços públicos como ruas e calçadas. Os relatos trazidos pelos jornais confirmam o acúmulo de lixo e entulhos espalhados pelas ruas e nas portas das residências, vazamentos de esgotos, buracos nas calçadas, obras atrasadas e a transição de animais em vários pontos da zona suburbana. Segundo Miyasaka, a fiscalização e ofertas de serviços relacionadas ao saneamento básico, encanamento e rede de esgotos, não teriam a mesma efetividade das regiões centrais por parte da prefeitura.

3.2.2 O transporte ferroviário e a população suburbana segundo a *Gazeta Suburbana.*

Como abordado em capítulos anteriores, o transporte ferroviário possui um significado profundo para os bairros suburbanos do Rio de Janeiro. Observamos através das discussões trazidas por Fernandes (1995) que os sentidos atribuídos a categoria de subúrbio na cidade do Rio estão diretamente relacionado ao transporte ferroviário e à expansão das linhas férreas para outras regiões mais distantes. Além de ser o principal meio de transporte que permitia o deslocamento da classe trabalhadora de regiões mais afastadas ao centro da cidade, cabe destacar que o desenvolvimento dos bairros e distritos suburbanos se deram, em sua maioria, a partir das inaugurações das estações de trens cujas linhas ligavam à Central do Brasil.

Neste sentido, podemos observar através das fontes a centralidade que as estações de trens possuíam para a população que residia nos bairros suburbanos do Rio de Janeiro. As estações eram os principais pontos de referência aos suburbanos, onde se desenvolveram espaços de lazer e de encontros, atividades comerciais, entre outros serviços. Estes aspectos conseguem ser apresentados através das publicações da *Gazeta Suburbana*. Em coluna intitulada **Em ar de Conversa**, o colaborador do periódico que assinava sob o pseudônimo de Joãozinho apresenta um pouco da sociabilidade em torno das estações e praças suburbanas.

> **Em ar de conversa - Joãozinho**
> Os jardins publicos são procurados em toda parte como ponto de passeio. Na verdade, não há cousa melhor, que passear por entre as alamedas de um jardim, respirando um ar puro, olhando os que passam.
> Todas as cidades têm pelo menos um jardim e a nossa capital possue alguns.
> Os subúrbios, porém , que comprehendem uma vasta zona , onde reside pelo menos um terço da nossa população, não gozam desta regalia.
> Os moradores do suburbios não têm um logar onde possam commodamente distraír-se. O ponto predilecto são as estações. Aos domingos as plataformas das estações estão apinhadas de familias, de rapazes e moças. O ponto não é lá dos melhores e nem dos mais commodos: ha sempre o perigo de escorregar e ser apanhado pelas rodas de um trem. E no emtanto ha estações onde sem grande despeza poder-se- ia ter um jardim. Meyer está com um jardim promettido e auctorisado; Engenho de Dentro tem uma cousa a que chamam jardim. Em outras palavras, nos suburbios não ha jardins , e a população suburbana ou é obrigada a ficar dentro de casa, ou então sujeita-se ao incomodo de vir a um jardim do centro da cidade. [...] [285]

No texto acima pode-se identificar algumas questões importantes. O autor destaca a centralidade das estações de trem, mas não exclusivamente pelo fato deste ser o principal meio de transporte da população local, mas sim pela sua função social e cultural que estes espaços assumiam. A crítica do autor se dá ao fato de que a ausência de jardins e praças nos distritos suburbanos colocavam os suburbanos sem muitas opções de lazer. Segundo o texto, aos domingos as estações se configuravam em lugares que permitem o lazer das famílias, os encontros amorosos, a reunião de amigos, etc. Esse papel desempenhado pelas estações pode ser justificado pelo fato de em seu entorno estivam estabelecidos atividades econômicas que atendiam as demandas dos moradores locais.

Como trabalhado anteriormente, o transporte ferroviário não se restringia aos trens que faziam conexões do centro aos diversos bairros da cidade, mas contemplava o serviço de transporte local através dos bondes. Os bondes cumpriam um papel central no deslocamento da população suburbana, especialmente em distâncias relativamente menores e entre bairros próximos. As fontes nos indicam que o transporte de bondes marcou presença em diversos bairros suburbanos, porém, assim como outros serviços prestados à população, também estavam sujeitos a má qualidade e problemas.

Na sessão anterior vimos as dificuldades que a população suburbana atravessavam nas questões relativas à higiene, abastecimento de água, esgoto e moradia. Além destes graves problemas, os serviços de trens e bondes também apresentavam adversidades aos suburbanos como falta de manutenção, superlotação, péssimas condições de viagens, insegurança e desconforto nas estações, e atrasos. Vejamos a seguir uma matéria da *Gazeta Suburbana* datada de janeiro de 1911:

---

[285] **Gazeta Suburbana**, 1910, n. 7, p. 1.

> Quando candidata ao contracto de viação urbana, a Companhia Light, grande era o numero de obrigações a que se sujeitava, ficando até algumas d'ellas, fazendo parte do contracto assignado. Agora, depois que nada mais pretende, tendo os serviços regularisados, deixa de cumprir obrigações que acceitou, sem que o engenheiro fiscal de carris urbanos, faça a respeitá-las.
> Em seu contracto pensamos ter a Companhia se obrigado a conservar os seus carros limpos, pintando-os ao menos uma vez por anno, parecendo entretanto que até hoje, pouco tem merecido a sua attenção tal disposição. Os carros, todos sujos com as pinturas já muito velhas, cheias de pó, especialmente os de viagens longas, como as linhas suburbanas. Não seria dispendioso o uso de espanadores, de forma que chegando o carro aos pontos terminaes, o recebedor tornasse os poucos decentes espanado-os e [sic] as camadas de pó, que grande prejuizo causam aos passageiros.
> Se o sr. fiscal de carris, tomasse um desses bonds e viajasse até o ponto das linhas suburbanas, bem má impressão receberia e julgamos que não distaria muito uma intimação a Companhia para que cumpra com os seus contractos.
> Outro ponto, que bem poderia ser remediado pela directoria, é referente ao asseio do pessoal.
> É simplesmente nojento, o physico de grande numero de seus empregados, empoeirados, com as mãos sujas, enfim n'um relaxamento, que não julgamos ser motivado pelo seu pequeno ordenado, podendo perfeitamente ser reprimido pela companhia, como em principio o foi.
> Que estas ponderações, sejam attendidas, e o sr., inspector de carris, obrigue-a a cumprir os seus deveres. [286]

Os relatos trazidos pela matéria nos permitem discutir alguns pontos que cabe o destaque. Primeiramente, percebe-se a má qualidade de serviços dos bondes prestados pela Companhia Light, empresa que à época detinha concessão desta modalidade de transporte. O texto menciona a falta de manutenção e limpeza dos carros que acabam por causar incômodo e desconforto aos passageiros. O artigo também menciona a aparência suja dos funcionários, especialmente os operadores dos carros. Pelos relatos apontados, identifica-se a falta de fiscalização por parte da empresa que administra os serviços de bondes, especialmente por observar o estado em que este transporte apresentava aos seus passageiros. A matéria é enfática em afirmar que a empresa é omissa no cumprimento das cláusulas contratuais previstas para a operação do transporte.

Os problemas relativos ao transporte dos bondes também causavam impactos às ruas do subúrbio e àqueles que as transitassem. Na edição de número 25, a *Gazeta Suburbana* chama atenção para a poeira levantada pelos carros de bondes ao passarem pelas ruas.

> Em nome dos moradores das ruas servidas pelos bonds da Light, pedimos ao sr. prefeito, qualquer medida, que termine com a poeira que os mesmos levantam ao transitar.
> Nada merecerão a saúde e a propriedade dos suburbanos?
> Si existe bond nas ruas, porque não manda s. ex. calça-las? Cremos que a Municipalidade nenhum prejuízo terá com isto, e muito seriam beneficiados os suburbanos. [287]

---

[286] *Ibidem*, 1911, n. 21, p. 2.
[287] *Ibidem*, n. 24, p. 3.

É interessante notar a forma como as matérias e colunas sobre o transporte ferroviário nos subúrbios sempre assumiam um tom de denúncia diante da má qualidade dos serviços prestados à população suburbana. As edições da *Gazeta Suburbana* foram trazendo diferentes relatos e reclames sobre a condição do transporte na região. Em diversos momentos, o corpo editorial do periódico assumia um tom crítico mais enérgico em relação as autoridades competentes, exigindo a melhora nos serviços de trens. O transporte ferroviário era uma questão nitidamente sensível à população suburbana e o tema passa ter maior destaque no periódico. A partir da décima nona edição, datada de 15 de janeiro de 1911, é criada uma nova coluna voltada para o tema com o nome de **A Central do Brasil**. Apesar de não ser uma sessão constante no periódico, observamos denúncias importantes sobre a questão. São debatidos vários aspectos relativos ao serviço dos trens que eram ligados à estação Central do Brasil, no centro da cidade. Em texto inaugural, a coluna realiza diversos relatos sobre a precariedade do serviço ferroviário são feitos:

> [...] Diariamente os trens chegam a Central, com enorme atrazo, prejudicando aos funcionários, operários e empregados do commercio que tem hora curta para o inicio de suas occupações.
>
> Os desastres se reproduzem com a intensidade assustadora, não havendo quase que dia nenhum que não se veja no Engenho de Dentro carros e maquinas completamente escangalhados. Não sabemos a que atribuir essa série de desastres, se à incompetência dos conferentes e agentes nas estações do interior, se a imprestabilidade do material.
>
> As providencias tomadas por S.Ex. após os desastres cifram-se na suspensão ou demissão de alguns funccionarios e nada mais.
>
> Urge que o sr. ministro da Viação, tome energicas providencias, afim de por (*sic)* ao descalabro que reina na Central do Brasil [...] [288]

O trecho chama atenção para a frequência de transtornos ocorridos na estação do Engenho de Dentro em virtude do mal funcionamento das máquinas e carros. Também são destacados a falta de atenção e os constantes atrasos das partidas dos trens. Por fim, um detalhe não menos importante, é a responsabilização do descaso com o transporte ferroviário ao ministro da viação, que segundo o texto, não toma as providências necessárias para a melhoria dos transportes.

---

[288] *Ibidem,* n. 19, p. 1.

Na sessão **Queixas e Reclamações** da vigésima oitava edição do periódico, novamente o estado precário da estação do Engenho de Dentro é alvo de queixas.

> Chamamos a attenção do director da Central, para o estado em que se encontra a cobertura da estação do Engenho de Dentro.
>
> Quando chove, pouca diferença há entre estar na estação sob a tal cobertura ou no meio da rua. [289]

A queixa destacada evidencia como o estado precário em que se encontrava a estação do Engenho de Dentro era um problema que persistia, apesar das denúncias e reclamações dos passageiros. Cabe refletir sobre a dimensão dos transtornos causados à população suburbana pela precariedade de serviços de transporte oferecidos. Segundo Noronha Santos, somente na estação do Engenho de Dentro, entre os anos de 1886 e 1896, o número de passageiros transportados a partir desta estação foi de 4.542.508. [290] Se levarmos em consideração o expressivo aumento da população suburbana desde a segunda metade do século XIX, o número de passageiros nas estações suburbanas teve um aumento significativo. Como apontado por Noronha Santos, somente no ano de 1906, o número de passageiros suburbanos transportados pelas linhas férreas que levavam à Central do Brasil era de 19. 239.236. Em 1910, este número aumenta para 23.841.115 passageiros. Por fim, no ano de 1920, o número de pessoas transportadas atinge a expressiva marca de 36.654.388 passageiros.[291]

Pela quantidade de passageiros que circulavam anualmente pelas linhas férreas da Estrada de Ferro Central do Brasil e da Leopoldina Railway fica evidente o drama enfrentado pelos suburbanos no que toca ao uso dos meios de transportes e as suas dificuldades diárias de deslocamento. Uma parte significativa da população da cidade do Rio de Janeiro sofria com a má qualidade e transtornos gerados pelo transporte ferroviário. Em 30 de junho de 1911, em sua trigésima oitava edição, o colaborador e editor da *Gazeta* Souza Prata publica um longo artigo sobre a situação precária dos transportes ferroviários utilizado pelos suburbanos.

A Central do Brasil e os Suburbios

Souza Prata

> O pobre suburbano hoje em dia, quando *sahe* pela manhã para o seu trabalho na cidade, encomenda a sua alma a Deus, e se despede da familia como se fosse fazer uma longuíssima viagem; é que elle, coitado, não sabe se voltará ou não para o seio de sua familia, tal a falta de segurança nos trens de suburbios!

---

[289] *Ibidem,* n. 28, p. 2.

[290] NORANHA SANTOS, Francisco Agenor. **Meios de Transporte no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1934, v 1, p. 483.

[291] *Ibidem,* pp. 483, 495 e 498.

> Quando precisa de estar a hora certa em algum lugar, e recorre aos trens de suburbios, é absolutamente necessario que o tome o trem com 1 ou 2 horas de antecedencia... e muitas vezes, ainda tem a triste decepção de chegar atrazado!!!
>
> Os atrazos nos comboios suburbanos são tão frequentes, que, quando se tem a grande felicidade de chegar na Central com 5 ou 10 minutos apenas de atrazo é um verdadeiro milagre!!!
>
> O relaxamento e a falta de hygiene nos trens de suburbios é tal, que chega a causar verdadeiro pasmo a todos que necessidade de n'elles viajar.
>
> Os carros de que sem compõem os trens de suburbios, ficam dias e dias sem receberem a intervenção benefica de um vassoura! [...] [292]

O artigo do colaborador da *Gazeta Suburbana* relata que os atrasos das partidas e chegadas dos trens eram um problema diário. Segundo o autor, os atrasos de uma ou duas horas diárias se tornavam uma realidade em que os passageiros suburbanos tinham de conviver. Além dos problemas com os horários dos trens, o texto também relata a falta de higiene nas estações e no interior dos vagões. Em outro trecho do mesmo artigo, Souza Prata destaca a sujeira dentro dos carros e os transtornos gerados a partir disso.

> O carvão [sic], expellido pelas machinas devido a falta de limpeza nas mesmas, e também à má qualidade do carvão, accumula-se no chão, nas paredes e principalmente sobre os bancos dos carros, obrigando aos passageiros, quando estão de roupas claras, a forrarem os ditos bancos com os seus respectivos lenços , afim de não ficarem na dura contingência de verem suas vestes completamente sujas.
> Na maioria dos carros da Central, quando chove, viaja-se de guarda-chuva aberto tal a quantidade d'agua que entra pelos seus esburacados tectos.
> Quem tem necessidade de servir de um trem de suburbios deve sahir de casa armado de coragem, agilidade e resignação... [...] [293]

Além da falta de higiene e manutenção, os acidentes com os carros dos bondes e trens também eram denunciados pela *Gazeta Suburbana*. Vejamos a matéria publicada na capa da edição de número 40 em 30 de julho de 1911

> [...] Diariamente augmentam os incidentes : ora são pessoas victimas dos trens, ora victimas dos bonds, do trabalho, enfim os desastres são constantes.
> E, muitas dessas victimas morrem unicamente porque não encontram um socorro immediato, e quando não morrem, soffrem durante um longo tempo, ficando muitas vezes expostas a curiosidade publica, sem encontrar quem lhes suavise as dores.
> Por acaso a vida, a saude de um suburbano não são tão preciosas como a do morador do centro da cidade e dos arrabaldes chics?
> Neste ponto já é criminosoo desleixo das autoridades municipaes que parecem não ligar a minima importância à vida dos seus municipes. [...] [294]

Percebe-se a partir do texto que os acidentes envolvendo os carros de trens e os passageiros ocorriam com frequência nas estações e linhas suburbanas. Em muitos casos,

---

[292] **Gazeta Suburbana**, Engenho de Dentro, 1911, n. 38, p. 1.
[293] *Ibidem.*
[294] *Ibidem*, n. 40, p. 1.

aconteciam fatalidades pela falta de assistência médica na região. Essa informação se torna mais evidente se pensarmos nas dificuldades enfrentado pela população suburbana nos serviços de atendimento à saúde pública, como foi discutido na sessão anterior.

As notícias e denúncias publicados pela *Gazeta Suburbana* nos trazem um parâmetro sobre a realidade dos meios de transporte em diversos pontos da cidade, especialmente a zona suburbana. A média anual de passageiros nos permite entender que a questão dos transportes era um drama cotidiano enfrentado pelos moradores do subúrbio. Problemas identificados como os atrasos, superlotação, falta de manutenção, falta de higiene, desconforto e insegurança nas estações, além dos acidentes com os passageiros, se tornaram aspectos da má qualidade de serviços prestados a um meio de transporte de massas da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de fontes e representações distintas sobre o subúrbio do Rio de Janeiro nos permitiram refletir sobre alguns dos elementos cotidianos da vida de seus moradores e como a relação com conflituosa com o poder público foi uma constante. Apesar das diferenças fundamentais que caracterizam um texto publicado em um jornal, como uma notícia ou artigo, de uma obra de ficção, ambos nos proporcionaram possibilidades de pensar sobre importantes aspectos da população suburbana no início do século XX. Neste sentido, este trabalho buscou refletir, primeiramente, qual o sentido a palavra subúrbio assumiu na virada do século anterior no contexto da cidade do Rio de Janeiro e todas as implicações que, na prática, representavam para a vida dos moradores dessa região.

Como pôde ser esclarecido ao longo dos capítulos, no Rio de Janeiro a zona suburbana configurava uma realidade distinta para a população carioca. Com as transformações ocorridas a partir das reformas empreendidas pelo Estado e com o redirecionamento das políticas urbanas e sanitárias da cidade, fica consolidado uma outra maneira de pensar o Rio e as formas de uso de seu espaço urbano. Isso se refletiu em transformações dos distritos centrais com ampliações de ruas, construções de novas avenidas, demolições de prédios, remoções de habitações populares e uma série de medidas que envolviam as práticas e usos do espaço urbano pela população carioca. As novas políticas foram sendo implementadas a partir das promulgações de posturas que desde a década de 1880 buscaram trazer uma participação mais ativa e maior controle do poder estatal, especialmente no âmbito municipal, sobre as formas de uso do espaço público e a prestação de serviços estruturais à população.

Na caminho contrário ao novo sentido de cidade que se pretendeu, a zona suburbana teve seu crescimento populacional e desenvolvimento expressivo desde o último quartel do século XIX. Apesar do papel central do Estado na configuração urbana da cidade, os bairros suburbanos tiveram sua formação de uma forma que evidencia contradições. Ora observamos um certo distanciamento do poder público no que tange questões estruturais do desenvolvimento e dia a dia dos distritos suburbanos, ora observa-se o Estado atuando sobre determinados aspectos da vida dos suburbanos através de tributações e das autações aplicadas por agentes municipais. Como vimos, o transporte ferroviário constituiu um dos elementos fundamentais para o crescimento da zona suburbana, já que o desenvolvimento da região se deu no entorno das estações de trens que pertenciam as linhas férreas da Central do Brasil e da Estrada de Ferro Leopoldina. Os trens se configuraram no principal meio de transporte da

população suburbana pelo fato desta ser em sua maioria composta por trabalhadores e comerciantes, mas não exclusivamente apenas por estes quadros sociais.

Com a análise dos textos de Lima Barreto e das publicações da *Gazeta Suburbana* pudemos aprofundar uma reflexão sobre a zona suburbana do Rio de Janeiro a partir de agentes históricos que tiveram suas respectivas vivências no subúrbio do Rio de Janeiro. O fato de tanto Lima Barreto quanto o corpo editorial da *Gazeta Suburbana* estarem ambos localizados e produzindo durante o mesmo período em Todos os Santos nos permite discutir o papel desempenhado pelo bairro. O caráter residencial e ao mesmo tempo de estação intermediadora entre o Méier com outros distritos suburbanos pode ter sido um elemento facilitador para o estabelecimento de outras redes de sociabilidade e canais de comunicação destes agentes no subúrbio. Todos os Santos foi o ponto que permitiu que estes agentes sociais se integrassem à zona suburbana.

Dentro de uma perspectiva acerca da composição urbana e social destes bairros, percebemos que os distritos suburbanos do Rio de Janeiro possuíam aspectos particulares que os diferenciavam entre si e que podem ser notados até os dias de hoje. Se Todos os Santos, como vimos ao longo do texto, se caracterizou por um bairro predominantemente residencial, com um número menor de ruas e avenidas e uma baixa concentração predial, observamos um contraste quando o comparamos com os distritos próximos. Notamos que bairros como Méier, Engenho Novo e Inhaúma possuíam características distintas de Todos os Santos. Segundo Lima Barreto, o Méier era considerado quase que uma capital dos subúrbios pela quantidade significativa de estabelecimentos comerciais, ofertas de serviços, áreas de lazer como praças, parques e cinemas, além de iluminação e transporte. Este serviço pode ser destacado pela grande circulação de passageiros em sua estação de trem. Ou seja, enquanto Todos os Santos assumia, em tese, um papel intermediário e quase que secundário sob determinados aspectos, o Méier assumia um protagonismo econômico e social dentro da zona suburbana.

Inháuma se notabilizou pelo alto índice populacional que tivera nas primeiras décadas do século XX e pela diversidade de trabalhadores existentes no distrito. Estes contrastes ganham evidência quando comparados com regiões mais distantes ainda do centro como Santa Cruz e Campo Grande. Além disso, observamos que era comum em diferentes bairros suburbanos a existência de uma confluência de elementos urbanos e rurais presentes no dia a dia de seus moradores. Neste sentido, pode-se destacar o fato de que haviam bairros com maior grau de urbanização no que tange a infraestrutura e ao acesso de determinados serviços públicos do que outros.

Além destes contrastes mencionados, as fontes trouxeram outros elementos que nos permitem aprofundar a nossa reflexão e a desconstruir ainda mais uma imagem homogênea do subúrbio carioca. Observamos que os distritos suburbanos são áreas compostas por diferentes camadas sociais que apresentavam comportamentos, expectativas, vivências e ocupações completamente distintas entre si, mas que ao mesmo tempo compartilhavam experiências. Ficou evidenciado estes diferentes perfis de moradores suburbanos tanto nas obras de Lima Barreto quanto nas publicações da *Gazeta Suburbana*. No caso desta em específico, trata-se de um periódico que buscava representar os interesses de uma pequena burguesia e classes intermediárias do subúrbio, composta basicamente por comerciantes, profissionais liberais, funcionários públicos, trabalhadores autônomos, empresários, militares aposentados, intelectuais, entre outras ocupações de maior renda, qualificação e prestígio social. Um ponto que se pode destacar é o fato de no periódico quase não aparecer representado os interesses dos setores mais populares do subúrbio do Rio de Janeiro, muito menos de organizações que defendessem os interesses dos trabalhadores.

Por um outro caminho, Lima Barreto em seus romances, crônicas, artigos de jornais e contos nos apresenta um quadro social da população suburbana mais amplo, dando grande destaque as camadas populares. Em Lima Barreto nos traz representado em seus personagens operários, comerciantes, funcionários públicos, secretários, médicos, juízes, vendedores ambulantes, malandros, maquinistas, professores, jornalistas e entre outros trabalhadores. Também foram representados moradores do subúrbio cujas famílias tinham mais renda e prestígio social, que dotavam de determinados privilégios no que tange o lazer, a política, a educação e ao trabalho.

Os romances e contos do autor que foram analisados neste trabalho evidenciam tensões de ordem racial e social entre as personagens nas narrativas desenvolvidas. Lima Barreto em diversos momentos buscou retratar os conflitos existentes entre os moradores suburbanos o que nos faz repensar o subúrbio também como um espaço da cidade em disputa. Dos conflitos retratos pelo autor, o racismo ganha uma abordagem fundamental para as histórias contadas. Questões como a discriminação racial, o abandono e solidão de mulheres negras, a simplicidade e pobreza das famílias negras configuram a dimensão racializada dos bairros suburbanos do Rio de Janeiro, que além das diferenças socioeconomicas, também estava caracterizadas como um dos elemento centrais os conflitos raciais.

Além do caráter não homogêneo da população suburbana, fica evidente nas fontes a relação conflituosa da população suburbana para com o poder público. Um aspecto fundamental que pode ser encontrado nos textos de Lima Barreto e nas edições da *Gazeta*

Suburbana é o elemento de denúncia referentes ao descaso do poder público para com os bairros e a população suburbana, especialmente ao que se refere na oferta de serviços. Ambos são enfáticos em responsabilizar o poder público e seus representantes pela precariedade de serviços prestados à população suburbana referentes à pavimentação das ruas, funcionamento dos transportes ferroviários, higiene e saúde pública, iluminação e segurança. Também é destacado a falta de assistência dos governantes à população mais vulnerável.

É interessante notar que a precariedade de serviços fundamentais nos bairros suburbanos é um drama vivenciado por toda a população da região. Como vimos nas publicações da *Gazeta Suburbana*, os problemas apresentados referentes ao transporte, moradia, calçamentos e insalubridade atingiam não apenas as classes mais pobres, mas a todas as camadas sociais residentes no subúrbio. São trazidos relatos, queixas e reclamações sobre a falta de serviços e políticas públicas em diversos bairros do subúrbio do Rio de Janeiro. Em diversos momentos, os artigos e colunas da *Gazeta Suburbana* evidenciavam o quanto a falta de investimento na região prejudica o desenvolvimento do comércio e da indústria local. Isso demonstra que as relações da população suburbana com a municipalidade e a classe política era configurada numa relação de conflitos, denúncias e descaso pelo poder público.

Além da falta de investimento e manutenção nos distritos suburbanos, vimos que existiram determinados aparatos jurídicos que intensificam as disputas entre os agente do poder público e os moradores do subúrbio. O Código de Posturas estabelecido pela prefeitura, assim como outras leis municipais, delimitava as formas e usos do espaço público. No caso da população suburbana, observamos em diversos momentos como isso impactava diretamente a sua relação com os bairros. As reportagens da *Gazeta Suburbana* destacavam o quão diferente era forma de atuação dos agentes municipais e das obras de manutenção nas zonas suburbanas em relação aos bairros centrais. Enquanto os bairros do Centro e da zona sul como Botafogo, Copacabana, Glória e Ipanema recebiam toda sorte de investimentos, os distritos suburbanos sofriam com a precariedade e ausência de medidas efetivas para questões de ordem urbana. A ausência de políticas públicas eficientes na região era um fator que atingia a todos os moradores suburbanos, sem excessão. Em outras palavras, morar num bairro suburbano, independentemente da posição social de um indivíduo e sua família, significa enfrentar estes problemas estruturais no que tange a qualidade de vida da população.

Com estes apontamentos, buscou-se apresentar um pouco da complexidade da zona suburbana do Rio de Janeiro no início do século XX, durante a Primeira República. Como elemento de reflexão, as fontes nos apresentaram que desde o crescimento dos subúrbios da cidade, elementos de conflitos, contradições, descaso, precariedade, redes de sociabilidade,

laços associativos, espaços de pertencimento e lazer foram criados e repensados constantemente.

FONTES

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

_____.**Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Anuário de Estatística Demógrafo - Sanitária.** 1895. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910.

BRASIL. **Recenseamento do Império do Brasil...**, 1 de agosto de 1872. Rio de Janeiro, Of. da Estatística, vol. XXI.

BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento de 1890**. Rio de Janeiro, Of. da Estatística, 1901.

_____. **Recenseamento do Rio de Janeiro (DF)**. Realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Of. do Estado, 1907.

_____. Realizado em 1 de setembro de 1920. População do Rio de Janeiro (DF) Histórico da cidade e dos inquéritos censitários. v.2, n. 1. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1923.

_____. Realizado em 1 de setembro de 1920. v. 2, n. 2. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1924.

_____. Realizado em 1 de setembro de 1920. Estatística predial e domiciliária da cidade do Rio de Janeiro (DF). v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1925.

Código de posturas: Leis, Decretos, Editaes e Resoluções da Intendencia Municipal do Disctrito Federal. Rio de Janeiro: Tipografia Mont'Alverne, 1894.

Jornal Gazeta Suburbana. Todos os Santos, setembro de 1910 - setembro de 1911; abril de 1919 - ?.

Jornal Progresso Suburbano. Piedade, março - agosto de 1902.

NORANHA SANTOS, Francisco Agenor. **Meios de Transporte no Rio de Janeiro**. v 1. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1934.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de A.. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP – Instituto Pereira Passos, 4a ed., 2013.

AZEVEDO, André Nunes de (org.). **Rio de Janeiro: Capital e Capitalidade**. Rio de Janeiro: Depertamento Cultural/ Sr- 3 UERJ, 2002.

_____. **A Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso**. Rio de Janeiro: Editora Maud, 2017.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Edição 11. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BOTELHO, Denilson. **A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARVALHO, Bruno. **Cidade Porosa - Dois séculos de História Cultural do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. **A Cidade Narrada: a literatura como fonte para história urbana**. Santa Cantarina: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. São Paulo: Editora Unicamp, 2001.

COSTA, Carlos Eduardo Coutinho. **A "migração em massa" no pós-Abolição: os jornais e a migração de trabalhadores negros no período do pós-Abolição (Rio de Janeiro, 1888 - 1940).** In: MAIA, Andréa Casa Nova (Org.). O mundo do trabalho nas páginas das revistas ilustradas. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2015.

_____. **Faltam braços nos campos e sobram pernas na cidade: Famílias, Migrações e Sociabilidades Negras no Pós-abolição do Rio de Janeiro (1888 - 1940).** Curitiba: Appris, 2020.

CRUZ, Alline Torres Dias da. **Suburbanização e racismo no Rio de Janeiro: uma leitura de Madureira e Dona Clara no contexto pós-emancipação (1901- 1920)**. 164 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007

DAMAZIO, Sylvia F. **Retrato Social do Rio de Janeiro na Virada do Século**. Rio de Janeiro: EdUerj, 1996.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo S.A., 1964.

FERNANDES, Nelson da Nobrega. **O conceito carioca de subúrbio: um rapto ideológico**. In: Revista da FAU UFRJ - Subúrbios Cariocas. Rio de Janeiro: n. 2, p. 8-15, 2010.

_____. **O "Rapto Ideológico" da categoria subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)** Rio de Janeiro, UFRJ - Dissertação de Mestrado, PPGG, 1995.

KARASCH, Mary. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro.** 1808-1850. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

HARVEY, David. **O Direito à cidade**. In: Cidades Rebeldes: Do Direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2011.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto: Um Pensador Social da Primeira República**. São Paulo: Edusp, 2002.

MENDONÇA, Leandro Climaco. **Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920**. Dissertação (Mestrado em História Social)
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.

MIYASAKA, Cristiane Regina. **Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (1890 - 1910)**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de
Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Os trabalhadores e a cidade: a experiência dos suburbanos cariocas (1890-1910)**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2016.

NEEDLEE, Jeffrey. **The Revolta Contra Vacina of 1904: The revolt against the modernization in Belle- Epoque Rio de Janeiro**. In: Riots in the city – popular politics and the urban poor in Latin America, 1765 – 1910. USA: SR BOOKS, 1996.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017;

RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). **Lima Barreto. Toda Crônica**. Rio de Janeiro: Agir, 2004, vol. II.

SANTOS, Leonardo Soares dos. **Os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX**. Mneme (Caicó. Online) , v. 12, p. 257-280, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura Como Missão – Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1983.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Marcas da infância na vida de Lima Barreto**. In: Cultura e Sociedade – Brasil e Argentina. PONTES, Heloisa e MICELI, Sergio (Org.). São Paulo: Edusp, 2014.

_____. **Lima Barreto - Triste Visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SOARES, Luiz Carlos. **O povo de Cam na capital do Brasil: a escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX.** Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2007.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **O Modernismo no Rio de Janeiro – Turunas e Quixotes**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.